

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS,

EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Lieli Coelho Kolling

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS E  
PALEONTOLÓGICOS NO ALTO CURSO DA  
BACIA DO RIO DA VÁRZEA E REGIÃO NORTE  
DO RIO GRANDE DO SUL

Passo Fundo/RS

2024

Lieli Coelho Kolling

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS E  
PALEONTOLÓGICOS NO ALTO CURSO DA  
BACIA DO RIO DA VÁRZEA E REGIÃO NORTE  
DO RIO GRANDE DO SUL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de mestre em História sob a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.

Passo Fundo/RS

2024

CIP – Catalogação na Publicação

---

K81v Kolling, Lielī Coelho  
Vestígios arqueológicos no alto curso da bacia do Rio da Várzea e região norte do Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] / Lielī Coelho Kolling. – 2024.  
4.3 MB : PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2024.

1. História antiga - Rio Grande do Sul. 2. Arqueologia.  
3. Paleontologia. I. Ahlert, Jacqueline, orientadora.  
II. Título.

CDU: 902(816.5)

---

Catálogo: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira - CRB 10/2427

Lieli Coelho Kolling

Vestígios arqueológicos e paleontológicos no alto curso da bacia do rio da Várzea e região norte do Rio Grande do Sul.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de mestre em História sob a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.

Aprovada em 04 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA



---

Dr. Daniel Brasil Justi  
(UNIFESSPA)



---

Dr. Luiz Carlos Tau Golin  
(UPF)



---

Dr. Fabricio José Nazari Vicoski  
(UPF)



---

Dra. Jacqueline Ahlert  
(UPF)

Ao meu pai, Sandro, que sempre me incentivou a seguir o caminho da História e da Arqueologia.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, Sandro e Adriana, por sempre me incentivarem e possibilitarem seguir o caminho dos estudos.

Às minhas irmãs, Keity e Kamily, por serem suporte e lar.

À minha cachorrinha Luna, por todos os dengos e lambeijos durante a escrita desta dissertação.

À minha dinda, Mabel, por ser meu alicerce e exemplo de força, principalmente neste momento.

Ao Miguel por me ensinar sobre a leveza e ser companhia.

Ao meu afilhado, Heitor, por me ensinar todos os dias sobre o amor.

À minha avó, Elza, pelo amor e carinho.

À minha avó, Beti, que faleceu durante este período, minha eterna gratidão por sempre acreditar em mim e me ensinar sobre a bondade.

À minha orientadora, Jacque, por me fazer amar ainda mais a arqueologia, ser inspiração e não me deixar desistir, mesmo quando continuar parecia impossível.

Ao meu coorientador, Fabricio, por todas as contribuições.

Ao arqueólogo Maurício, por toda ajuda e auxílio.

A todos os meus amigos pelo incentivo e parceria, mas em especial ao Yuri, ao Rafinha, ao Anthony e à Eloisa, que contribuíram diretamente com esse trabalho.

A todas as pessoas que colaboraram e confiaram nesta pesquisa, meu agradecimento especial ao João, a Claudia, a Lurdes, à Dirce, ao Camilo, ao Egídio, ao Airton, à Loreni, ao José, ao Juliano e à Celmira.

Aos funcionários do Museu Olívio Otto e do Museu Histórico de Chapada, pela colaboração e auxílio.

Aos professores do PPGH, pela contribuição nesta jornada.

À Universidade de Passo Fundo e à CAPES, pelo investimento e oportunidade.

*“Só se preserva o que se conhece”.*

Cléo Alves Pinto de Oliveira

## RESUMO

Apesar do aumento considerável na quantidade de pesquisas paleontológicas e, principalmente, arqueológicas no estado do Rio Grande do Sul nos últimos anos, a região norte do estado ainda carece de pesquisas capazes de explicar os pormenores dos processos de ocupação do território ao longo da História Antiga. Nesse sentido, o presente trabalho busca apresentar o potencial paleontológico e arqueológico da região, especificamente dos territórios que hoje fazem parte dos municípios de Novo Barreiro, Chapada, Rondinha, Coqueiros do Sul, Carazinho e Braga no estado do Rio Grande do Sul, circunscrevendo a alta bacia do Rio da Várzea. Inicialmente, discorre-se sobre o período da fauna pleistocênica de mamíferos gigantes extintos, a megafauna, a conceitualização de paleotoca e as ocorrências registradas pelo Projeto Paleotocas, pioneiro e referência na área, bem como, o potencial paleontológico da região norte. Posteriormente, expõe-se de forma geral a História Antiga do Rio Grande do Sul e o potencial arqueológico na região do alto curso da bacia do Rio da Várzea. A região em tela é histórica e geograficamente caracterizada, apresentando os vestígios materiais como potencial arqueológico. Os artefatos estudados pertencem a duas tipologias de acervos, as coleções particulares, constituídas de objetos coletados por moradores dos municípios de Novo Barreiro e Rondinha, e coleções institucionais, pertencentes aos acervos arqueológicos do Museu Histórico Municipal de Chapada e do Museu Olívio Otto, localizado no município de Carazinho. Este último acervo, em razão do volume e característica dos artefatos, bem como, da procedência aproximada de sua localização - Distrito de Xadrez na década de 1970, à época pertencente a Carazinho e atualmente ao município de Coqueiros do Sul - é contemplado com maior ênfase. Além desses exemplares, buscou-se apresentar também os acervos da Região do Braga, atual município de Braga. Trata-se, assim, de distintas relações e funções com os remanescentes da História Antiga deste recorte geográfico. Os primeiros compreendem interação com a paisagem, acesso e intervenção direta das comunidades; os segundos encontram-se nas residências dos moradores, oriundos de coletas em áreas de plantio e margens de rios; enquanto o terceiro está sob a guarda de uma instituição, compondo sua reserva técnica. Considera-se, por termo, o grande potencial arqueológico da região norte do Rio Grande do Sul, em que pesquisas sistemáticas e projetos de escavação ajudariam a esclarecer os processos de ocupação e povoamento, compreendendo a presença de caçadores-coletores, grupos ceramistas e, mais recentemente, da interação de grupos étnicos distintos, chegados a partir do século XIX, com tais remanescentes.

**Palavras-chave:** História Antiga. Rio da Várzea. Potencial Paleontológico. Potencial Arqueológico.



## ABSTRACT

Despite the considerable increase in the amount of paleontological and, mainly, archaeological research in the state of Rio Grande do Sul in recent years, the northern region of the state still lacks research capable of explaining the details of the processes of occupation of the territory throughout Ancient History. . In this sense, the present work seeks to present the paleontological and archaeological potential of the region, specifically the territories that today are part of the municipalities of Novo Barreiro, Chapada, Rondinha, Coqueiros do Sul, Carazinho and Braga in the state of Rio Grande do Sul, circumscribing the upper basin of the Várzea river. Initially, it discusses the period of the Pleistocene fauna of extinct giant mammals, the megafauna, the conceptualization of paleotoca and the occurrences recorded by the Paleotocas Project, a pioneer and reference in the area, as well as the paleontological potential of the northern region. Subsequently, the Ancient History of Rio Grande do Sul and the archaeological potential in the region of the upper reaches of the Várzea river basin are presented in general. The region in question is historically and geographically characterized, presenting material remains as archaeological potential. The artifacts studied belong to two types of collections, private collections, made up of objects collected by residents of the municipalities of Novo Barreiro and Rondinha, and institutional collections, belonging to the archaeological collections of the Municipal History Museum of Chapada and the Olívio Otto Museum, located in municipality of Carazinho. This last collection, due to the volume and characteristics of the artifacts, as well as the approximate origin of its location - Xadrez District in the 1970s, at the time belonging to Carazinho and currently in the municipality of Coqueiros do Sul - is considered with greater emphasis . In addition to these specimens, we also sought to present the collections from the Braga Region, currently the municipality of Braga. It is, therefore, different relationships and functions with the remains of Ancient History in this geographical area. The first comprise interaction with the landscape, access and direct intervention by communities; the second are found in residents' homes, originating from collections in planting areas and river banks; while the third is under the custody of an institution, making up its technical reserve. In short, the great archaeological potential of the northern region of Rio Grande do Sul is considered, in which systematic research and excavation projects would help to clarify the processes of occupation and settlement, including the presence of hunter-gatherers, ceramic groups and, more recently, from the interaction of distinct ethnic groups, arriving since the 19th century, with such remnants.

**Keywords:** Ancient History. Várzea River. Paleontological Potential. Archaeological Potential.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tamanhos das tocas e seus possíveis escavadores.....	23
Figura 2 - Esqueleto de preguiça gigante na localidade de Salto Grande do Iguaçu - PR .....	24
Figura 3 - Táxons provavelmente envolvidos na produção de paleotocas .....	25
Figura 4 - Paleotoca em São José do Ouro .....	29
Figura 5 - Planta baixa da paleotoca de Erechim .....	30
Figura 6 - Local em que a paleotoca de Erechim foi evidenciada.....	30
Figura 7 - Entrada da paleotoca de Erechim.....	31
Figura 8 - Interior da paleotoca de Erechim .....	31
Figura 9 - Corredor de passagem da paleotoca de Erechim .....	32
Figura 10 - Desabamento no interior da paleotoca de Erechim .....	33
Figura 11 - Teto da paleotoca de Erechim.....	33
Figura 12 - Marcas de garras na paleotoca de Erechim.....	34
Figura 13 - Corredor de passagem da paleotoca de Erechim .....	34
Figura 14 - Interior da paleotoca de Erechim .....	35
Figura 15 - Final do corredor de passagem da paleotoca de Erechim.....	35
Figura 16 - Interior da paleotoca de Erechim .....	36
Figura 17 - Salão da paleotoca de Erechim .....	36
Figura 18 - Dormitórios da paleotoca de Erechim .....	37
Figura 19 - Acesso sul ao corredor dos dormitórios da paleotoca de Erechim .....	37
Figura 20 - Etapas de uma escavação de paleotoca.....	38
Figura 21 - Pesquisador Heinrich Frank inspecionando a paleotoca de Áurea.....	39
Figura 22 - Visita ao túnel de Novo Barreiro pela pesquisadora ainda quando criança.....	40
Figura 23 - Entorno da estrutura.....	41
Figura 24 - Entrada da estrutura .....	42
Figura 25 - Interior da estrutura.....	43
Figura 26 - Passagem estreita da estrutura .....	44
Figura 27 - Interior da estrutura.....	45
Figura 28 - Final da estrutura .....	45
Figura 29 - Possíveis marcas de garras.....	46
Figura 30 - Localização da estrutura de Rondinha .....	47
Figura 31 - Entorno da estrutura de Rondinha .....	48
Figura 32 - Entrada da estrutura de Rondinha.....	49

Figura 33 - Entorno da estrutura de Rondinha .....	50
Figura 34 - Interior da estrutura de Rondinha .....	51
Figura 35 - Sedimentos da estrutura de Rondinha.....	52
Figura 36 - Características da rocha da estrutura de Rondinha .....	53
Figura 37 - Possível paleotoca em Sertão.....	54
Figura 38 - Aluno da Escola João Batista Réus em visita à paleotoca de Novo Barreiro .....	55
Figura 39 - Animais da megafauna extintos no período de transição entre o Pleistoceno e Holoceno .....	59
Figura 40 - Formas comuns de pontas de projétil, furadores, pequenos raspadores pedunculados e pequenas folhas bifaciais da Tradição Umbu .....	66
Figura 41 - Formas comuns de artefatos líticos da Tradição Humaitá.....	68
Figura 42 - Sambaqui da Carniça, um dos grandes sambaquis da região de Laguna, SC.....	69
Figura 43 - Instrumentos em pedra.....	72
Figura 44 - Acabamento de superfície da cerâmica da Tradição Tupiguarani.....	73
Figura 45 - Decoração da cerâmica Guarani .....	73
Figura 46 - Formas das vasilhas da Tradição Taquara .....	75
Figura 47 - Decoração da cerâmica da Tradição Taquara .....	76
Figura 48 - Artefatos em pedra da Tradição Taquara.....	77
Figura 49 - Formas típicas de cerâmica e artefatos líticos da Tradição Vieira .....	78
Figura 50 - Ponta de projétil com pedúnculo da coleção do professor Sandro Luís Kolling.....	89
Figura 51 - Ponta de projétil da coleção do Professor Sandro Luís Kolling .....	90
Figura 52 - Principais etapas do processo de confecção de instrumento sobre lascas .....	91
Figura 53 - Artefato inacabado do acervo do professor Sandro Luís Kolling.....	92
Figura 54 - Fragmento de calcedônia .....	93
Figura 55 - Ponta de projétil do acervo da professora Lurdes Terezinha Schreiner .....	93
Figura 56 - Fotografia com a professora Lurdes Terezinha Schreiner .....	94
Figura 57 - Ponta de projétil do acervo do Camilo Massing.....	95
Figura 58 - Bola de Boleadeira do acervo do professor João José Klein .....	96
Figura 59 - Bola de boleadeira acervo do professor João José Klein.....	96
Figura 60 - Bola de boleadeira acervo do professor João José Klein.....	97
Figura 61 - Exemplo de método de confecção das bolas de boleadeiras .....	98
Figura 62 - Mão de Pilão acervo do Professor João José Klein .....	99
Figura 63 - Lâmina de Machado acervo do Professor João José Klein.....	99

Figura 64 - Representação gráfica de um machado com cabo de madeira.....	100
Figura 65 - Percutor acervo do Professor João José Klein .....	101
Figura 66 - Artefato Ritualístico acervo do Professor João José Klein.....	101
Figura 67 - Lâmina de machado acervo Dirce Balestrin .....	102
Figura 68 - Mão de pilão acervo Dirce Balestrin .....	102
Figura 69 - Mão de Pilão acervo do Egídio Brancher .....	103
Figura 70 - Visita ao local dos achados em Bom Pastor/ Chapada .....	104
Figura 71 - Ponta de projétil acervo Museu Histórico Municipal de Chapada .....	105
Figura 72 - Ponta de projétil acervo Museu Histórico Municipal de Chapada .....	105
Figura 73 - Mão de pilão acervo Museu Histórico Municipal de Chapada.....	106
Figura 74 - Artefato inacabado Museu Histórico Municipal de Chapada.....	107
Figura 75 - Artefato inacabado Museu Histórico de Chapada .....	107
Figura 76 - Museu Olívio Otto .....	109
Figura 77 - Ficha de Registro dos Sítios Arqueológicos Pedro Raimundo Klaus e Júlio Rechi.....	111
Figura 78 - Provável local onde ocorreram as pesquisas arqueológicas nos sítios RS- VA-1 e RS-VA-2, em 1976, segundo o relato de moradores locais.....	113
Figura 79 - Registro de visita realizada em Xadrez.....	113
Figura 80 - Local dos achados relatado pelos moradores.....	114
Figura 81 - Organograma ponta de projétil vista de frente.....	114
Figura 82 - Organograma das medidas.....	115
Figura 83 - Organograma da seção da ponta de projétil.....	115
Figura 84 - Tipos de aletas .....	117
Figura 85 - Artefatos de Xadrez .....	118
Figura 86 - Artefatos de Xadrez .....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Escala geológica .....	58
Quadro 2 - Relação de artefatos arqueológicos da região em estudo pertencentes ao acervo do Museu Olívio Otto .....	110
Quadro 3 - Classificação das pontas de projéteis de Xadrez .....	120

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mesorregiões do Rio Grande do Sul .....	17
Mapa 2 - Processo de ocupação histórica do território do atual Rio Grande do Sul .....	18
Mapa 3 - Localização da Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea .....	19
Mapa 4 - Concentração de túneis escavados supostamente por mamíferos primitivos no Sul e Sudeste do Brasil .....	26
Mapa 5 - Localização de paleotocas identificadas no norte do Rio Grande do Sul .....	55
Mapa 6 - Três ondas migratórias do Rio Grande do Sul .....	63
Mapa 7 - Sítios arqueológicos datados no Rio Grande do Sul .....	79
Mapa 8 - Área inicial de Palmeira das Missões .....	81
Mapa 9 - Divisão do estado do Rio Grande do Sul- 1874. Criação do município de Santo Antônio da Palmeira .....	83
Mapa 10 - Emancipações que ocorreram no território de Palmeira das Missões até 2001 .....	84
Mapa 11 - Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea .....	87
Mapa 12 - Locais com potencial arqueológico no alto curso da bacia do Rio da Várzea.....	88
Mapa 13 - Tecnologia de pontas de projétil .....	126

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.P	Antes do Presente
AM	Amazonas
CE	Ceará
CEPA	Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas
FURG	Fundação Universidade de Rio Grande
FZB	Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MARSUL	Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul
MG	Minas Gerais
PR	Paraná
PRONAPA	Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas
PUC	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RO	Rondônia
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UISPP	Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UPF	Universidade de Passo Fundo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1. MEGAFUNA E AS PALEOTOCAS NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 Megafauna pleistocênica no Rio Grande do Sul .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 O potencial paleontológico da região norte do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>28</b>
<b>2. VESTÍGIOS DE UMA HISTÓRIA ANTIGA NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL .....</b>	<b>56</b>
<b>2.1 História Antiga do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>56</b>
<b>2.1.1 A passagem do pleistoceno para o holoceno e os primeiros registros de ocupação no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 Breve caracterização da região do alto curso da bacia do Rio da Várzea.....</b>	<b>79</b>
<b>2.3 Os achados arqueológicos no alto curso da bacia do Rio da Várzea .....</b>	<b>88</b>
<b>3. POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NO ALTO CURSO DA BACIA DO RIO DA VÁRZEA: ACERVO ARQUEOLÓGICO DO MUSEU OLÍVIO OTTO ...</b>	<b>108</b>
<b>3.1 Museu Olívio Otto e Coleções .....</b>	<b>108</b>
<b>3.2 Coleções do Distrito de Xadrez, Carazinho, Braga e Passo Fundo.....</b>	<b>110</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE A - Quadro com a relação dos municípios com ocorrências de paleotocas noticiadas pelo Boletim TocaNews .....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE B - Quadro síntese de artefatos arqueológicos da região em estudo, pertencentes ao acervo do Museu Olívio Otto .....</b>	<b>140</b>



## INTRODUÇÃO

Nota-se que ocorreu, nos últimos anos, um aumento considerável no fluxo de pesquisas paleontológicas e, principalmente, arqueológicas no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, a região norte do estado ainda carece de pesquisas mais sistemáticas, capazes de explicar os pormenores dos processos de ocupação do espaço durante a História Antiga. Nesse sentido, a presente pesquisa busca contribuir na identificação de locais com potencial paleontológico e arqueológico na região, especificamente dos territórios que hoje fazem parte dos municípios de Novo Barreiro, Chapada, Rondinha, Coqueiros do Sul, Carazinho e Braga no estado do Rio Grande do Sul, circunscrevendo o alto curso da bacia do Rio da Várzea.

Salienta-se que se optou por utilizar nesta pesquisa o termo História Antiga ao invés do termo “pré-história”, o qual apresenta frágil fundamentação e se convencionou utilizar, não significando ser unicamente correto.

Atualmente, a maioria dos arqueólogos atuantes no Brasil não utiliza mais o termo “pré-história do Brasil”, já que ele não faz justiça à rica história dos povos que habitavam o que é hoje nosso país antes da chegada dos europeus. Em substituição a “pré-história”, utilizam-se hoje designações como “história pré-colonial” ou mesmo “história antiga”. História antiga é talvez a denominação mais feliz porque dá conta da já mencionada riqueza histórica, ao mesmo tempo em que permite que se estabeleça uma perspectiva comparativa com outras histórias regionais em todo o planeta. (NEVES, 2015, p. 43)

Frente a isso,

sabe-se que há em curso estudos que tratam do povoamento inicial da América e que envolvem a desconstrução da dicotomia história x pré-história nas Américas. Há propostas relacionadas à ideia de “tempo profundo” e “história profunda”, tema que vem sendo discutido por historiadores, arqueólogos e antropólogos. Outros pontos sobre os quais se tem refletido tratam da incorporação de diferentes formas de narrativas e temporalidades, cuja construção envolveria posições mais simétricas entre os diversos grupos que compõem essa história. A arqueologia convencionalmente chamada de pré-histórica (“pré-colonial” no Brasil), que lida, entre outros temas, com o do povoamento inicial da América, deve ser vista essencialmente como História indígena, ou História da América Antiga (CHITOLINA, 2022, p. 35).

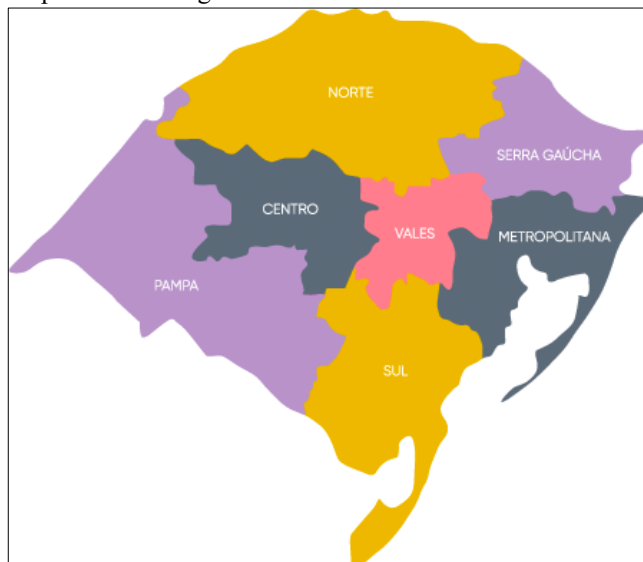
Quanto ao recorte espacial da pesquisa, destaca-se que segundo divisão definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, o Rio Grande do Sul possui sete mesorregiões: Nordeste Rio-grandense, Noroeste Rio-grandense, Centro Ocidental Rio-

---

<sup>1</sup> Sobre o tema, ver: BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 14, n. 2, p. 477-495, maio-ago. 2019.

grandense, Centro Oriental Rio-grandense, Metropolitana de Porto Alegre, Sudoeste Rio-grandense e Sudeste Rio-grandense.

Mapa 1 - Mesorregiões do Rio Grande do Sul



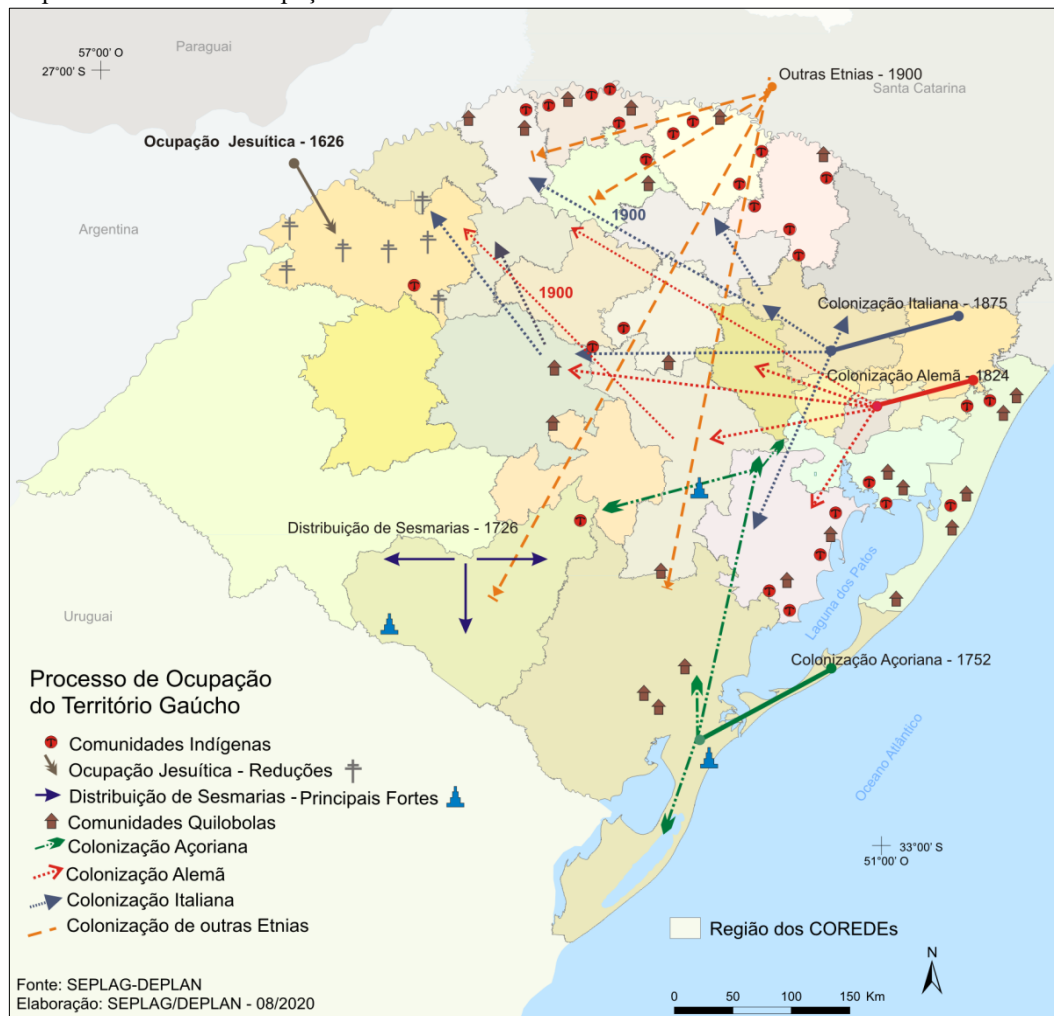
Fonte: <<https://www.gruporbs.com.br/conheca-rs>>.

No norte do estado<sup>2</sup>, delimitação da área estudada, se encontram as terras mais altas, chamadas Serra Geral que circundam o Planalto Meridional. Referida região foi a última a ser colonizada com a chegada inicialmente dos imigrantes alemães e italianos no início do século XX, como demonstra o Mapa 2. Ressalta-se que o referido mapa tem finalidade apenas de ilustrar o processo de ocupação histórica, já que a ocupação do território é muito mais complexa e antiga.

---

<sup>2</sup> Pertencem a região norte os municípios: Carazinho, Cerro Largo, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Ijuí, Não-Me-Toque, Passo Fundo, Sananduva, Santa Rosa, Santo Ângelo, Soledade, etc.

Mapa 2 - Processo de ocupação histórica do território atual do Rio Grande do Sul



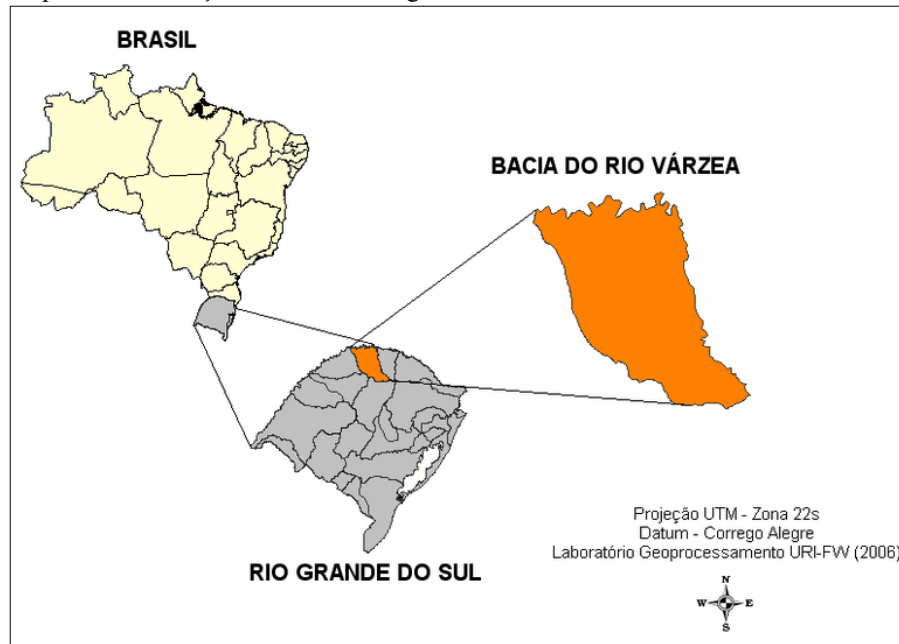
Fonte: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ocupacao-do-territorio>>.

No recorte geográfico do Mapa 3, encontra-se a Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea, localizada na Região Hidrográfica da Bacia do Rio Uruguai, entre as coordenadas geográficas 27°00' a 28°20' de latitude Sul e 52°30' a 53°50' de longitude oeste.<sup>3</sup> Abrange a província geomorfológica Planalto Meridional, com área de 9.463,46 km<sup>2</sup>, compreendendo municípios como Carazinho, Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e Sarandi, com população estimada em 305.619 habitantes, sendo 183.453 habitantes em áreas urbanas e 122.167 habitantes em áreas rurais.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> <<https://www.sema.rs.gov.br/u100-bacia-hidrografica-do-rio-da-varzea>>.

<sup>4</sup> Lista de municípios que compõem a bacia e a porcentagem de área do município que está inserida na bacia: Almirante Tamandaré do Sul (100%), Alpestre (100%), Ametista do Sul (100%), Barra do Guarita (100%), Barra Funda (100%), Boa Vista das Missões (100%), Caiçara (100%), Carazinho (50%), Cerro Grande (100%), Chapada (77%), Constantina (100%), Coqueiros do Sul (100%), Coronel Bicaco (23%), Cristal do Sul (100%), Derrubadas (24%), Dois Irmãos das Missões (100%), Engenho Velho (100%), Erval Seco (100%), Frederico Westphalen (100%), Gramado dos Loureiros (76%), Iraí (100%), Jaboticaba (100%), Lajeado do Bugre (100%), Liberato Salzano (100%), Nonoai (36%), Nova Boa Vista (100%), Novo Barreiro (100%), Novo Tiradentes (100%), Novo Xingu (100%), Palmeira das Missões (68%), Palmitinho (100%), Passo Fundo (26%), Pinhal (100%), Pinheirinho do Vale (100%), Planalto (100%), Pontão (38%), Redentora (74%), Rio dos Índios (37%),

Mapa 3 - Localização da Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea



Fonte: <<https://sema.rs.gov.br/u100-bh-varzea>>.

Nota: Análise dos fragmentos da cobertura arbórea na bacia do rio da Várzea utilizando imagens CBERS-2 e Fragstats. Zang, Tonial e Ritterbuch, 2007.

Integram as fontes de pesquisa deste trabalho estruturas subterrâneas e sob rochas localizadas na região norte do estado e os vestígios arqueológicos materiais da História Antiga cuja procedência é o alto curso da bacia do Rio da Várzea. Os remanescentes materiais estudados pertencem a duas tipologias de acervos, as coleções particulares, constituídas de objetos coletados por moradores dos municípios de Novo Barreiro e Rondinha, e coleções institucionais, pertencentes aos acervos arqueológicos do Museu Histórico Municipal de Chapada e do Museu Olívio Otto, localizado no município de Carazinho.

Estruturamos a pesquisa em três capítulos. Ao longo do trabalho discorreremos sobre o período da megafauna, a definição e a localização de ocorrências de paleotocas, o potencial paleontológico da região norte, a História Antiga do estado do Rio Grande do Sul, a caracterização da região do alto curso da bacia do Rio da Várzea, os achados arqueológicos na região, a apresentação de coleções particulares e de museus localizados na delimitação espacial da pesquisa.

No capítulo inicial, apresentamos o período da megafauna, adentrando especificamente na temática das paleotocas. Abordando o conceito, características e ocorrências registradas pelo Projeto Paleotocas, o qual é pioneiro e referência na área. Posteriormente, buscamos apresentar,

---

Rodeio Bonito (100%), Ronda Alta (20%), Rondinha (100%), Sagrada Família (100%), Santo Antônio do Planalto (6%), São José das Missões (100%), São Pedro das Missões (100%), Sarandi (100%), Seberi (100%), Taquaruçu do Sul (100%), Tenente Portela (52%), Três Palmeiras (40%), Trindade do Sul (52%), Vicente Dutra (100%), Vista Alegre (100%), Vista Gaúcha (100%).

a partir de fotografias, estruturas subterrâneas e sob rochas encontradas e identificadas na região norte do estado, especificamente nos municípios de São José do Ouro, Erechim, Áurea, Novo Barreiro e Rondinha.

A localização de paleotocas funciona como indicativo de potencial arqueológico, sabendo-se, através das pesquisas, que muitas delas serviram como abrigo temporário para grupos de indivíduos no transcurso dos anos, especialmente populações pré-coloniais. Ao abordarmos a temática das paleotocas, é importante destacar que ela desvela uma relação intrínseca entre paleontologia e arqueologia, uma vez que a localização de paleotocas funciona como indicativo de potencial arqueológico. Segundo estudos de Azevedo & Copé (2012), e Vicroski & Frank (2013, 2019), determinadas paleotocas foram reutilizadas pelas populações pré-coloniais para fins utilitários e ritualísticos, configurando-se assim como sítios arqueológicos e paleontológicos.

Após a extinção dos animais da Megafauna e o povoamento do território por povos pré-coloniais, determinadas paleotocas foram reutilizadas por estas populações, relacionadas principalmente aos grupos falantes do tronco linguístico Jê Meridional. Os vestígios desta reocupação por vezes estão materializados nos petróglifos presentes nas paredes das paleotocas, além da eventual ocorrência de vestígios da cultura material destes povos ou até mesmo o registro de sítios arqueológicos nas proximidades (VICROSKI, FRANK, 2013, p. 9).

O segundo capítulo é destinado, inicialmente, à apresentação da História Antiga do estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente é apresentada a delimitação espacial da pesquisa, região do alto curso da bacia do Rio da Várzea. Mencionada região atualmente configura-se como extremamente agrícola, o que favorece a incidência de vestígios materiais remanescentes da História Antiga em áreas de plantio. Após são apresentados os achados arqueológicos na região em estudo, especificamente nos municípios de Novo Barreiro, Chapada e Rondinha.

Por fim, no capítulo final, apresentamos o acervo arqueológico do Museu Olívio Otto, localizado no município de Carazinho. Inicialmente, contextualizamos a criação do museu e a formação das coleções que integram o acervo e, posteriormente, apresentamos os artefatos cuja procedência é a região em estudo. Focamos na coleção de objetos resultantes das pesquisas arqueológicas realizadas no Distrito de Xadrez na década de 1970. Salienta-se que, na época, o distrito pertencia a Carazinho e, atualmente, pertence ao município de Coqueiros do Sul. Além desse material, buscamos apresentar, também, os acervos da Região do Braga, atual município de Braga, Carazinho e Passo Fundo.

## 1. MEGAFUNA E AS PALEOTOCAS NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

O presente capítulo busca apresentar informações sobre o período da megafauna no Rio Grande do Sul, adentrando especificamente na temática das paleotocas, abordando seu conceito, características e ocorrências registradas pelo Projeto Paleotocas, o qual é pioneiro e referência na área. Posteriormente, serão apresentadas estruturas subterrâneas e sob rochas encontradas e identificadas na região norte do estado do Rio Grande do Sul/RS, especificamente nos municípios de São José do Ouro, Erechim, Áurea, Novo Barreiro e Rondinha.

### 1.1 Megafauna pleistocênica no Rio Grande do Sul

Entende-se por megafauna o conjunto dos animais pré-históricos de grandes proporções que conviveram com a espécie humana, e desapareceram no final do período Pleistoceno. Prous (1992), ressalta a presença de grupos humanos em diversas regiões do país durante o período pleistocênico. Na região sul, especificamente no estado do Rio Grande do Sul foi identificada a presença dos sítios inundados de Arroio dos Fósseis, cuja datação de um osso de *Glossotherium robustus* foi de  $12770 \pm 220$  BP.

Infelizmente, a carência de pesquisas específicas sobre o meio ambiente, durante o final do período pleistoceno no Brasil, não possibilita fazer afirmações precisas. Mas, em relação à temperatura, Prous (1992) pressupõe a partir da analogia com dados de países vizinhos que a temperatura deveria oscilar cerca de 4° abaixo da média atual, o que resultava em significativas alterações climáticas e ambientais.

Esse período não permaneceu sempre mais frio do que o Holoceno, mas acredita-se que os seus últimos milênios foram os mais rigorosos, e que os primeiros habitantes do atual território brasileiro devem ter conhecido, até 14 mil anos antes do presente, temperaturas de até 4°C mais baixas, havendo depois uma elevação até as condições atmosféricas atuais, aproximadamente há 6000 anos BP, tendo ocorrido até um aumento ligeiro da temperatura logo depois (PROUS, 1992, p. 121).

Ocorreram, também, as variações dos “níveis de base”, entendendo-se como o ponto ou plano mais baixo sob o qual a erosão das águas correntes deixa de atuar, sendo o mar o nível base geral e as lagoas os níveis de base locais. De acordo com Prous (1992), esses níveis são significativos por serem determinantes da escolha dos habitats, por parte de homens e animais, e, também, por serem responsáveis pelas condições de preservação dos sítios.

As variações da altura do oceano foram particularmente espetaculares, pois, excluindo-se os movimentos tectônicos, que afetaram algumas partes do litoral, o mar

estava aproximadamente 90 metros abaixo do atual há 20 mil anos (período de regressão), devido à retenção das precipitações de chuva e neve, sob forma de gelo, nas regiões de altas altitudes. Uma subida gradual teve início em seguida, para acelerar-se há 13 mil anos (figura 33). Em 7000 BP o nível médio do oceano estava ainda dez metros abaixo do atual, chegando em 6000 BP à posição que ocupa hoje (PROUS, 1992, p. 121).

Em relação às variações pluviométricas, salienta-se a importância da umidade para a vida. “Tradicionalmente, considera-se que aos períodos frios pleistocênicos corresponderam momentos úmidos (‘pluviais’) nos trópicos, enquanto momentos secos (‘áridos’) seriam paralelos aos momentos temperados (‘interglaciares’) das altas latitudes” (PROUS, 1992, p. 122). De acordo com Prous (1922), não se tem dúvidas de que períodos secos abalaram grande parte do território brasileiro em momentos do pleistoceno, no entanto, a problemática é a datação, eis que já surgiram estudos contra tais hipóteses.

Prous (1992), afirma que “sem dúvidas a cobertura vegetal é o melhor indicador climático e a paleobotânica depende, sobretudo, do estudo dos microfósseis para determinar sua evolução. Mais uma vez o Brasil é pouquíssimo estudado sob esse ponto de vista”.

Em relação às modificações faunísticas, Prous (1992), afirma ser correto que a evolução da cobertura vegetal influenciou a fauna sul-americana. No entanto, os fatores geológicos e evolutivos também ocuparam um papel decisivo.

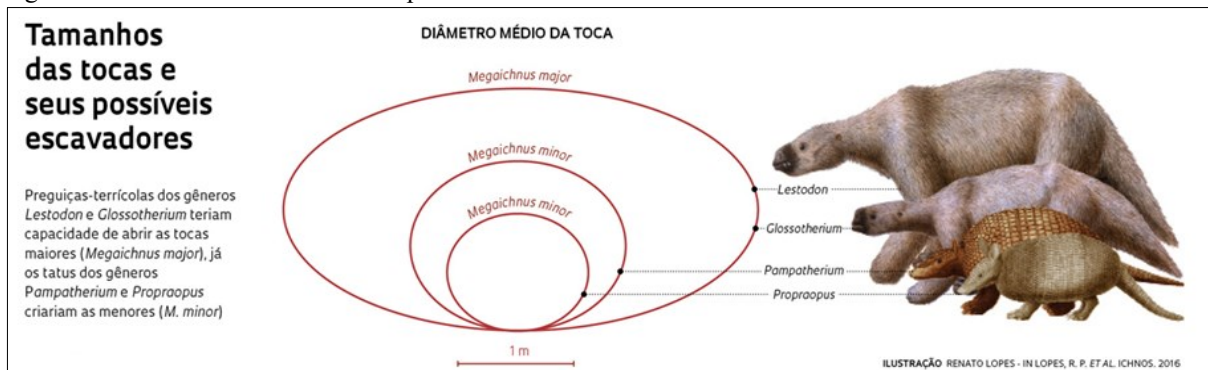
O isolamento do continente sul-americano até o Terciário favoreceu o desenvolvimento de uma fauna endêmica (marsupiais e edentados, como tatus e preguiças) e depois a sobrevivência, até o Pleistoceno final, de mamíferos placentários que invadiram a América do Sul pelo Panamá, no decurso do Quaternário (mastodontes, felídeos, camelídeos...), dos quais a maior parte desapareceu no Velho Mundo há mais de 500 mil anos. É certo que boa parte da fauna pleistocênica não era, basicamente, diferente da atual, como P. Lund já tinha notado no início do século XIX. Mas a presença de grandes animais, como preguiças-gigantes (*Myloodon*, *Scelidotherium*) ou tatus de mais de dois metros de comprimento (*Hoplophorus*, *Glyptodon*), frequentemente gregários, bastava para favorecer eventualmente um modo de vida especializado, do tipo desenvolvido pelos índios norte-americanos em relação aos bisões, e que teria desaparecido com essa grande fauna (PROUS, 1992, p. 126).

Vestígios desta fauna pleistocênica de mamíferos gigantes extintos, megafauna, podem ser encontrados em diversas regiões do Brasil. Pesquisas nesse sentido têm contribuído de forma significativa para compreensão e reconstituição de ambientes antigos. Um importante registro desse período e que é evidente nos dias atuais, são as estruturas subterrâneas, as quais são denominadas pelos pesquisadores como paleotocas.

Quanto ao conceito de paleotocas, Buchmann et al. (2011) definem como estruturas de bioerosão em ambiente continental, que podem ser encontradas em formato de túneis ou

galerias escavadas em rochas alteradas ou não, apresentando seções elípticas ou circulares com 0,7 a 3.0m de diâmetro, podendo alcançar centenas de metros de comprimento. Atribuem sua escavação aos mamíferos fossoriais gigantes, que habitavam a América do Sul durante o Terciário e o Quaternário, as quais serviam como moradia temporária ou permanente, conforme retrata a Figura 1.

Figura 1 - Tamanhos das tocas e seus possíveis escavadores



Fonte: Buchmann et al., 2009.

Ressalta-se que há legislação que prevê a preservação do patrimônio paleontológico, destaca-se a Lei Estadual número 11.738 de 2001, a qual protege os sítios paleontológicos do Rio Grande do Sul e declara uma série de locais com grande quantidade de fósseis (vertebrados, invertebrados ou plantas) como integrantes do patrimônio cultural do estado. A partir dessa lei, um local com paleotocas é considerado um sítio paleontológico, integrante do patrimônio cultural do Estado.

Frank et al. (2011), classificam as paleotocas em cinco tipos de acordo com o grau de preservação: (I) paleotocas integralmente preservadas, sem preenchimento e com seção elíptica ou circular, não apresentando feições de colapso de teto, nem de erosão do piso; (II) paleotocas que sofreram a erosão por águas correntes; (III) paleotocas parcialmente preenchidas por sedimentos; (IV) paleotocas integralmente preenchidas por sedimentos, denominadas crotovinas; (V) paleotocas cujo teto sofreu desabamento, são denominadas dolinas e trincheiras.

Os pesquisadores encontram dificuldades na identificação do responsável pela escavação das tocas, principalmente devido à ausência de vestígios fósseis no interior dos túneis e galerias. Buchmann et al. (2011), afirmam que as dimensões das tocas (altura X largura), marcas de escavação e marcas de osteodermos presentes ao longo das estruturas, sugerem pensar em pelo menos dois escavadores, mamífero xenartro dasipodídeos (tatus- gigantes) no caso de galerias com diâmetro entre 0.7 e 1.4 e mamífero xenartro milodontídeos (preguiças-gigantes) caso das galerias com diâmetro de até 3 m.



Encontrar as ossadas desses animais é difícil, isto em razão da dificuldade de fossilização dos ossos. Para que isso aconteça

os ossos precisam ser soterrados imediatamente após a morte do animal, caso contrário se desfazem e não sobra nada. Mas se eles são soterrados debaixo de lama pelas águas de uma grande enchente, pode acontecer a fossilização. Portanto, a imensa maioria dos ossos não se preservou. Apenas aqueles que afundaram ou foram soterrados em lama debaixo de água (FRANK, 2012, p. 2).

Outra informação importante, compartilhada no Boletim Toca News de número 21, é o achado do início da década de 1940 de um esqueleto de preguiça gigante (Figura 2) na localidade de Salto Grande do Iguaçu no Paraná o qual foi levado para o Rio de Janeiro, na época da publicação do boletim, ano de 2012, o local estava alagado por barragem.

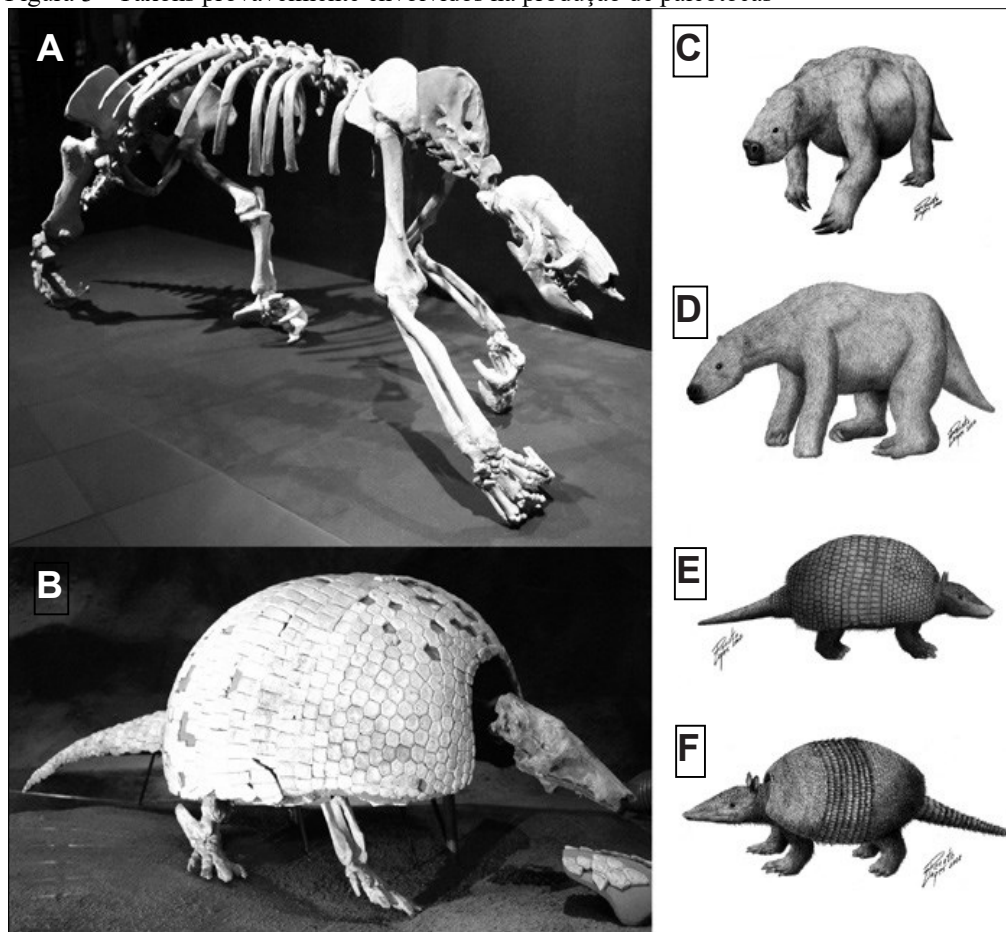
Figura 2 - Esqueleto de preguiça gigante na localidade de Salto Grande do Iguaçu - PR



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews21.pdf>>.

Segundo informações do boletim, as fotografias (Figura 3) foram repassadas pela Professora Renate Ihlenfeld e quem as fez foi seu avô, Carlos Ihlenfeld.

Figura 3 - Tóxons provavelmente envolvidos na produção de paleotocas



Fonte: Buchmann et al., 2016, p. 260.

Notas: A, Nothrotherium (preguiça-gigante); B, Pampatherium (tatu-gigante); C, Glossotherium robustum; D, Catonyx cuvieri; E, Pampatherium humboldtii; F, Propraopus grandis. A-B, fotos por Francisco Buchmann; C-F, Desenhos de Renato Lopes. Sem escala.

Segundo Buchmann et al. (2009), a ocorrência de paleotocas e crotovinas em locais de terreno inclinado e elevado, nos sugere a preferência dos organismos por lugares altos com visão panorâmica e fonte de água próxima para a escavação das galerias.

Pesquisas significativas nesta temática são desenvolvidas pelo “Projeto Paleotocas”, uma iniciativa de um grupo de professores de várias universidades e instituições de pesquisa que busca estudar as paleotocas do Brasil. Participam pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (UNESP, SP), da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB, RS), da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG, RS), da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), da Universidade de São Paulo (USP, SP) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, RS). O referido projeto vem desenvolvendo suas atividades desde 2001 e já identificou nas regiões Sul e Sudeste do país centenas de paleotocas e crotovinas, conforme apresenta o Mapa 4.

Mapa 4 - Concentração de túneis escavados supostamente por mamíferos primitivos no Sul e Sudeste do Brasil



Fonte: Lopes et al., 2016.

As principais finalidades do projeto são:

- a) Organizar um Sistema de Informações Geográficas que contemple a distribuição das paleotocas e crotovinas no Brasil; e relacionar com a topografia, relevo e geologia;
- b) Recadastrar as ocorrências de paleotocas no Brasil
- c) Mensurar a forma e dimensão dos icnofósseis (paleotocas, crotovinas, dolinas e trincheiras);
- d) Registrar com moldes e fotografias as marcas internas das paleotocas;
- e) Realizar a escavação das crotovinas e a descrição do preenchimento (BUCHMANN et al., 2011).

No site do projeto<sup>5</sup>, há diversas informações significativas. Em sua primeira página, há o logo do projeto e duas opções, acima da imagem “página em português” e a baixo “site em inglês”, ao clicar na primeira opção, aparecem outras opções: Quem somos; Paleotocas, Crotovinas e Abrigos Subterrâneos; Cavernas no Rio Grande do Sul; Interior das paleotocas; Paleotocas no Brasil; Paleotocas no Exterior; Cuidados a tomar com paleotocas; Idade das paleotocas; Quem escavou as paleotocas?; Legislação; Produção Científica; Boletim TocaNews; Algumas Imagens; Contato e Paleotocas no YouTube (vídeo da UFRGS-TV com 21 minutos de duração).

Conforme informações do site do “Projeto Paleotocas”, até o momento já foram encontradas estas estruturas (paleotocas ou, mais comumente, crotovinas) em vários municípios brasileiros. Na aba intitulada “Boletim Toca News”, o qual é um boletim informativo das pesquisas realizadas pelo projeto, estão disponíveis 38 boletins, os quais iniciam no boletim de número 8 de dezembro de 2009 e encerram no de número 45 de dezembro de 2018. A fim de fazer um levantamento dos municípios com a incidência de ocorrências, construímos um quadro sintetizando estas informações<sup>6</sup>.

Além das informações constatadas no quadro, os boletins contemplam inúmeros resultados de pesquisas e informações referentes às estruturas. São divulgadas e noticiadas visitas realizadas, trabalhos apresentados em eventos, novas estruturas a partir de breves textos e fotografias, campanhas de mídias, matérias de jornais, textos informativos sobre temáticas relacionadas às paleotocas e crotovinas, indagações, entre outros assuntos pertinentes à temática.

A partir da análise dos boletins publicados, pode-se afirmar que em vários municípios do Rio Grande do Sul há ocorrências de estruturas. Salienta-se que o último boletim divulgado no site é do ano de 2018, sendo assim, não se tem conhecimento das pesquisas realizadas a partir desta data até o presente, mas acredita-se que o número de ocorrências cresceu significativamente.

Apesar destas várias pesquisas, a região norte do estado ainda carece de pesquisas mais sistemáticas referentes ao potencial paleontológico, ou seja, pesquisas com o objetivo de identificação de paleotocas. Tem-se conhecimento de poucos trabalhos na região, um deles é o trabalho de mapeamento de possíveis paleotocas realizado por Kolling (2020), o qual apresenta em sua pesquisa dois locais no município de Novo Barreiro/RS, que apresentam características

---

<sup>5</sup> Link do site: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/index.htm>>.

<sup>6</sup> Quadro em Apêndice A.

que nos possibilitam sugerir serem paleotocas. Um desses locais será apresentado novamente no decorrer deste trabalho, a fim de se fazer uma análise mais detalhada.

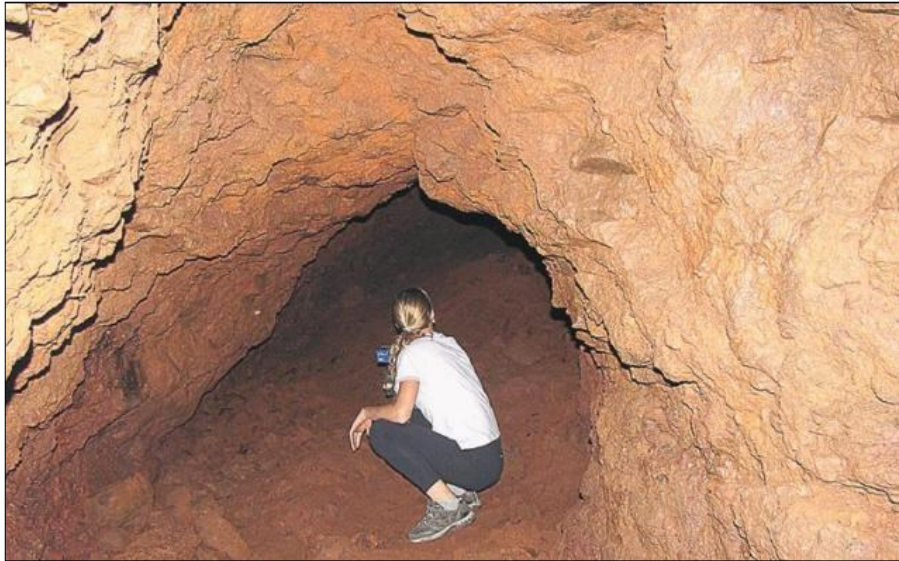
## **1.2 O potencial paleontológico da região norte do Rio Grande do Sul**

A região norte do estado do Rio Grande do Sul ainda carece de pesquisas com a finalidade de identificação e mapeamento de paleotocas e estruturas do período da megafauna. Até o presente momento, o Projeto Paleotocas, pioneiro nestas pesquisas, tem registrado em seu banco de dados três estruturas localizadas em municípios da região norte do estado, sendo em São José do Ouro, Erechim e Áurea.

Segundo dados do site do projeto, especificamente no Boletim TocaNews de número 15, de março de 2011, a ocorrência de São José do Ouro foi encontrada durante a construção de uma casa na cidade, quando surgiu um “buraco” no terreno, o qual formava um túnel com mais de 15 metros. Em um primeiro momento se pensou que pudesse ser algum tipo de construção indígena.

No boletim é relatado que os responsáveis pela obra e representantes da Prefeitura Municipal entraram em contato com a Universidade de Passo Fundo-UPF, a qual dispunha de arqueólogo para realizar visita ao local. Em visita, o arqueólogo Fabricio Vicoski descartou que fosse uma estrutura indígena e suspeitou que se tratasse de uma paleotoca e entrou em contato com os pesquisadores do Projeto Paleotocas. Posteriormente, o Prof. Buchmann e a Dra. Milene Fornari visitaram o local, mediram e fotografaram a paleotoca, que agora integra o Banco de Dados do projeto. Expõem que se salvou uma informação científica importante, pois é muito raro encontrar paleotocas em regiões de basaltos alterados (Figura 4).

Figura 4 - Paleotoca em São José do Ouro



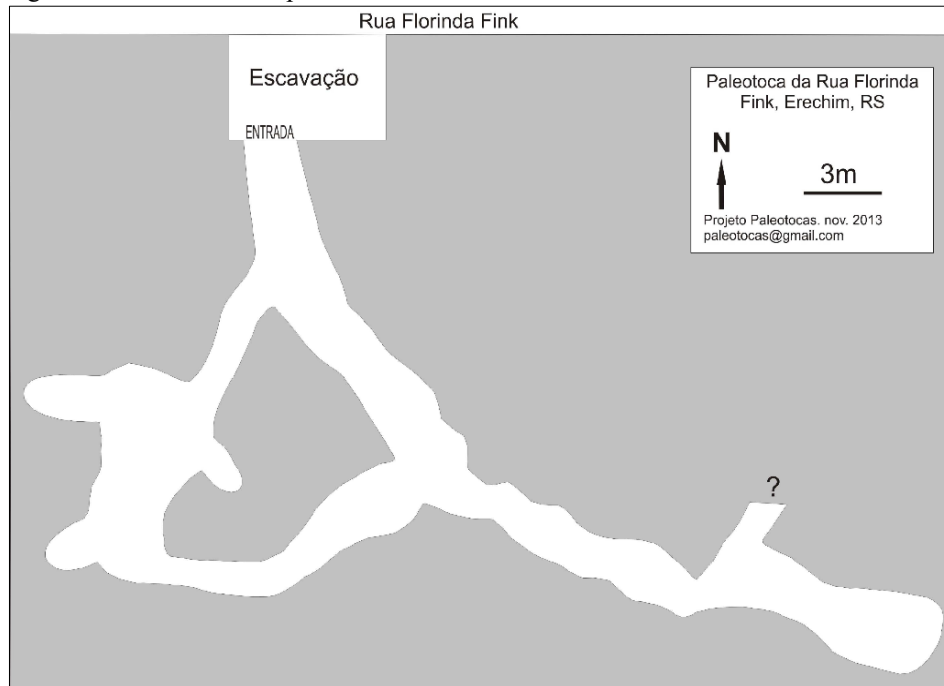
Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/Boletim.htm>>.

Ainda, referente à ocorrência em São José do Ouro, no boletim TocaNews de número 19, é mencionado no tópico “Paleotocas em Evento”, o trabalho apresentado por Fabrício José Nazzari Vicoski e Cristine Mallmann Vicoski no evento arqueológico internacional, o “XVI Congresso Mundial da UISPP” (Associação Internacional) e o “XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira”, cujo título era “Vestígios da megafauna pleistocênica no planalto meridional e suas implicações no conhecimento arqueológico”. O referido trabalho tratava da paleotoca de São José do Ouro e, também, apresentava um pôster o qual mostra a paleotoca e discute a questão da interpretação equivocada das paleotocas como “galerias indígenas subterrâneas”.

Já no Boletim TocaNews de número 28, de dezembro de 2013, é apresentada a paleotoca localizada da Rua Florinda Fink no município de Erechim. Segundo os dados do boletim, a pesquisa foi realizada em novembro de 2013, quando uma equipe liderada pelo geólogo Heinrich Frank e o arqueólogo Fabrício Vicoski se reuniram para medir e fotografar a paleotoca.

Os resultados dessa pesquisa estão publicados no referido boletim. Salienta-se que todas as informações que serão apresentadas aqui foram extraídas desse boletim. Conforme descrição da paleotoca, ela é composta basicamente por 2 túneis (Figura 5). O túnel da entrada até a extremidade direita inferior os pesquisadores optaram por chamar de “Corredor de Passagem” e o túnel em semicírculo à esquerda de “Corredor dos Dormitórios”.

Figura 5 - Planta baixa da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

A paleotoca (Figura 6) surgiu em uma escavação que estava sendo feita para a construção de uma casa. Segundo os pesquisadores trata-se de uma encosta de coxilha voltada para um arroio, que foi canalizado e não é mais possível visualizá-lo. Afirmam que a proximidade das entradas das paleotocas a corpos de água é quase constante e é uma das indicações de que os túneis foram escavados em um clima muito mais seco (quente ou frio).

Figura 6 - Local em que a paleotoca de Erechim foi evidenciada

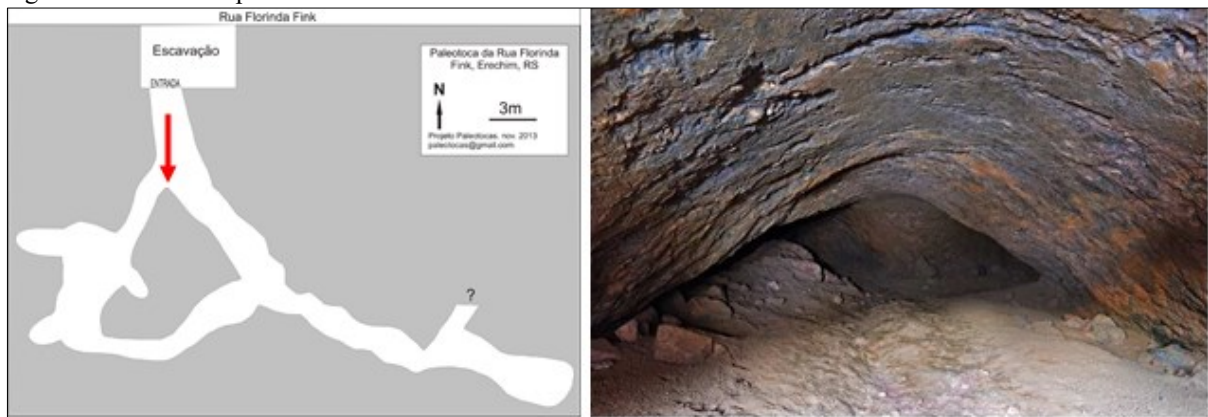


Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

A entrada da paleotoca é o buraco maior da Figura 7, e “a rocha na qual a paleotoca foi escavada é uma “brecha vulcânica”, como são chamadas as camadas constituídas de fragmentos angulosos de rochas vulcânicas cimentados ou por areia (“brecha basáltica arenosa”) ou por

silte (“brecha basáltica siltosa”) ou por argila (“brecha basáltica argilosa”), como é este caso em que uma argila vermelha une os blocos angulares de rochas vulcânicas”.

Figura 7 - Entrada da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

A Figura 8, é a entrada do túnel. Neste local a largura é de 2,4 m, o que indica que a sua construção tenha sido realizada por preguiças-gigantes com suas garras enormes, do tamanho de picaretas.

Figura 8 - Interior da paleotoca de Erechim



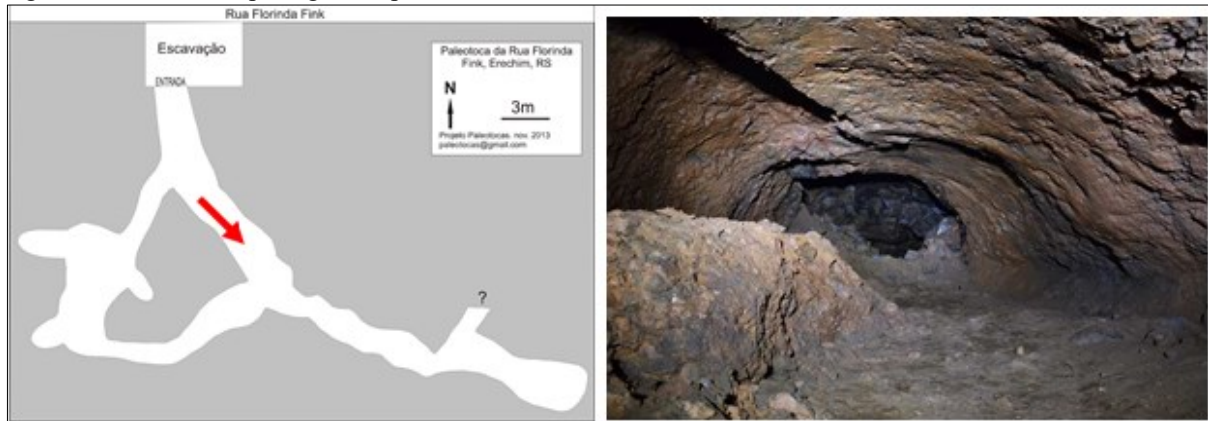
Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

A partir dessa imagem (Figura 9) os pesquisadores ressaltam dois aspectos visíveis: a bifurcação e o teto liso. Afirmam que paleotocas raramente são túneis simples, e, por via de regra, constituem um sistema de túneis, com galerias que se bifurcam e se encontram em um salão. Como é o caso dessa ocorrência em que há uma bifurcação com um túnel maior que é a continuidade do “Corredor de Passagem” e um túnel menor que vai dar no “Corredor dos Dormitórios”. Já a questão do teto liso pressupõe que se formou de tanto as preguiças passaram



esfregando as costas no teto do túnel. Isso ocasionou o seu polimento, podendo ser identificada a marca dos pelos no teto.

Figura 9 - Corredor de passagem da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

No trecho representado pela Figura 9, a largura obtida é de 2,25 m e são constatados, pelos pesquisadores, três elementos. O primeiro, à esquerda, à fatia de rocha da parede desabou para dentro do túnel, sendo que essa ocorrência pode ter acontecido há centenas de anos. O segundo, à direita, o túnel apresenta sua morfologia original, sendo visível superfícies polidas e algumas marcas. O terceiro e último, é um local todo escuro, sem iluminação natural, e as fotografias foram tiradas com uma máquina fotográfica semiprofissional com o auxílio de uma lâmpada LED.

O primeiro desabamento de rochas da paleotoca se situa 10m a partir da entrada do túnel (Figura 10). No local, há grandes blocos de rocha angulares, os quais formam uma pilha, sendo necessário passar pelo local para continuar adentrando a paleotoca. São expostos, pelos pesquisadores, as dificuldades e os perigos enfrentados em razão das porções com teto desabado, sendo necessário rastejar sobre grandes blocos de rochas e o teto formado por outros grandes blocos rachados e com água infiltrando.

Figura 10 - Desabamento no interior da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

No decorrer do boletim é apresentada uma fotografia do teto da paleotoca, especificamente do trecho entre o 7º e o 10º metro a partir da entrada (Figura 11).

Percebe-se o teto completamente liso, todo ele riscado com umas ranhuras finas que sempre ocorrem em grupos paralelos como logo à esquerda da mão. Essas marcas muito provavelmente são as marcas da pelagem dos animais: como os animais eram grandes, raspavam as costas no teto. E como eram peludos (foi encontrado um pelo de preguiça gigante em uma caverna fria e seca do Chile), as marcas do pelo ficavam impressos. Essas marcas, portanto, devem ter milhares de anos de idade (FRANK, 2013, p. 5).

Figura 11 - Teto da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Ao longo do túnel foi possível evidenciar marcas de garras do animal responsável pela escavação da estrutura (Figura 12). A régua utilizada pelos pesquisadores, e que aparece na fotografia, possui 15 cm de comprimento. A escassez de outras marcas ao longo da paleotoca é justificada pelos pesquisadores em razão de provavelmente estes locais terem sido usados durante décadas e séculos por sucessivas gerações de famílias de preguiças gigantes as quais promoveram o alisamento do teto e das paredes.

Figura 12 - Marcas de garras na paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Outro ponto que apresenta desabamento é o corredor entre a segunda bifurcação e o túnel pequeno de trás (Figura 13). Em alguns pontos é possível observar as feições originais da estrutura como paredes lisas, no entanto, em virtude do desabamento as medidas não são muito confiáveis e nem as paredes fornecem muita informação científica.

Figura 13 - Corredor de passagem da paleotoca de Erechim

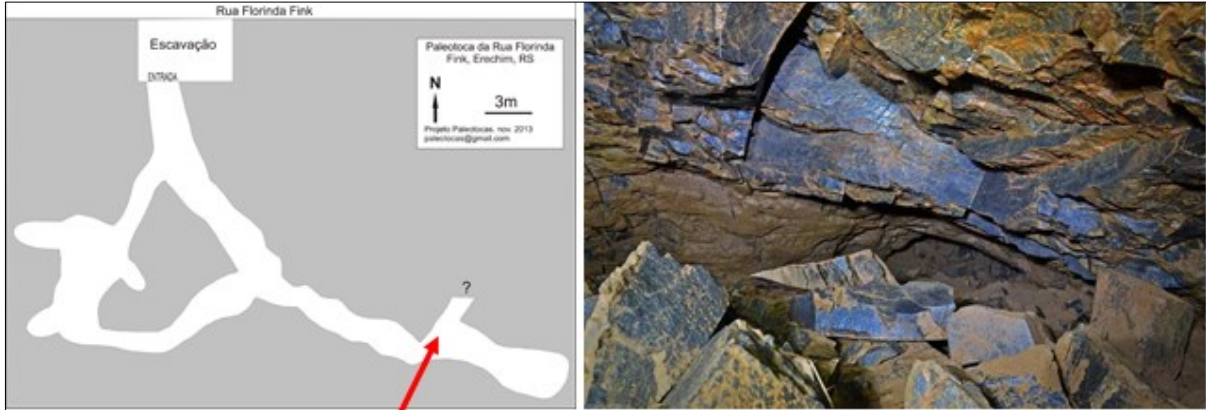


Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Já no trecho de aproximadamente 30 metros a partir da entrada, há um túnel menor, que apresenta muitos blocos desabados e parcialmente entulhado, dificultando uma pesquisa mais

detalhada (Figura 14). O que se constatou foi que existe uma superfície original lisa à esquerda, enquanto o resto das paredes é formado por grandes blocos que desabaram, não se sabe se esse local era a saída da paleotoca.

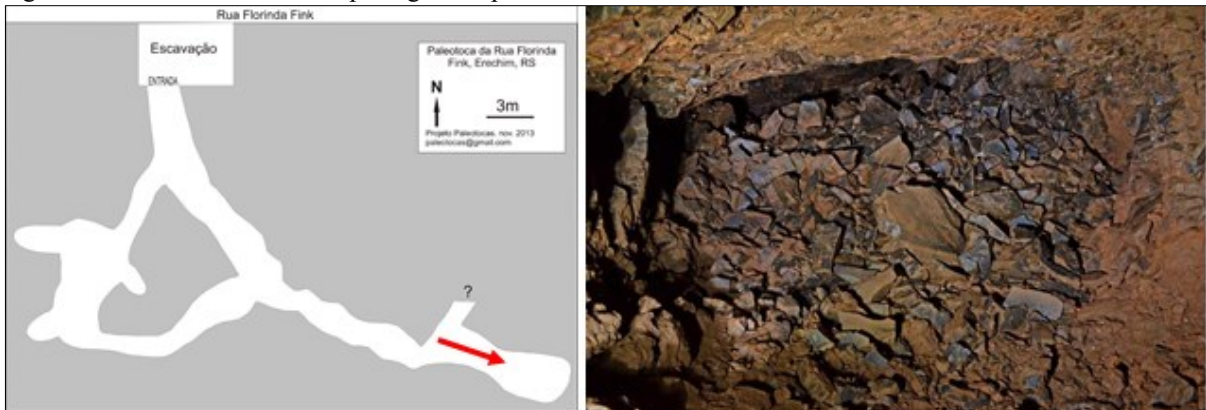
Figura 14 - Interior da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

O final do “Corredor de Passagem” apresenta um enorme desabamento o qual entulhou de rochas a possível saída, sendo que as dimensões e paredes apresentadas pelo local não são mais originais (Figura 15).

Figura 15 - Final do corredor de passagem da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Após a análise e apresentação do “Corredor de Passagem”, os pesquisadores inspecionaram e apresentaram o “Corredor dos Dormitórios”, o qual possui dois acessos, norte e sul. O acesso norte (Figura 16) inicialmente apresentava superfícies originais lisas, mas depois um enorme desabamento.

Figura 16 - Interior da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

O “salão” (Figura 17), denominado pelos pesquisadores para se referir ao espaço sobre o desabamento, não apresenta paredes originais, lisa ou com marcas de garras, o que há são blocos de rochas desabados.

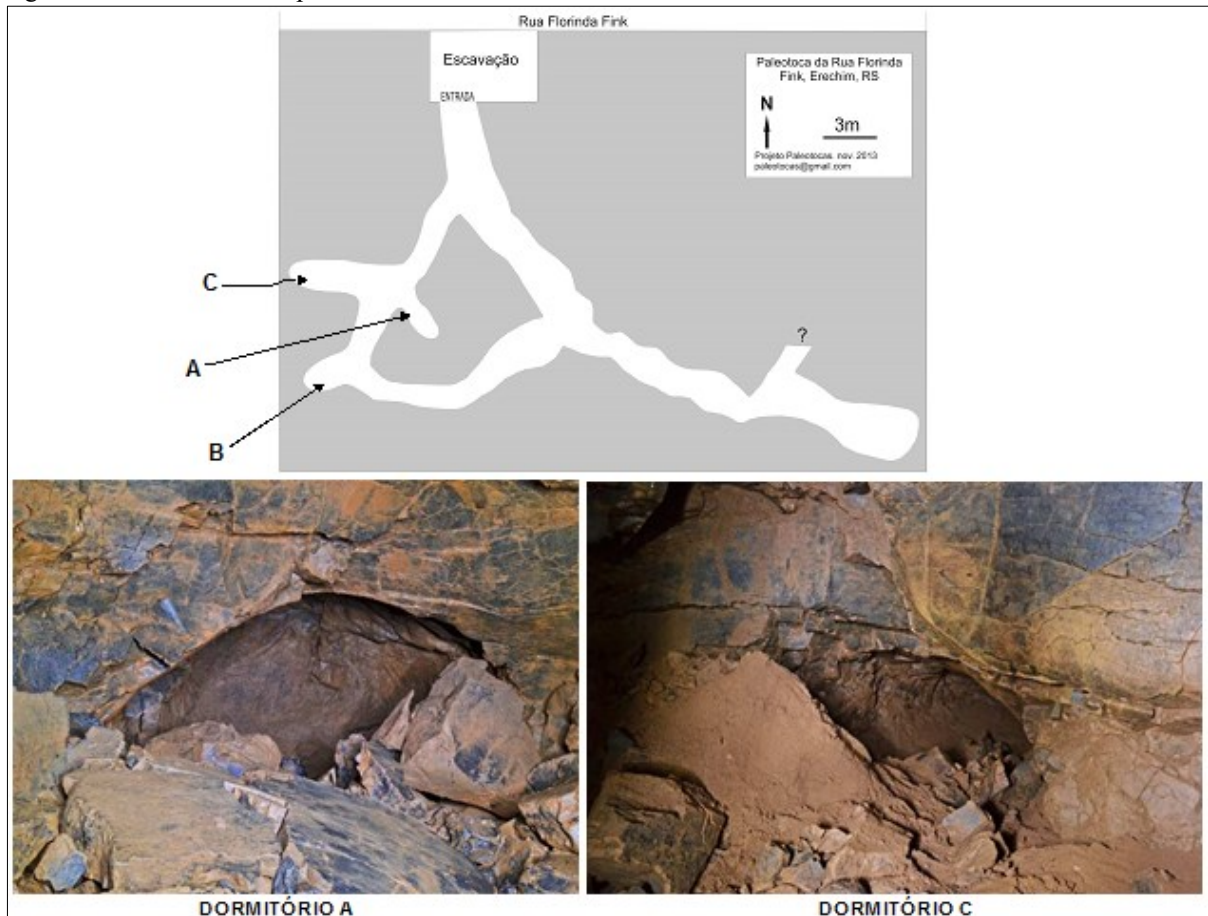
Figura 17 - Salão da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Neste trecho existem 3 túneis curtos sem saídas, provavelmente eram os dormitórios dos animais, em virtude disso o nome “Corredor dos Dormitórios”, dado pelos pesquisadores (Figura 18). Acreditam que tal corredor dava passagem aos três dormitórios, que se constituem túneis curtos sem saída. O dormitório A “apresenta a forma típica, com 1,2 m de largura e 1,5 m de profundidade, inclusive preservando várias marcas de garra nas paredes” e o dormitório C “a boca possui 1,74 m de largura e sua profundidade é de 3,0 m. O monte de terra à esquerda foi lentamente lavado para dentro desse espaço através da água da chuva que infiltrou por uma fratura na rocha”.

Figura 18 - Dormitórios da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

O acesso sul do “Corredor dos Dormitórios” é o trecho mais preservado da paleotoca, as paredes são praticamente originais e polidas em razão do uso, a altura é de 1 metro e o piso está coberto por argila (Figura 19).

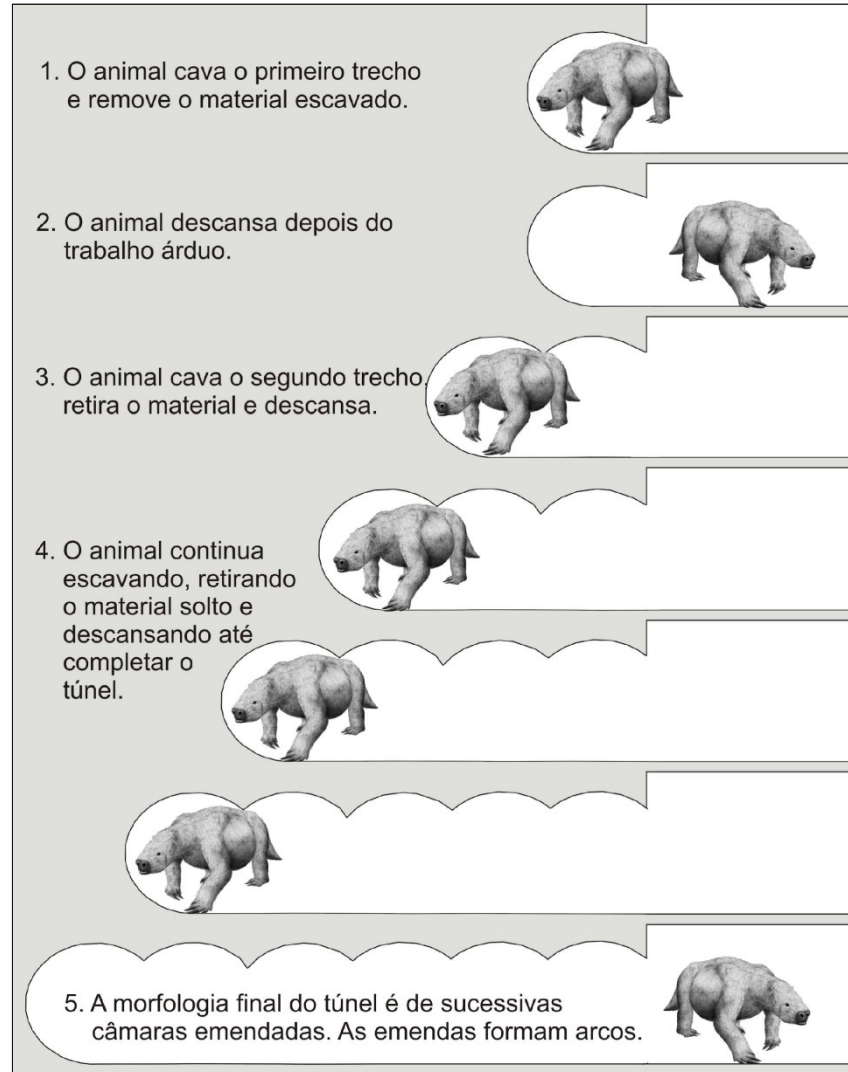
Figura 19 - Acesso sul ao corredor dos dormitórios da paleotoca de Erechim



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

É visível nesse trecho da paleotoca que as paredes possuem “arcos” sucessivos, os quais representam etapas de escavação, pois acredita-se que os animais não escavaram um túnel de uma só vez, mas sim aos poucos (Figura 20).

Figura 20 - Etapas de uma escavação de paleotoca



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>.

Uma curiosidade interessante e publicada no boletim TocaNews de número 38, de julho de 2016, é um tópico intitulado “Paleotoca de Erechim continua acessível”, o qual relata que o proprietário da casa que estava sendo construída em 2013, no local em que foi encontrada a paleotoca, deixou uma abertura no muro, assim tornando a paleotoca acessível, por dentro da casa.

A descoberta da paleotoca de Erechim também foi noticiada no *Jornal Bom Dia* do dia 21 de novembro de 2013, na página 16. A matéria, realizada com o arqueólogo Fabricio

Vicoski, é intitulada: “Confirmadas duas paleotocas na região”, e, além da paleotoca de Erechim, anuncia também a descoberta de outra no município de Áurea.

Segundo informações, extraídas da referida reportagem, a paleotoca de Áurea está localizada na propriedade da família Zaleski<sup>7</sup> e é menor do que a de Erechim, com diâmetro de 1 metro, sendo possível entrar aproximadamente 6 metros, mas totalizando cerca de 20 metros de extensão, no entanto há segmentos desabados impedindo a passagem. Na época da reportagem, o pesquisador destacou que a paleotoca servia de drenagem para uma vertente, e em razão disso era facilmente confundida como uma erosão causada pela água. Ressaltou que foi a primeira paleotoca encontrada no município (Figura 21).

Figura 21 - Pesquisador Heinrich Frank inspecionando a paleotoca de Áurea



Fonte: Acervo de Fabricio Vicoski, 2023.

Além das duas ocorrências registradas pelo projeto, em São José do Ouro e Erechim, e da estrutura localizada em Áurea, foram identificadas outras duas na região norte do estado, sendo uma em Novo Barreiro e a outra em Rondinha. Salienta-se que estas últimas ainda não integram o banco de dados do Projeto Paleotocas e serão apresentadas neste trabalho.

A ocorrência no município de Novo Barreiro, discutida em Kolling (2020), situa-se na localidade dos Três Mártires, interior do município, em uma propriedade privada. O túnel sempre instigou a curiosidade dos munícipes, os quais atribuem sua construção aos indígenas.

---

<sup>7</sup> Atualmente a propriedade pertence à família Babinski.



No entanto, a partir dos estudos realizados até o momento, é possível constatar e atribuir sua construção aos mamíferos gigantes da megafauna, todavia não é descartada a possibilidade deste espaço ter sido ocupado posteriormente também por grupos humanos.

O local (Figura 22) sempre foi frequentado pela minha família, próximo há uma área onde montamos acampamento nas férias dos meses de janeiro e fevereiro de todos os anos. Desde criança conheço o local, no entanto, assim como os demais familiares, acreditava ser uma construção indígena.

Figura 22 - Visita ao túnel de Novo Barreiro pela pesquisadora ainda quando criança



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

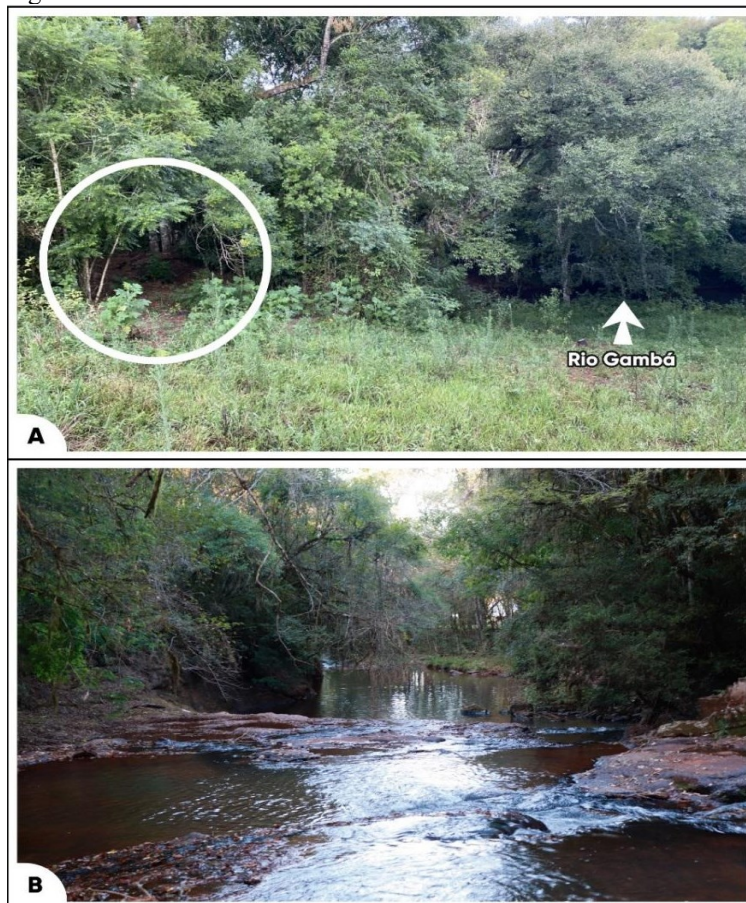
Ao iniciar a graduação em História na Universidade de Passo Fundo no ano de 2016 e cursar a disciplina de Rio Grande do Sul I com a professora Jacqueline Ahlert, a qual apresentou as ocorrências de paleotocas no estado, constatamos que a evidência de Novo Barreiro tinha grande potencial de ser uma paleotoca, descartando totalmente a possibilidade de ser uma

construção indígena, como já mencionado. Isso não significa que, posteriormente, o local não tenha sido reutilizado também por grupos humanos.

A evidência, em formato de túnel, da localidade de Três Mártires, apresenta uma extensão total com cerca de 20 metros. Em razão do fluxo e das atividades desenvolvidas pelas pessoas durante os anos, encontra-se bastante degradado. Segundo moradores que residiam próximo à estrutura subterrânea, no passado havia lavouras próximas ao local em estudo, o que de fato pode ter acarretado o deslizamento de rochas e terra para o seu interior. Outro fator que provavelmente contribuiu para a sua degradação é que a principal estrada geral que ligava os municípios de Novo Barreiro e Palmeira das Missões passava próxima ao local, porém com o crescimento da Vila Barreiro e com a pavimentação da rodovia RS-569 no outro lado da cidade, os moradores aos poucos foram deixando a área e atualmente não se encontram moradores nos arredores (KOLLING, 2020).

Situa-se em terreno inclinado, em seu entorno há vegetação nativa (Figura 23 A), e próximo ao túnel há o Rio Gambá (Figura 23 B). Ao longo de toda extensão do rio é notória a presença de rochas basálticas, provenientes de derrames basálticos.

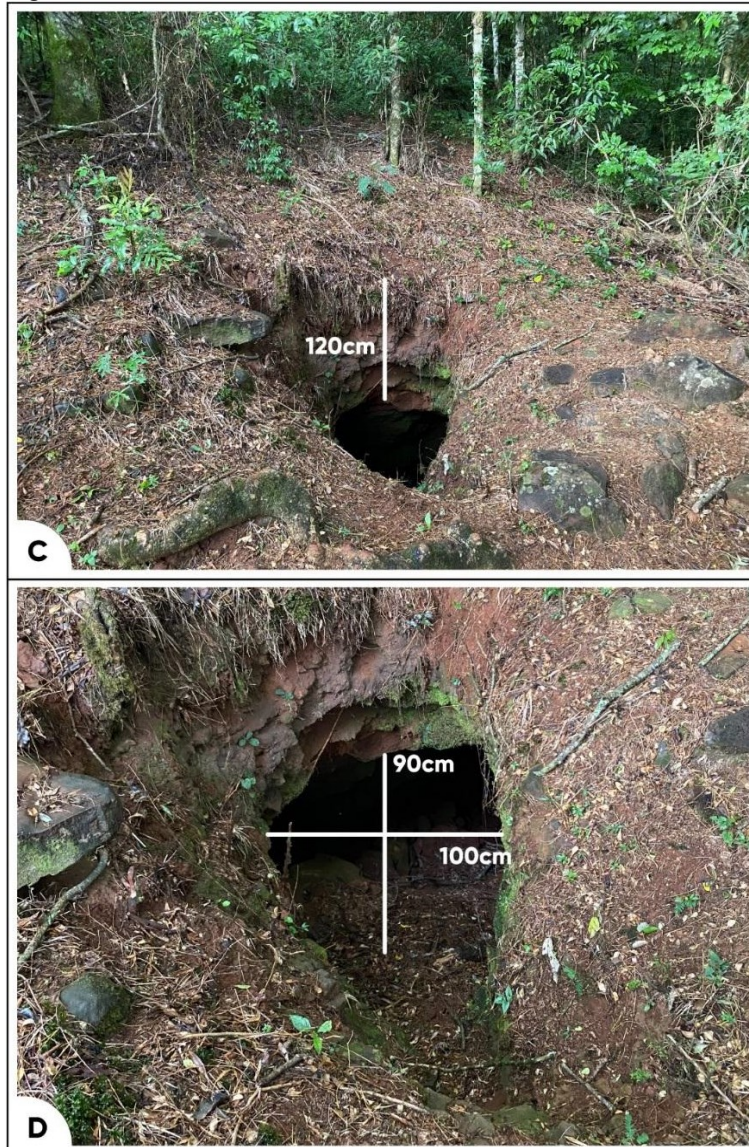
Figura 23 - Entorno da estrutura



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Como já mencionado, atualmente o túnel apresenta extensão total de cerca de 20 metros, sua entrada apresenta formato circular, estando cerca de 120 cm abaixo do nível da superfície (Figura 24 C) e apresentando aproximadamente 100 cm de largura e 90 cm de altura (Figura 24 D). Nota-se a presença de terra que deslizou de fora para o interior da estrutura, deixando a passagem para dentro mais estreita. Em razão da umidade este local é bastante escorregadio.

Figura 24 - Entrada da estrutura



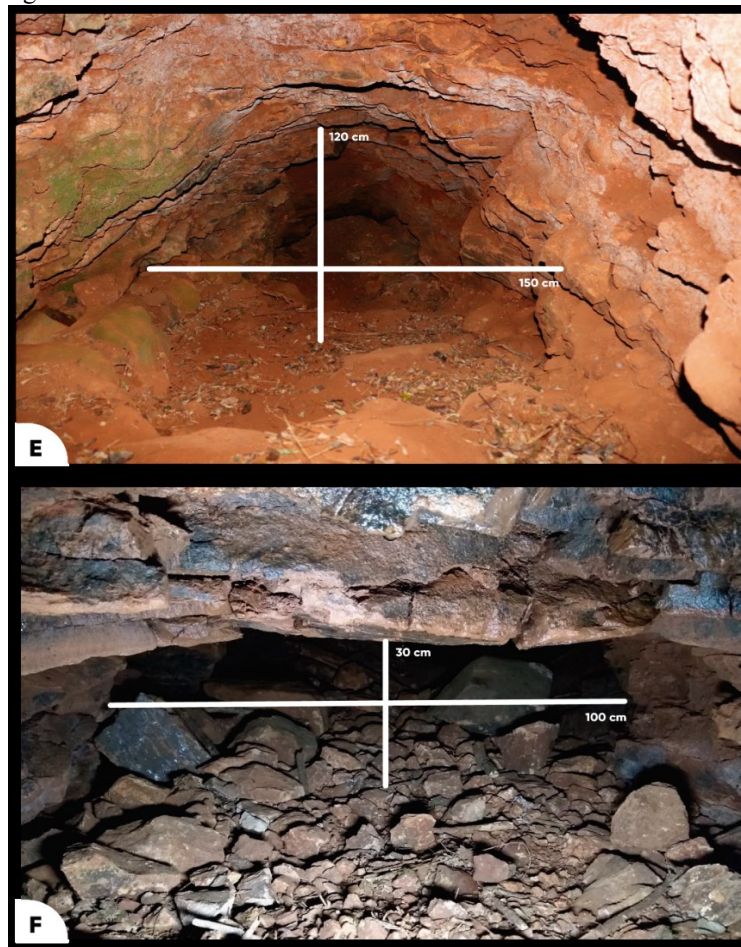
Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

É possível perceber, logo nos 6 primeiros metros do túnel, que as paredes apresentam formato arredondado, no entanto, em razão da presença de terra em seu interior ocasiona formato semicircular (Figura 25 E). As medidas obtidas nesta parte do túnel foram cerca de 120 cm de altura e 150 cm de largura, vale salientar que é visível a presença de muita terra e rochas

soltas, que desabaram das paredes laterais, ou teto, ou rolaram pela entrada, o que impede uma maior altura e até mesmo largura. Certamente ambas as medidas eram maiores.

Seguindo a estrutura, há uma passagem estreita (Figura 25 F), a qual vamos denominar aqui como corredor que leva a uma galeria maior. Tal passagem apresenta a menor altura e largura do túnel, respectivamente 30 cm e 100 cm e só é possível passar rastejando com muito cuidado, qualquer esbarrão pode ser fatal.

Figura 25 - Interior da estrutura

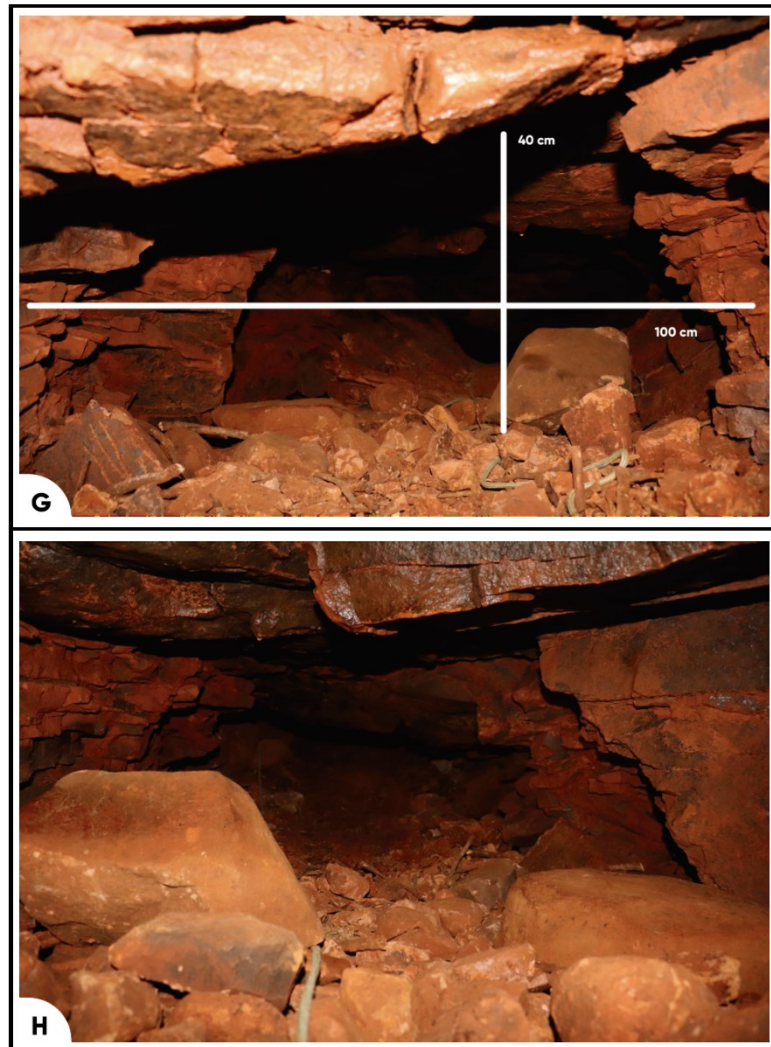


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Este corredor mede cerca de 4 metros de comprimento (Figura 26 H), do seu início até se chegar a uma galeria maior, e é o ponto de maior dificuldade de acesso, em razão de estar bastante degradado, apresentando inúmeros sedimentos de rochas. Possivelmente a quantidade expressiva de sedimentos seja em decorrência do desabamento do teto e paredes ou que adentraram pela entrada do túnel, já que existe um declínio no terreno e tudo que cai ou é colocado na entrada acaba rolando até este ponto. Nota-se que o formato arredondado do túnel não é visível neste trecho e a partir dele é tudo escuro, sendo necessário uma lanterna ou objeto

capaz de iluminar para visualizar o restante da paleotoca. As medidas obtidas aproximadamente na metade deste trecho foram 100cm de largura e 40cm de altura (Figura 26 G).

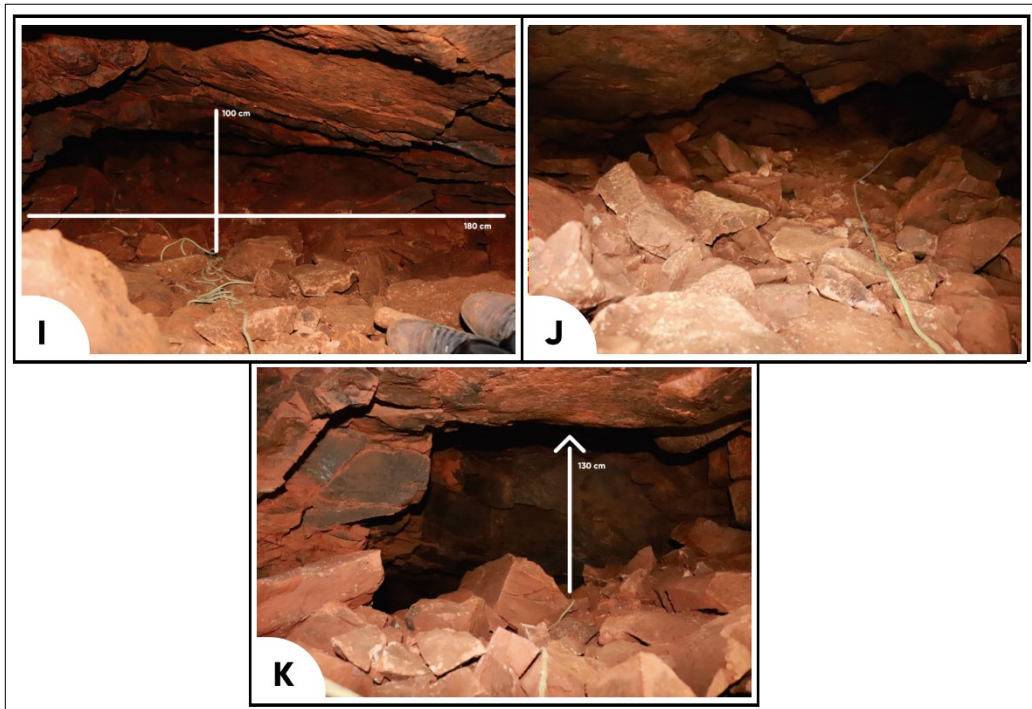
Figura 26 - Passagem estreita da estrutura



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Após passar pelo trecho estreito, corredor, há uma galeria maior (Figura 27 I) em formato semicircular em razão do preenchimento parcial por rochas. Conclui-se que desabaram do teto. Nesse espaço se obteve maior largura e altura, respectivamente 180 cm e 130 cm, por apresentar estas medidas é provável que o espaço seja atribuído à área de repouso do possível animal escavador. Neste local não há trechos originais, praticamente todo o teto desabou, e o que se tem agora é um teto formado por grandes blocos, alguns muito rachados, aparentemente quase caindo, e é necessário rastejar sobre grandes blocos angulares de rocha para continuar percorrendo a paleotoca (Figura 27 J).

Figura 27 - Interior da estrutura

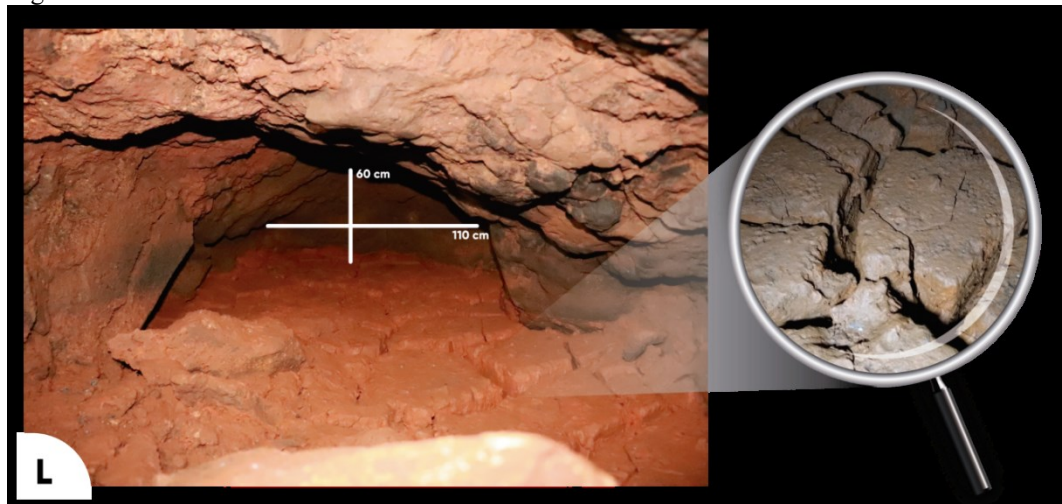


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A partir desse local, possível área de repouso do animal escavador, abre-se um túnel menor (Figura 27 K), é importante ressaltar que há um desnível de cerca de 80 cm da galeria maior para o túnel final, isso em razão dos diversos fragmentos de rochas desabados.

O trecho final é a parte mais preservada da paleotoca, apresenta paredes e teto em formato arredondados, semelhantes às do início da estrutura, as medidas obtidas foram cerca de 60 cm de altura e 110 cm de largura (Figura 28 L). No chão, há um barro argiloso com sulcos de até 15 cm (Figura 28 M), provavelmente se formaram a partir de água infiltrada.

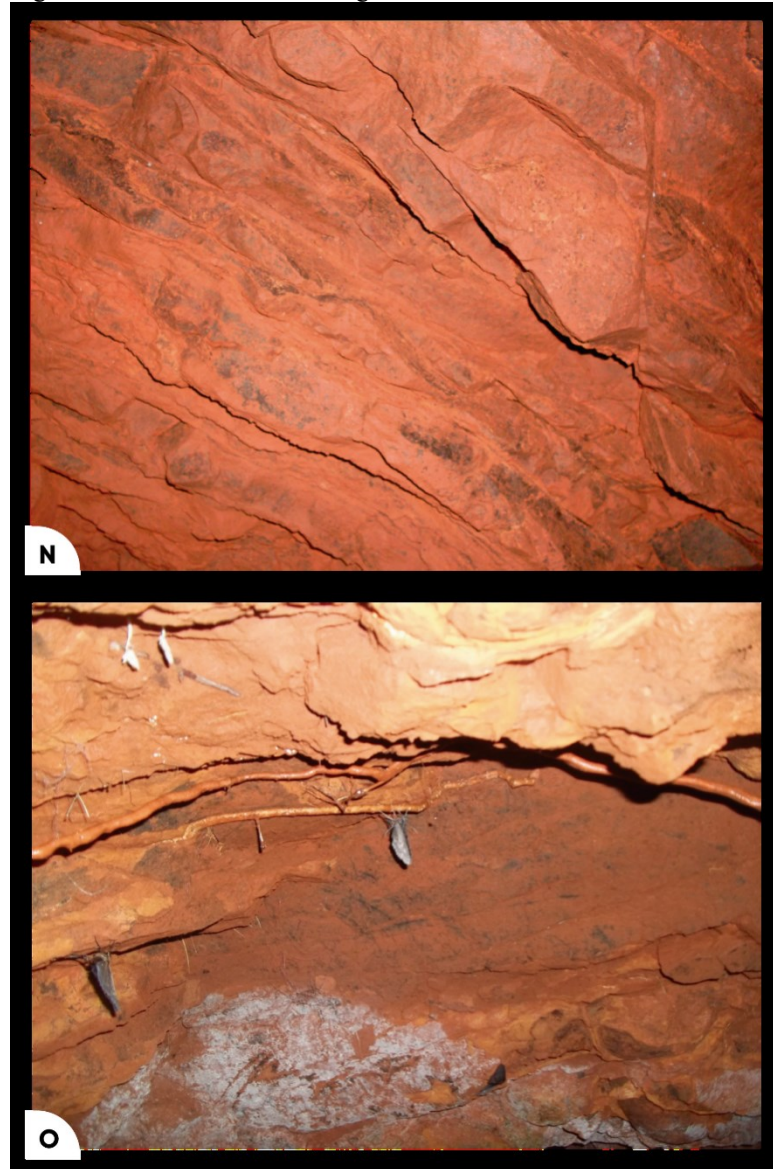
Figura 28 - Final da estrutura



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

No interior do túnel é possível observar marcas que se assemelham a marcas de garras (Figura 29) que possivelmente pertencem ao organismo escavador do abrigo subterrâneo. Tais registros são evidentes nas paredes que ainda se encontram preservadas, ou seja, onde não ocorreu desabamento.

Figura 29 - Possíveis marcas de garras



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Em razão das características apresentadas pela estrutura, mesmo depois de inúmeras interferências naturais e humanas, é possível supor que a estrutura tenha sido escavada por preguiças-gigantes.

Já no município de Rondinha, foi evidenciado e investigado um local que apresenta características que se assemelham a este vestígio da megafauna. A estrutura se encontra em

uma propriedade privada, sob rochas em meio a mata e próximo de lavouras (Figura 30). O lugar é visitado por moradores do município e região e é popularmente chamado de “gruta da santinha”. Para chegar até o local é necessário passar por áreas de plantio e mata.

Figura 30 - Localização da estrutura de Rondinha

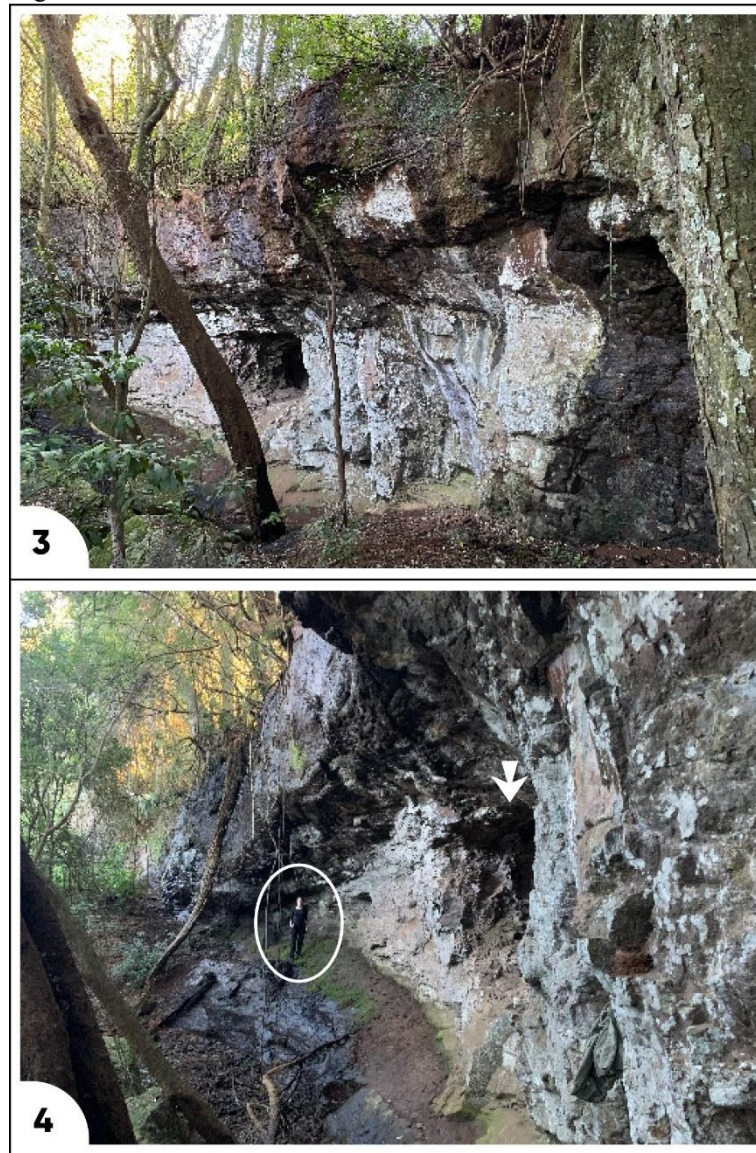


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A estrutura se encontra em um paredão de rochas (Figura 31). Na Figura 31 4, podemos ter noção das dimensões do local a partir da presença da pesquisadora na foto.



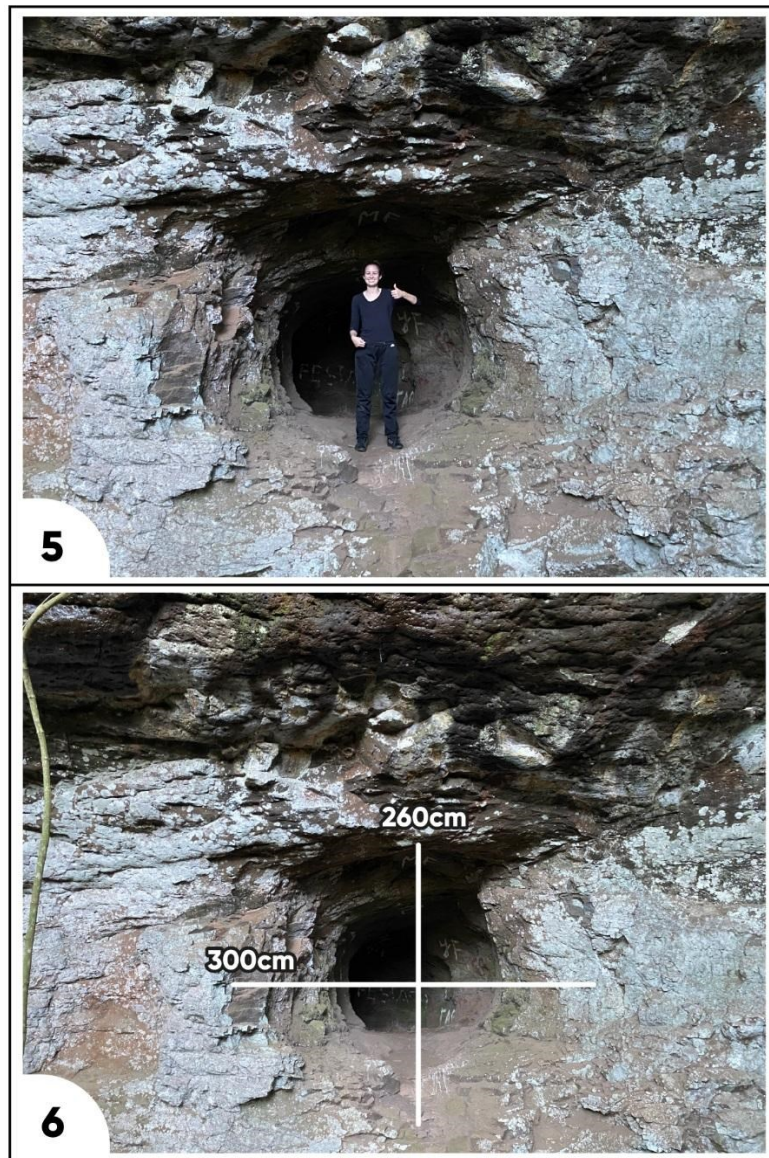
Figura 31 - Entorno da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas apresentadas na entrada do túnel (Figura 32 6) foram largura de 300 cm, ou seja, 3 metros, e altura de 260 cm, ou seja, 2 metros e 60 cm. A partir da Figura 32 5, em que a pesquisadora aparece, é possível ter noção das dimensões da entrada do túnel. A extensão total do túnel, deste ponto até a parede final, é de aproximadamente 6,50m.

Figura 32 - Entrada da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Nota-se que as rochas da parte inicial estão fragmentadas e com sinais de desabamento, possivelmente a extensão do túnel era maior. Os blocos de rochas desse suposto desabamento se encontram à frente do túnel e de toda a parede de rochas (Figura 33).

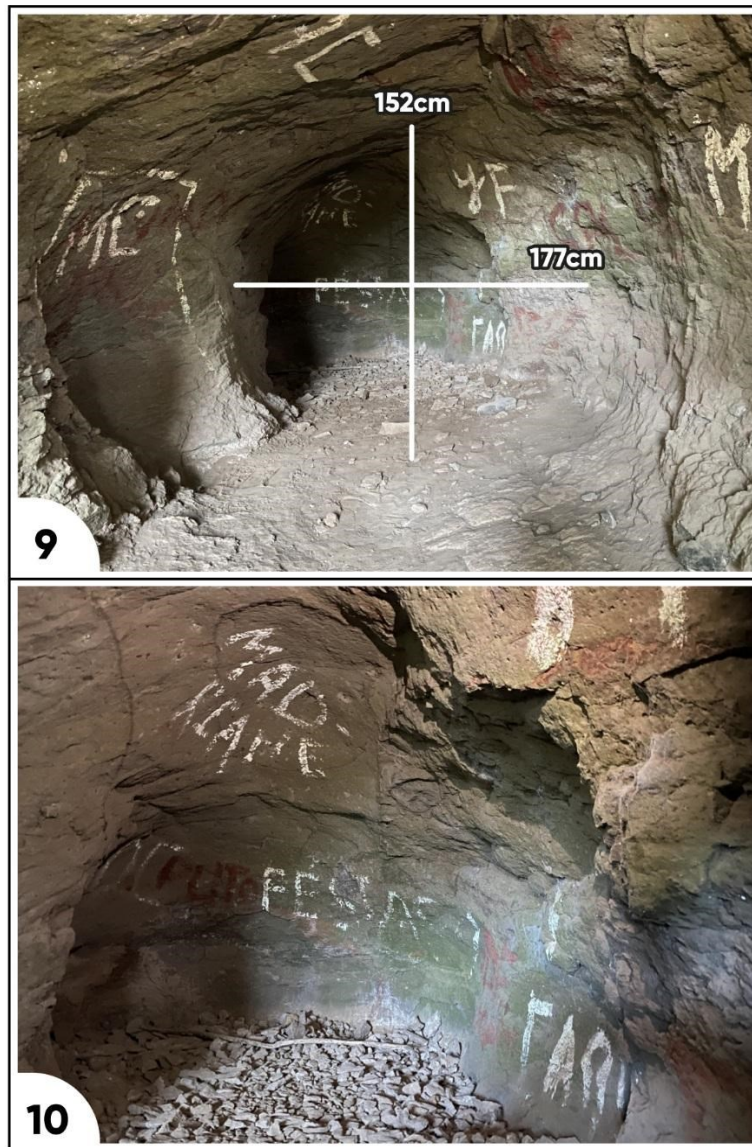
Figura 33 - Entorno da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

No interior do túnel é possível observar o formato arredondado das paredes e teto. As medidas apresentadas no meio do túnel (Figura 34 9), exatos 325 cm da entrada, foram 177 cm de largura e 152 cm de altura, salienta-se que em outros locais essas medidas foram maiores. É visível também a presença de arcos, como se a estrutura tivesse sido construída por partes.

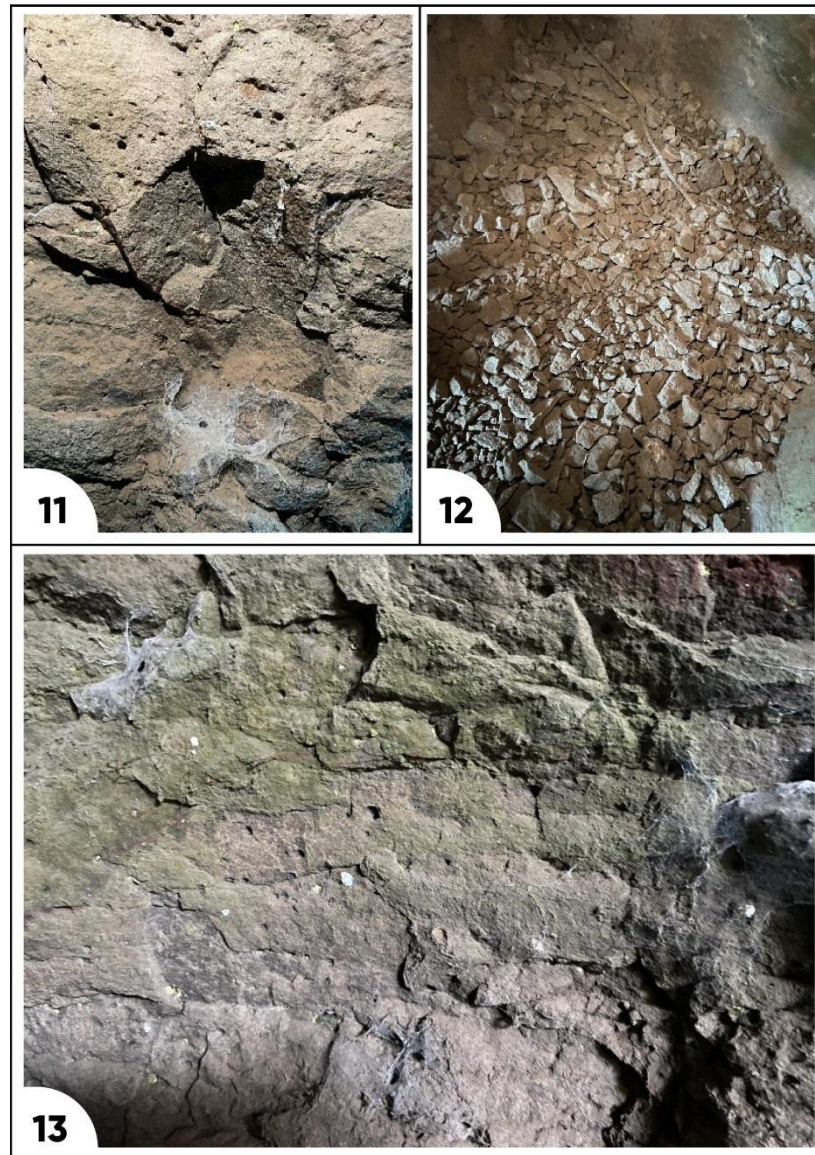
Figura 34 - Interior da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

O final do túnel (Figura 34 10), assim como o restante do interior, apresenta paredes com formato circular e sedimentos de rochas no chão. Praticamente todo o chão da estrutura está coberto por sedimentos que desabaram do teto e principalmente das paredes (Figura 35). Dessa forma, não há presença de paredes e teto com seus formatos originais, o que justifica a não identificação de marcas de garras do possível animal escavador.

Figura 35 - Sedimentos da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Outra característica apresentada pela rocha é a presença de geodos de rochas cristalinas de coloração verde. Eles estão nas paredes e, principalmente, no teto (Figura 36), onde observam-se pequenas cavidades esféricas nos locais dos quais os geodos desprenderam-se naturalmente.

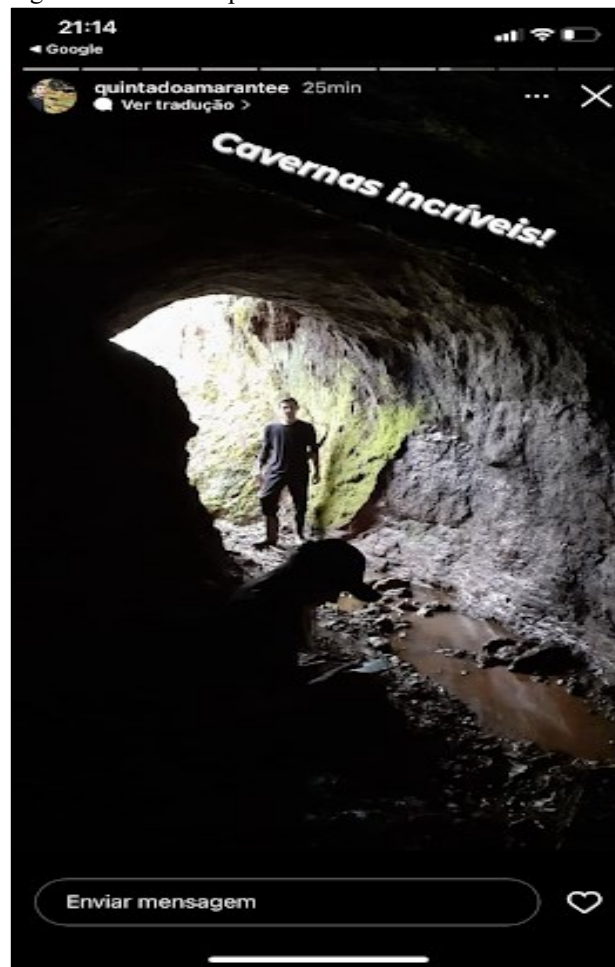
Figura 36 - Características da rocha da estrutura de Rondinha



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Tem-se conhecimento de outra estrutura em formato de túnel no norte do estado, especificamente no município de Sertão, a qual tem potencial de se constituir em uma paleotoca. No entanto, a galeria está localizada em propriedade privada e até o momento não nos foi dada permissão para visitá-la. Tivemos conhecimento deste local a partir de publicação na rede social *Instagram* (Figura 37).

Figura 37 - Possível paleotoca em Sertão



Fonte: Print de tela de publicação da rede social *Instagram*

Tendo em vista a importância da difusão de conhecimentos com o objetivo de oportunizar à comunidade local conhecer o seu patrimônio e, conseqüentemente, preservá-lo, já foram realizadas visitas guiadas pela pesquisadora Lieli Kolling à paleotoca da localidade Três Mártires, no ano de 2022, com alunos do 5º e 6º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Batista Réus, da Linha Biriva, interior do município de Novo Barreiro. Tal visita teve a intenção de oportunizar aos alunos conhecer o local e compreender os processos de ocupação do território. Considerando os riscos de desabamento e até mesmo o estado de preservação do local, só foi possível chegar e visualizar a parte inicial do túnel (Figura 38).

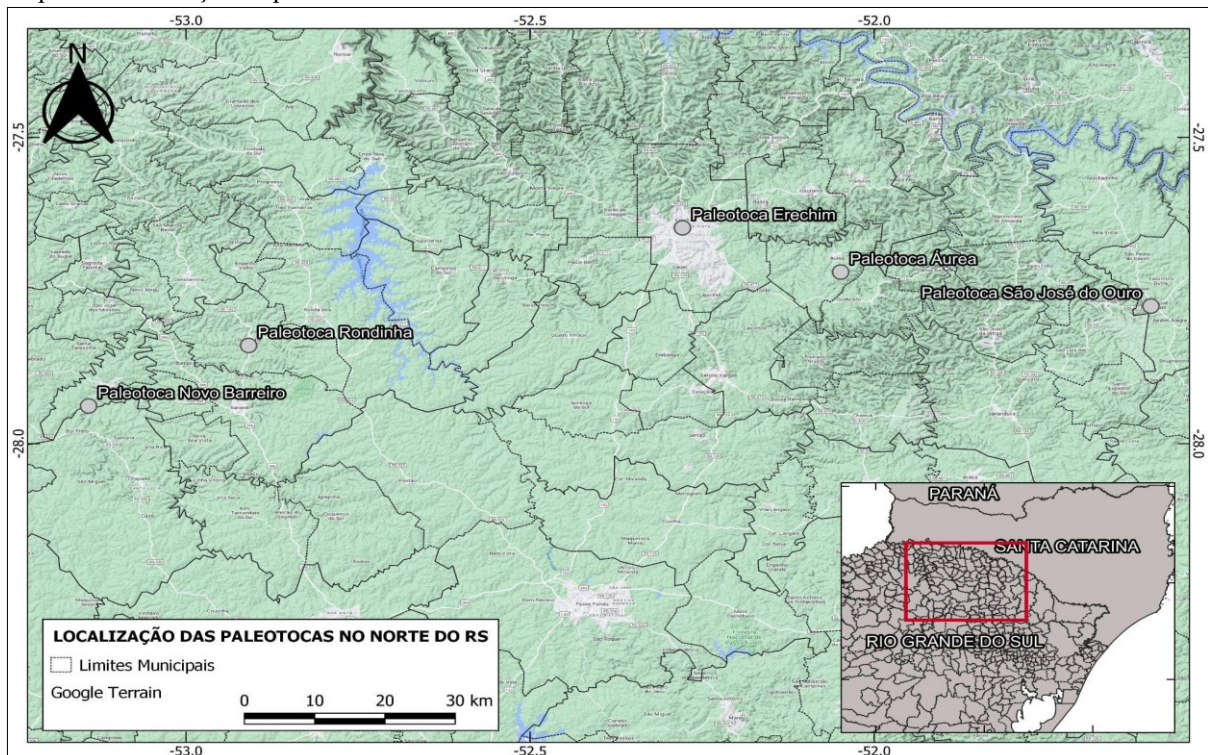
Figura 38 - Aluno da Escola João Batista Réus em visita à paleotoca de Novo Barreiro



Fonte: Fotografia Lieli Kolling, 2022.

As ocorrências apresentadas neste capítulo constituem-se um importante registro paleontológico da megafauna extinta de mamíferos e evidenciam o potencial paleontológico da região norte do estado, conforme Mapa 5.

Mapa 5 - Localização de paleotocas identificadas no norte do Rio Grande do Sul



Fonte: Rio Grande do Sul, 2023.



## 2. VESTÍGIOS DE UMA HISTÓRIA ANTIGA NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Este capítulo é destinado inicialmente à apresentação da História Antiga do estado do Rio Grande do Sul e posteriormente é apresentada a delimitação espacial da pesquisa, região do alto curso da bacia do Rio da Várzea. Atualmente, configura-se como uma região extremamente agrícola, o que favorece a incidência de vestígios arqueológicos da História Antiga em áreas de plantio.

Após são apresentados os achados arqueológicos na região em estudo, especificamente nos municípios de Novo Barreiro, Chapada e Rondinha. Tais municípios ainda não foram contemplados com pesquisas arqueológicas, com exceção de Chapada, que teve um pequeno trecho das margens do rio Jacuí Mirim pesquisada no ano de 2017 (Processo Iphan nº 01512.000110/2016-3). A pesquisa teve o apoio institucional do Núcleo de Pré-História e Arqueologia de Passo Fundo. O projeto visou a avaliação do potencial arqueológico na área de implantação de uma Central Geradora Hidrelétrica (CGH Mirim), projetada na divisa dos municípios de Santa Bárbara do Sul, Carazinho e Chapada. Na oportunidade não houve a identificação de sítios ou vestígios arqueológicos pré-coloniais.

### 2.1 História Antiga do Rio Grande do Sul

Conforme dados extraídos do portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, atualmente há registrados no Brasil 35.648 Sítios Arqueológicos, destes 4.078 estão no estado do Rio Grande do Sul<sup>8</sup>. As pesquisas arqueológicas tiveram início, no estado, ainda no século XIX, no entanto em meados dos anos de 1960 e 1970 as pesquisas se intensificaram. Arqueólogos e pesquisadores realizaram, por intermédio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas- PRONAPA, prospecção e escavações em diversas regiões. O referido programa nacional foi organizado em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Smithsonian Institution, instituto norte americano, especificamente pelos arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers.

A primeira investida sistemática realizou-se em 1964, sob a forma de um seminário de um mês organizado pela Universidade Federal do Paraná e financiado pela Fulbright Commission e CAPES, reunindo arqueólogos de diversas partes do Brasil. Durante esse encontro, foram discutidos processos padronizados para análise e descrição de cerâmica, proposto um glossário de termos arqueológicos e revistas as condições da arqueologia brasileira quanto a problemas de pesquisas, bem como de facilidades institucionais e financiamento. Dessas discussões emergiu o Programa

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/cadastro-de-sitios-arqueologicos>>. Acesso: 20 set. 2023.

Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), o qual representa um esforço coordenado entre Pesquisadores e Professores de 11 Universidades e Museus brasileiros sob o co-patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas e da Smithsonian Institution, com a colaboração do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O trabalho de campo teve início em fins de 1965, com planejamento para 5 anos, dos quais 3 já se escoaram (CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS, 1969).

As pesquisas realizadas a partir deste programa se detiveram na prospecção, procurando identificar culturas, adaptação ecológica e a distribuição espacial e temporal. Ressalta-se os pesquisadores pioneiros, os quais foram chefes de equipes, Eurico Theofilo Miller do Museu Arqueológico, Pedro Augusto Mentz Ribeiro do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Santa Cruz do Sul, Pedro Ignácio Schmitz e Ítala Irene Basile Becker do Instituto Anchieta de Pesquisas, Guilherme Naue e Arno Alvarez Kern da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS e José Proenza Brochado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (SCHMITZ, 2006).

### *2.1.1 A passagem do pleistoceno para o holoceno e os primeiros registros de ocupação no Rio Grande do Sul*

Quanto à chegada dos primeiros grupos humanos no território, que hoje compreende o estado, Schmitz (2006) ressalta que atravessaram o estreito de Behring, peregrinaram pela América do Norte e central, até chegar na região. Estas primeiras populações a se instalarem tinham pouco domínio sobre a natureza, aproveitando o que ela lhes ofertava, assim quase não interferindo no seu sistema e dependendo da distribuição de recursos. Nesse sentido, os locais que reuniam maior quantidade e variedade de recursos, eram mais úteis.

Pesquisas promovidas a partir do PRONAPA indicaram o início do povoamento do território durante a última glaciação e até o momento esta informação é consenso entre os pesquisadores. Ressalta-se que glaciação é um fenômeno climático caracterizado pela diminuição da temperatura média da Terra, o qual provoca o aumento das geleiras nas calotas polares resultando em alterações ambientais, como por exemplo influenciando a flora, fauna, relevo e o nível dos mares.

Desse modo, deve-se compreender a formação do meio físico daquele período, o qual era completamente diferente do atual. “O território que habitamos atualmente não possuía no passado o clima de hoje. Durante a última glaciação, quando aqui chegaram os primeiros povoadores, outras eram as características ambientais vigentes” (KERN, 1994, p. 33).

Não basta ter em mente apenas o atual comportamento ambiental da região em questão. Ter a visão do ambiente da atualidade é de grande valia, desde que não se perca de vista a sua configuração em tempos passados, principalmente por volta do final do Pleistoceno e início do Holoceno (VERONEZE, 1992, p. 60).

Atualmente, vivemos na época geológica denominada holoceno, a qual faz parte do período geológico quaternário, da era cenozóica e iniciou cerca de 10.000 anos antes do presente- AP (Quadro 1). O período que antecede o atual é denominado pleistoceno e abrange um período de tempo que vai de dois milhões de anos a 12 mil anos AP em que ocorreram quatro glaciações. A última delas é denominada *Würm* (Europa) ou *Wisconsin* (América do Norte), durou cerca de 60 mil anos, de 70.000 AP a 10.000 AP e teve o seu ápice aproximadamente 18 mil anos atrás.

Quadro 1- Escala geológica

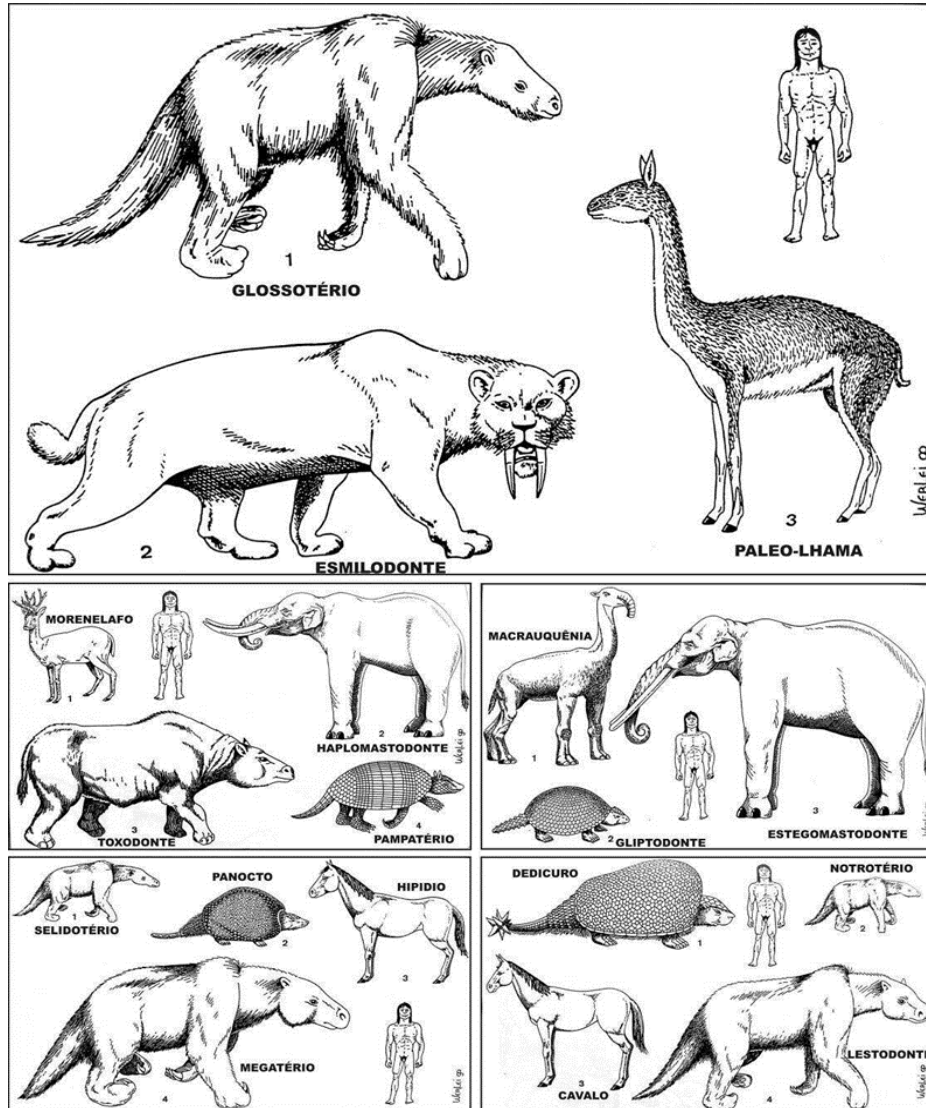
ERA	PERÍODO	ÉPOCA	IDADE	CARACTERÍSTICA
Cenozóico	Quaternário	Holoceno	10.000	"Era do Homem". O homem torna-se a forma de vida dominante sobre a Terra. Estabilização do clima.
		Pleistoceno	1.750.000	Glaciações mais recentes. Domínio dos mamíferos de grande porte. Evolução do <i>homo sapiens</i> .
	Terciário	Plioceno	5.300.000	Avanço das geleiras. A Vegetação é dominada pelos campos e savanas. Aparecimento de animais ruminantes.
		Mioceno	23.500.000	Formação de grandes campos. Mudanças levam a formação da calota polar Antártica.
		Oligoceno	34.000.000	Formação de grandes campos. Mudanças levam a formação da calota polar Antártica.

Fonte: Vicoski, 2011.

Jacobus (apud SCHMITZ, 2006), ressalta, em relação ao ambiente, que a temperatura era mais baixa que na atualidade, os rios apresentavam pouca água e a paisagem uma fisionomia de forte aridez. Cita que quando os primeiros povoadores chegaram, havia animais de estatura e peso muito maiores (Figura 39), os quais estavam adaptados ao clima frio e às paisagens

abertas, como preguiças terrestres, tatus gigantes, hipopótamos, elefantes, camélidos e cavalos. Estes animais gigantes entraram em extinção por volta de 9.000 A.P, quando chegava ao fim a última glaciação, ocasionando um longo período de seca, diminuição da vegetação e aumento da temperatura.

Figura 39 - Animais da megafauna extintos no período de transição entre o Pleistoceno e Holoceno



Fonte: Jacobus apud Schmitz, 1991, p. 174-178.

Prous (1992), apresenta os indícios arqueológicos datados ou atribuídos ao pleistoceno encontrados nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Piauí, tais indícios são os mais antigos identificados até o momento. No estado do Rio Grande do Sul, os locais foram denominados como os sítios inundados de Arroio dos Fósseis.

Os sítios são terraços aluviais, cuja espessura varia de três a cinco metros. Acima do embasamento de basalto encontram-se os sedimentos do Pleistoceno final de cor

marrom-ocre (membro rudáceo da formação Touro Passos de Bombim, camada IX de E. Miller). Contém ossos rolados de megafauna, mas nenhum vestígio humano. Logo acima começam os sedimentos arqueologicamente férteis, e que conservam ainda fauna extinta (camadas VIII-VI de E. Miller, inclusive um osso de *Glossotherium robustus* datado de  $12770 \pm 220$  BP. Essas camadas encontram-se hoje, abaixo do nível médio do rio, podendo ser observadas somente em período de águas muito baixas (PROUS, 1992, p. 137-138).

Dias e Jacobus (2003, p. 2), afirmam que “o médio rio Uruguai, sudoeste do Rio Grande do Sul, corresponde à única região do sul do Brasil que apresenta uma cronologia consistente associada à transição pleistoceno-holoceno, com datações entre 12.770 e 8.585 anos AP”.

Miller (1987), classificou os achados deste recorte temporal em duas fases denominadas de Ibicuí e Uruguai. A primeira

está representada por três sítios a céu aberto. Dois estão localizados no dique marginal e planície de inundação da margem esquerda do rio Ibicuí (RS-I-50, RS-I-107). O terceiro situa-se junto à margem direita do rio Quaraí (RS-Q-2). Devido à erosão fluvial, eles estão sendo progressivamente destuídos. As evidências compostas por líticos e restos ósseos de megafauna (*Glossotherium robutus* e outros) apresentam-se reunidos em aglomerados descontínuos ao longo dos rios, numa extensão de até 160 m. No caso de RS-I-50, as evidências transpareciam também na margem direita do córrego homônimo, por 300m desde a confluência com o rio Ibicuí. O material ocorre em apenas um nível cuja espessura é a dos próprios testemunhos culturais e fósseis, na unidade estratigráfica III, na base do horizonte VIII ou topo do horizonte IX. Estão encobertos por sedimentos aluvionais de até 5.5 m de espessura; na porção superior dos sedimentos ocorrem evidências bem mais recentes de culturas précei arnicas e cerâmicas com pontas de projétil lítico lascadas (MILLER, 1987, p. 50).

#### Quanto à fase Uruguai

o espaço geográfico abrange desde o baixo rio Quaraí, ao sul, até o baixo rio Ijuí, ao norte, e o rio Uruguay entre estes extremos latitudinais, por ambas as margens. Apesar de presente nas repúblicas do Uruguai (rio Quaraí) e Argentina (rio Uruguay), faltam pesquisas de campo para determinar as reais dimensões espaciais desta cultura. São conhecidos 21 sítios, dos quais 14 estão junto do rio Uruguay (ver Figura 1). Todos estão sofrendo os efeitos da erosão fluvial anual sub-vertical contra os diques marginais. Via de regra, os sítios situam-se confronte aos baixios e corredeiras. Estratigraficamente ocupam a unidade III e nesta, os horizontes VII e VIII, com espessura sedimentar de 40 até 130 cm. São raras as evidências líticas desde o embasamento rochoso, junto a aglomerados de seixos em “pouding”, no horizonte IX ou sobre o horizonte X (leito rochoso do rio Uruguay-basalto ou arenito metamórfico). Estas últimas ocorrências cronologicamente seriam contemporâneas à Fase Ibicuí, sem pontas de projétil, e não há ainda como afirmar ou negar suas associações à Fase Uruguay (MILLER, 1987, p. 51).

Kern (1991), apresenta a ocupação inicial do território em dois momentos, o primeiro pelos caçadores-coletores-pescadores pleistocênicos e o segundo pelos caçadores-coletores-pescadores do Holoceno Inicial. Afirma que o estado já estava povoado desde o final da última glaciação. As populações pré-históricas parecem já firmemente estabelecidas no território desde

o Holoceno em uma área onde já existia ocupação animal e vegetal há milhões de anos. As paisagens florísticas e faunísticas estavam sofrendo transformações drásticas em razão das condições mais quentes. Neste cenário, tendo como palco os quadros morfoestruturais do relevo e o meio ambiente em processo de mudança, as populações de caçadores iniciaram sua adaptação com ações e reações. As paisagens não eram fixas e nem invariáveis, estavam sempre se transformando e se remodelando.

Por volta de 13.000 A.P, penetraram no atual território Rio-grandense os primeiros caçadores pré-históricos, os quais caçavam a megafauna. Na transição do Pleistoceno ao Holoceno, por volta de 12.000 A. P, com a mudança das condições climáticas, os caçadores pleistocênicos e a megafauna desapareceram. Chegava ao término a última glaciação, período em que “os caçadores contemporâneos da megafauna serão substituídos por três grandes grupos pré-históricos, estabelecidos em ambientes muito distintos: as florestas subtropicais, as zonas de campo e a planície litorânea” (KERN, 1991, p. 96).

A transição do período Pleistoceno para o período Holoceno apresenta alterações consideráveis não somente no ambiente, mas também na cultura material dos grupos que ocupam o território.

Durante o Holoceno inicial, dois grandes grupos de caçadores-coletores se desenvolvem e ocupam espaços, no interior do território gaúcho, em ambientes diferentes. O grupo mais antigo se estabelece nas zonas de campo e nas fimbrias das florestas das vertentes do Planalto Meridional, expandindo-se em direção ao sul. Através do pampa uruguaio e argentino, mantém contatos com grupos similares que se estendem até a Patagônia. Outro grupo de caçadores-coletores se instala no interior das florestas subtropicais do planalto gaúcho e de suas vertentes, procurando os vales quentes e úmidos. Seus sítios arqueológicos são encontrados ao longo dos vales do Rio Paraná e de seus afluentes, em uma área que se estende, em direção ao norte, até os limites com a zona tropical. Finalmente, quando o Holoceno inicial chega ao seu fim e se instalam as condições ambientais quentes e úmidas do Ótimo Climático (6.000 A.P), sobre a planície costeira os sambaquis testemunham um outro modo de vida, pescador-coletor marinho, ao lado do Oceano (KERN, 1991, p. 98).

Kern (1991), comenta que o período de 10.000 anos, holocênico, é importante do olhar da arqueologia pré-histórica do estado, pois é o momento em que o povoamento, já iniciado no final do Pleistoceno, aumenta, originando uma gradual ocupação, inicialmente pelos grupos de caçadores-coletores e pescadores e mais tarde pelos horticultores.

Noelli (2000), afirma grosso modo que houve três levas principais de ocupação humana. A primeira ocupou a região Sul a partir de 12.000 ou 13.000 AP e os registros arqueológicos são chamados de Tradição Umbu e Humaitá. Posteriormente, por volta de 2.500 anos atrás, a aparente estabilidade destas populações começou a ser alterada pela chegada de outras duas

levas principais de populações ceramistas e agricultoras, os Tupi, originários da Amazônia, e Macro Jê, vindas do Centro-Oeste do Brasil.

Vale salientar que o termo Tradição se trata de uma forma de nomear a tecnologia de confecção de artefatos líticos e cerâmicos. Tal terminologia tem o objetivo de facilitar o diálogo e intercâmbio de informações entre os pesquisadores da área. É importante destacar que a Tradição é uma forma de produção de artefatos que eventualmente pode ter sido compartilhada por diferentes grupos étnicos, mas não é propriamente um equivalente étnico.

Os arqueólogos, para melhor poderem manipular os seus materiais, usam termos próprios, alguns dos quais é preciso explicitar. Sítio, para eles, é um lugar onde aparecem restos de ocupação humana; pode ser um aglomerado de casas subterrâneas com seus acompanhantes, tapetas de choças de palha, acampamentos em abrigos rochosos, sambaquis etc. Fases denominam conjuntos de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso, gravações ou pinturas em rochas) e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma tribo indígena. Tradições são conjuntos maiores de materiais com características semelhantes, reunindo em geral diversas fases e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um tempo (e espaço) mais amplos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma nação indígena (SCHMITZ, 2006, p. 69).

Conforme Copé (*et al.*, 2013), a ocupação do estado é apresentada a partir de três ondas migratórias, a primeira chega por volta de 12.000 A.P e se refere aos grupos de caçadores e coletores, a segunda chega por volta de 2.000 A.P e é representada por grupos falantes das línguas Tupi-Guarani, e por fim, a terceira é a do conquistador europeu (Mapa 6).





brasileiro. Possuem como características o sedentarismo, dessa forma vivem em aldeias fixas, onde a prática da agricultura e horticultura estão presentes. Como inovação tecnológica surge a cerâmica, que é produzida em larga escala, com destaque às urnas funerárias dos Guarani. Já os grupos Jê se destacam por sua complexa engenharia de terra com a construção de casas semi subterrâneas, montículos funerários e grandes estruturas anelares cerimoniais.

A terceira onda migratória apresentada é a do conquistador europeu, o qual causa a alteração radical do modo de vida das populações nativas que habitavam a região. Segundo dados históricos ocorreram diversos conflitos entre as populações nativas e os colonizadores o que acarretou o genocídio de grande parte da população de grupos como os Charrua, os Minuano, os Guarani e os Jê.

Schmitz (2006), apresenta a Tradição Umbu, Tradição Humaitá e os Sambaquis como os grupos que formaram o mundo da caça, da pesca e da coleta nos primeiros dez milênios. Denomina os caçadores, pescadores e coletores das áreas abertas como Tradição Umbu, os caçadores, pescadores e coletores das florestas como Tradição Humaitá e os coletores, pescadores e caçadores do litoral como Sambaquis.

Pesquisas sobre a tradição Umbu foram realizadas principalmente por E. Th. Miller, P. A. Mentz Ribeiro e P.I. Schmitz. A. Kern (1981) e P.I. Schmitz (1984, 1985 e 1987) reuniram essas informações em síntese mais ou menos desenvolvidas, onde pode ser encontrada a bibliografia e as datas de carbono radioativo (SCHMITZ, 2006, p. 18).

A pesquisa realizada por Eurico Miller em 1976, no sudoeste do estado, na margem do rio Uruguai e seus afluentes, resultou no achado de acampamentos datados de 10.700 a 6.600 A.P, os mais antigos receberam a denominação de fase Ibicuí e os demais de fase Uruguai. A primeira, Ibicuí, é representada pelos dois acampamentos mais antigos encontrados nos afluentes do rio Uruguai, está acompanhada de animais extintos do período pleistocênico e os instrumentos encontrados foram raspadores e talhadores lascados por percussão, mas nada definido. A segunda, Uruguai, acreditam ser a continuação da fase Ibicuí, os instrumentos mais abundantes e são caracterizados por pontas de projétil, raspadores, facas e percutores; os acampamentos indicam grupos humanos reduzidos e pouco duradouros e a caça deveria se concentrar em animais de porte pequeno e médio, já que os de grande porte entraram em extinção devido as mudanças climáticas (SCHMITZ, 2006).

Entre 10.000 e 6.000 anos a população é rarefeita e vive em grupos familiares pequenos, os quais vagam pelo território e acampam à beira de córregos ou abrigos rochosos no planalto.

Também haviam outros pequenos bandos que vagavam pelas áreas de vegetação aberta da região sul do Brasil, Argentina e Uruguai (SCHMITZ, 2006).

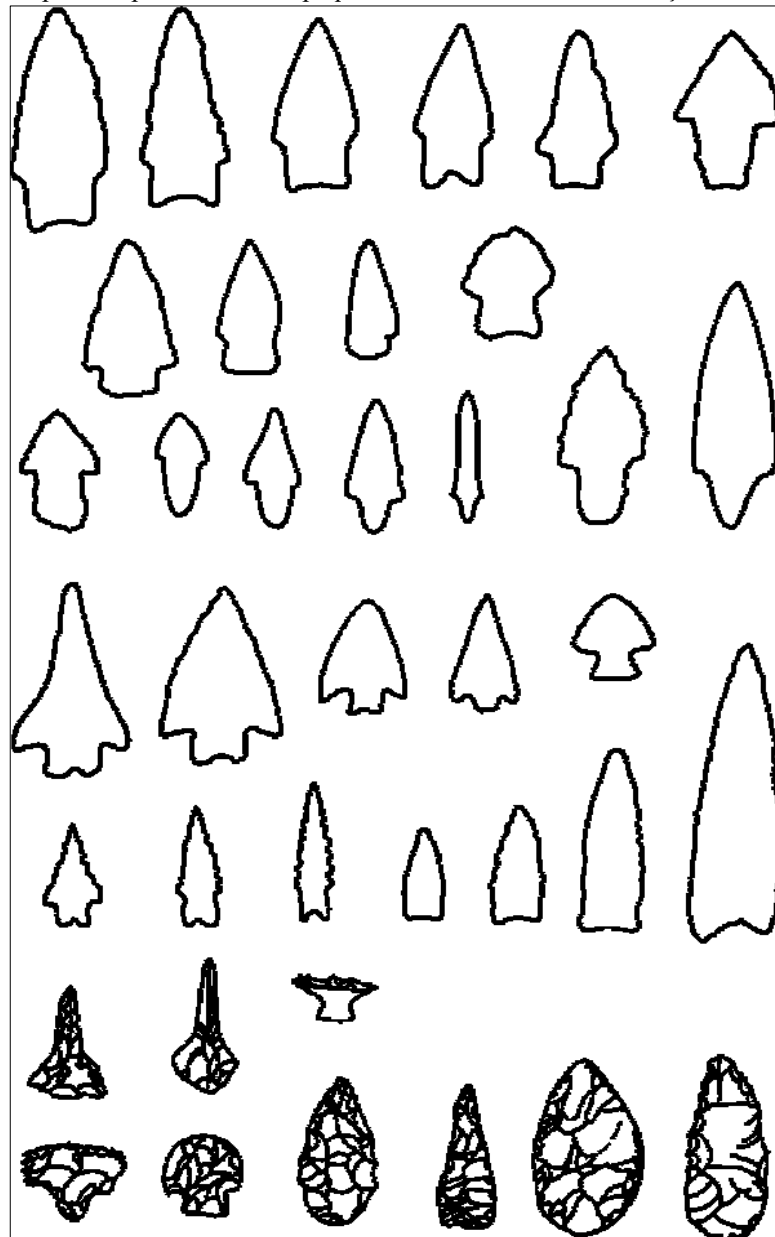
Prous (1992), afirma que a Tradição Umbu

é caracterizada pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica com lascas retocadas. O retoque é frequentemente feito com cuidado, podendo ocupar toda a superfície de uma ou de ambas as faces da lasca. Os portadores desta indústria parecem ter ocupado as regiões menos arborizadas; realizando raras incursões nas encostas do planalto, chegaram até o litoral em pelo menos dois pontos. Tardamente, parece que se espalharam por vários vales, influenciando no Rio Grande do Sul portadores da outra grande tradição (Humaitá), que adotaram as pontas de flecha (PROUS, 1992, p. 149).

Schmitz (2006), afirma que no momento em que a umidade e a vegetação arbórea aumentam surgem populações portadores da Tradição Umbu, concentrados em abrigos rochosos próximo aos rios na região Nordeste e dos campos de pinheirais ao Centro do Estado. Os sítios destes grupos são maiores e representam uma ocupação mais longa. A confecção de instrumentos de pedra é mais variada, contendo também furadores, quebradores de alimentos, talhadores, lâminas de machado polidas e bolas de boleadeira (Figura 40). Utilizavam ossos, provenientes da caça para confeccionar furadores, espátulas, anzóis, agulhas, pingentes de dentes e carapaças de moluscos. Em relação à matéria prima utilizada para confeccionar os instrumentos de pedra, a mesma

provém de seixos do rio, blocos ou afloramentos rochosos e é trabalhada, de acordo com sua natureza, por lascamento, picoteamento ou polimento. Calcedônia, arenito, quartzito são trabalhados por percussão; basalto, diorito e outras rochas semelhantes geralmente por picoteamento ou polimento (SCHMITZ, 2006, p. 17).

Figura 40 - Formas comuns de pontas de projétil, furadores, pequenos raspadores pedunculados e pequenas folhas bifaciais da Tradição Umbu.



Fonte: Schmitz, 2006, p. 28.

A partir dos restos de alimentos encontrados em locais que foram ocupados por estes grupos, foi possível constatar que a alimentação estava baseada na caça generalizada, estando presentes na dieta: a anta, o veado, o porco do mato, a cutia, o coati, a paca, o bugio, a jaguatirica, o tatu, o ratão do banhado, a preá, cágados e lagartos. Também foram encontrados ossos de peixes, ovos de ema, conchas de caramujos e frutas, no entanto a presença destas últimas não é abundante, o que não significa que não eram muito usadas (SCHMITZ, 2006).

“Há poucos trabalhos extensivos e nenhum trabalho aprofundado sobre a Tradição Humaitá, embora todos os arqueólogos do Estado, em um momento ou outro, tenham lidado,

com ela. Sínteses abrangentes são encontradas em Kern (1981) e Schmitz (1984 e 1987)” (SCHMITZ, 2006, p. 20).

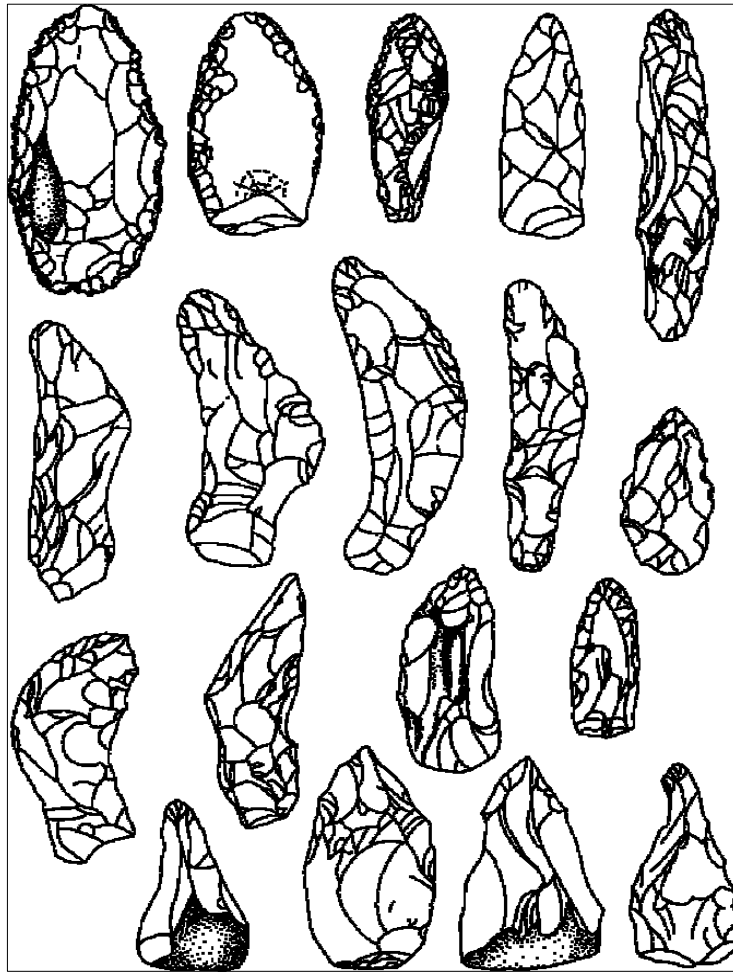
Kern (1991), afirma que a maioria dos sítios estudados se caracteriza por ser ao ar livre e situados na margem dos principais rios, afluentes, arroios, várzeas, terraços e colinas. Quanto à indústria lítica, caracteriza-se por apresentar indústria lascada em arenito silicificado e em rochas efusivas (basalto e diabásio). O lascamento dos utensílios era realizado, na maioria das vezes, a partir de núcleos ou de grandes lascas de basalto, diferente de outras culturas, que era por meio de seixos. Quanto às técnicas de lascamento e acabamento, a maioria das peças são lascadas por percussão direta. A aparência geral dos instrumentos pode ser muitas vezes rústica, sendo que as dimensões que mais aparecem são grandes e médias se comparadas às das outras culturas da região do pampa e litoral. Em relação às técnicas de polimento, no estado, estas começaram a aparecer em um período mais tardio.

Os acampamentos desta Tradição eram temporários e formados por grupos pequenos que retornavam ao mesmo local desde que este oferecesse recursos para sobrevivência. Os instrumentos são grandes enxós, raspadores, talhadores, cunhas lascadas, picões, facas, furadores e lascas simples (Figura 41). A presença de instrumentos polidos, como lâminas de machado, não é recorrente (SCHMITZ, 2006).

Prous (1992), afirma que a Tradição Humaitá

é caracterizada por instrumentos morfológicamente maciços sobre massa central (blocos ou seixos), sendo normalmente desprovida de pontas de projétil de pedra. Dentro desta tradição se verificou a presença de algumas culturas muito características, como a chamada Altoparanaense, e o ‘complexo Itaqui’ (ou ‘Cuareimense’) (PROUS, 1992, p. 156).

Figura 41 - Formas comuns de artefatos líticos da Tradição Humaitá.



Fonte: Schmitz, 2006, p. 29.

Os artefatos costumam ser bem maiores que os da tradição Umbu e bem diferentes, destacando-se especialmente a ausência de pontas de dardos ou flechas em pedra, as quais são os artefatos mais característicos daquela tradição. Provavelmente na tradição Humaitá seriam feitas de madeira (SCHMITZ, 2006, p. 19).

Estes grupos tiveram seus territórios invadidos por volta de 2.000 A.P, por migrações dos Tupiguarani, oriundos provavelmente da região da Amazônia. Ressalta-se que não houve apenas o choque do contato, mas também ocorreu um choque cultural com a inserção gradual da horticultura e da cerâmica (KERN, 1991).

Noelli (2000), faz um questionamento quanto aos ambientes em que os sítios das tradições Umbu e Humaitá estavam inseridos, sendo o predomínio de ambientes campestres para a primeira Tradição e o predomínio de florestas para a segunda. Segundo o autor, é um problema crucial, pois “como afirmar que as fisionomias ambientais do presente se mantiveram ao longo de 11.000 ou 12.000 anos, uma vez que é sabido que houve importantes variações climáticas em nível global, que afetaram as características vegetais do Sul do Brasil?” (NOELLI, 2000, p. 238-239).

Noelli (2000), ressalta que essa questão só foi revisada quando Hoeltz (1995-1996), fez um estudo estatístico comparado sobre as tradições Umbu e Humaitá no vale do Rio Pardo.

Ela verificou que na Tradição Umbu os artefatos bifaciais são confeccionados basicamente sobre seixos e lascas unipolares, com tamanhos de pequenos a médio e cobertos por superfície natural em até 1/3 ou mais de sua área. Na Tradição Humaitá os artefatos bifaciais foram confeccionados a partir de blocos com tamanhos variados de médios até extra-grandes, cobertos por sua área. Já os resíduos de lascamento não apresentaram aspectos que evidenciassem distinções entre as tecnologias Umbu e Humaitá, revelando serem muito semelhantes (NOELLI, 2000, p. 239).

Estudos recentes (MORENO DE SOUZA, 2019) têm problematizado a Tradição Umbu, sobretudo, na região fronteira com o Uruguai. Estudos comparativos sugerem que o termo tem sido usado de forma massiva para nomear a tecnologia recorrente em sítios paleoindígenas, todavia, percebe-se evidentes diferenças dentre as coleções analisadas, sugerindo assim que a Tradição Umbu tem mascarado uma diversidade cultural (e possivelmente étnica) muito maior, demandando assim o aprofundamento dos estudos.

Já em relação à formação dos sambaquis, Kern (1991), explana que a planície costeira foi um habitat propício para os grupos de pescadores-coletores, onde encontram-se acúmulos de conchas repletos de elementos culturais que configuram uma cultura específica (Figura 42), onde é abundante a produção de artefatos elaborados em pedra, ossos e conchas.

Schmitz (2006), define os sambaquis como

acúmulos de conchas, ossos de peixes e outros resíduos de atividade humana, resultantes da ocupação do litoral marítimo por bandos especializados em sua exploração. São os resíduos mais volumosos produzidos por qualquer população pré-histórica brasileira. Podem formar morros de 30 metros de altura, ao longo de lagoas, lagunas, mangues, pântanos ou baías, onde os alimentos eram ricos, mas facilmente são encontrados ao longo de praias retílineas, onde o conjunto de alimentos é consideravelmente pobre (SCHMITZ, 2006, p. 21).

Figura 42 - Sambaqui da Carniça, um dos grandes sambaquis da região de Laguna, SC



Fonte: Schmitz, 2006, p. 30.

Quanto aos alimentos disponíveis em todas as épocas do ano, estão os moluscos, crustáceos e os peixes do mar. Além desta dieta havia alimentos provenientes da caça de mamíferos e aves marinhas e uma variedade de frutos. Pode-se afirmar que o litoral, antes da introdução da agricultura, foi o ambiente com mais recursos disponíveis (SCHMITZ, 2006).

As populações sambaquianas costumavam se assentar em pequenas elevações, as quais poderiam ser um cordão litorâneo ou um afloramento rochoso, próximo a um local com água e alimentos. Construía choupanas para se abrigar com folhas ou ramos, dentro destas cabanas aparecem locais de preparação dos alimentos, apresentados a partir de pequenos blocos de rochas em meio a manchas de carvão ou fossas cheias de pedras ou argila, onde eram assados os alimentos (SCHMITZ, 2006).

Em relação aos sepultamentos,

ao longo do litoral havia duas maneiras de sepultar os mortos: completamente dobrados, provavelmente envoltos em esteiras como os fardos mortuários peruanos; ou estendidos, de bruços ou de costas, provavelmente também envoltos. A cova podia ser um simples buraco no meio das conchas, ou dos ossos de peixes; ela podia ter um revestimento de conchas, de areia branca ou de argila. Frequentemente se fazia um revestimento de ossos de baleia e, ao menos num caso, o morto estava num sarcófago de argila endurecida, com desenhos vermelhos na tampa. Frequentemente o morto vinha coberto de ocre. Objetos de uso pessoal são muitas vezes encontrados sobre o esqueleto; podem ser colares de conchas ou dentes, pingentes em osso ou pedra, pontas de flecha em osso, seixos, lâminas de machado ou esculturas em pedra (SCHMITZ, 2006, p. 22).

Quanto aos instrumentos que os habitantes dos sambaquis necessitavam, pode-se dizer que eram simples e muitos podem ter sido confeccionados em material perecível.

Os instrumentos que os habitantes do sambaqui necessitavam seriam relativamente simples. Muitos deveriam ter sido em material perecível, dos quais nada se recuperou. Dos que eram pedra sobraram lascas de quartzo e diabásio, que serviam para cortar; seixos com marcas de golpes nas extremidades, usados para quebrar ou esmagar; ou nas faces, usados como suportes; blocos planos com superfícies deprimidas, usadas para esmagar, moer ou polir; pesos de rede ou de anzol; lâminas polidas ou semipolidas de machados para cortar e trabalhar madeira, pequenas peças fusiformes bem acabadas, geralmente interpretadas como adorno; pratos, bastões e pequenas esculturas finamente esculpidas. Sobre blocos de diabásio junto da praia se encontram sulcos ou depressões circulares ou elípticas que parecem lugares de preparação desses instrumentos (SCHMITZ, 2006, p. 22).

De forma geral, “a população dos sambaquis formava uma sociedade igualitária, com bandos distanciados entre si, ocupando os ambientes propícios. Precisavam pouca tecnologia para sobreviver” (SCHMITZ, 2006, p. 23).

Posterior a estes três grupos, com a modificação da temperatura ocorre

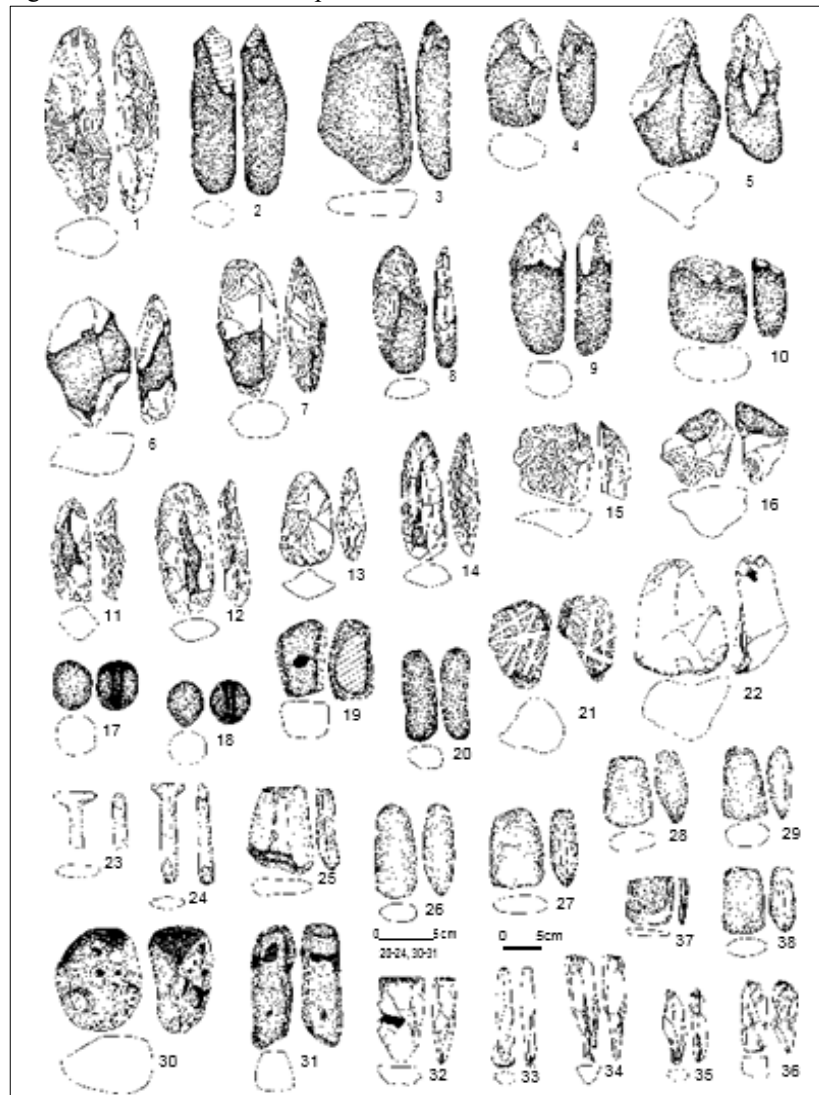
a introdução dos cultivos e da cerâmica no Estado, levando a uma vida mais sedentária e a um visível aumento populacional. A nova tecnologia e o novo modo de vida tinham surgido anteriormente em outras áreas do continente (como o México, o Peru e a Amazônia) e são introduzidos no estado de formas diferentes: nas áreas de mata se estabelece um grupo de cultivadores escapados da Amazônia (tradição cerâmica Tupiguarani); nos pinheirais do planalto surge uma população ainda fortemente caçadora e coletora, mas que também planta e inova do ponto de vista do assentamento, construindo casas subterrâneas (tradição cerâmica Taquara); nos campos, as populações tornam-se mais estáveis e no fim provavelmente usam algumas plantas cultivadas (tradição cerâmica Vieira) (SCHMITZ, 2006, p. 15).

Segundo Schmitz (2006) os grupos portadores da Tradição Tupi-guarani estavam distribuídos pelas áreas de mata subtropical, a qual se entende ao longo do Rio Uruguai, Rio Jacuí e costa marítima. A economia se baseava em pequenas roças ou hortas, ainda não praticavam a domesticação de animais, dessa forma realizavam caça, pesca e coleta. Eram cultivados alimentos como milho, aipim, abóbora, batata doce, amendoim, feijão, cará, fumo, algodão e a partir da coleta poderia se obter frutos, fungos, raízes, folhas e moluscos. Além disso, a mata oferecia matéria prima para construção de objetos em cestaria, tecelagem, plumária, armas, móveis, canoas e vasilhames de cerâmica. Viviam agrupados em aldeias de casas coletivas, construídas com a utilização de troncos e palhas, havia líderes locais, denominados caciques, estes eram líderes políticos, filosóficos, religiosos e curadores, no entanto as duas últimas funções, na maioria das vezes, era de atribuição dos pajés.

Para Schmitz (2006), deveriam ser muito variados os instrumentos e utensílios utilizados nas aldeias, sendo mais recorrente a presença de cerâmica, artefatos em pedra são extremamente raros (Figura 43).



Figura 43 - Instrumentos em pedra



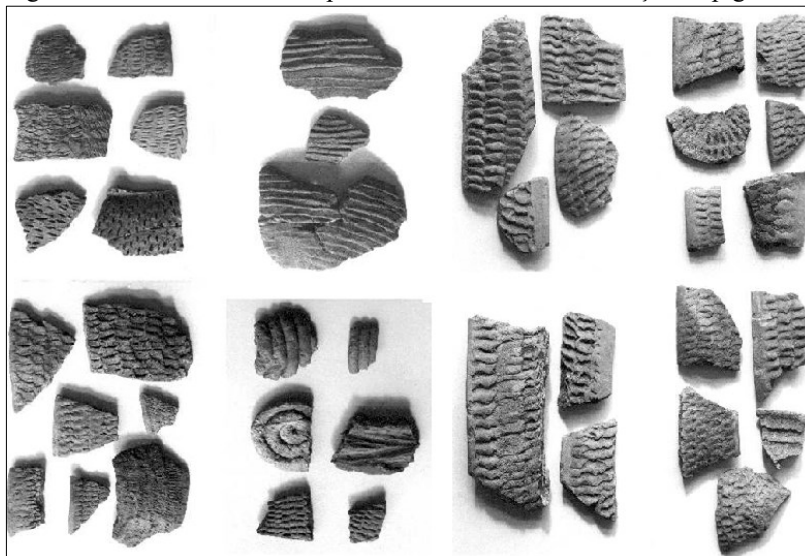
Fonte: Schmitz, 2006, p. 63.

Notas: 1-14 talhadores; 15, 16 raspadores; 17, 18 bolas de boleadeira; 19 alisador; 20 intermediário de percussão; 21 alisador-em-canaleta; 22 enxó; 23, 24 tembetás; 25-29, 37-38 lâminas de machado.

Quanto às características dos recipientes em cerâmica (Figura 44), Schmitz (2006) afirma que eram feitos pelas mulheres a partir de barro naturalmente adequado com enfeites (Figura 45) e quando necessário era acrescentado areia, grânulos ou cacos velhos triturados ao barro plástico.

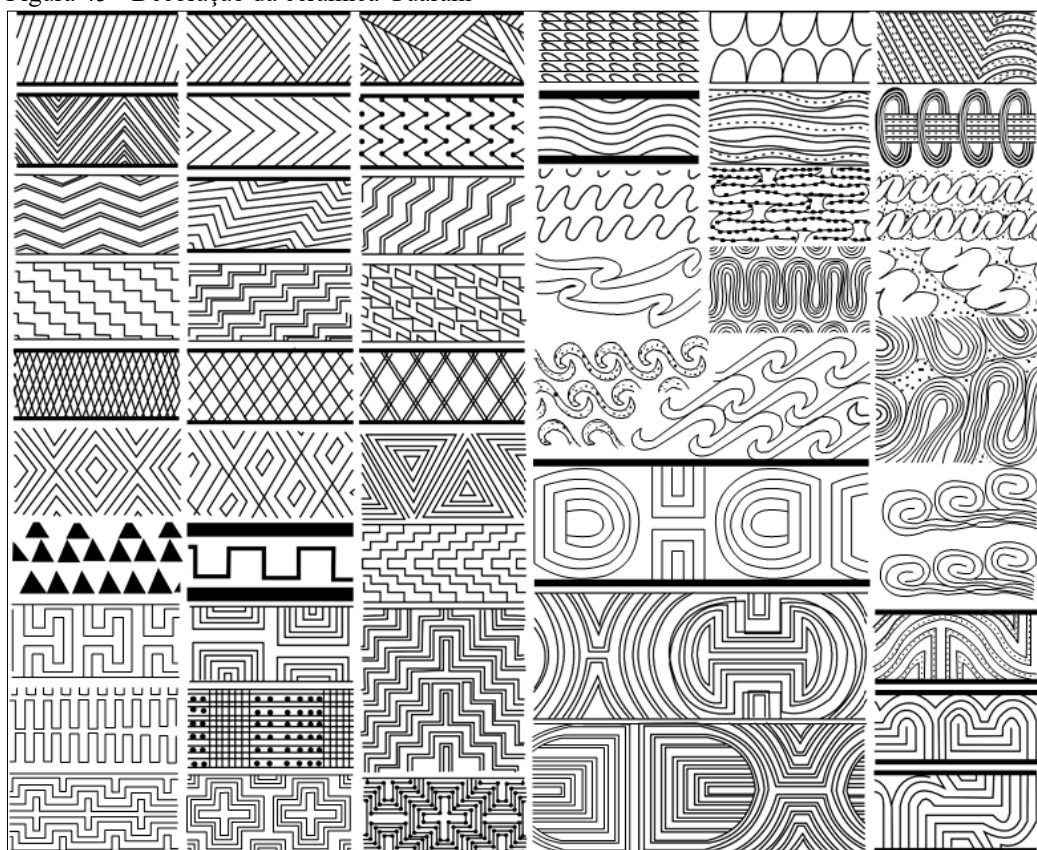
Estas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guaranis: as utilitárias, de todo dia, tinham a superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, melhor trabalhado, era pintado, às vezes com um vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca (SCHMITZ, 2006, p. 41).

Figura 44 - Acabamento de superfície da cerâmica da Tradição Tupiguarani



Fonte: Schmitz, 2006, p. 61-62.

Figura 45 - Decoração da cerâmica Guarani



Fonte: Schmitz, 2006, p. 59-60.

Em paralelo com a Tradição Guarani, surge a Tradição Taquara associada com ancestrais dos atuais povos Kaingang e Xokleng.

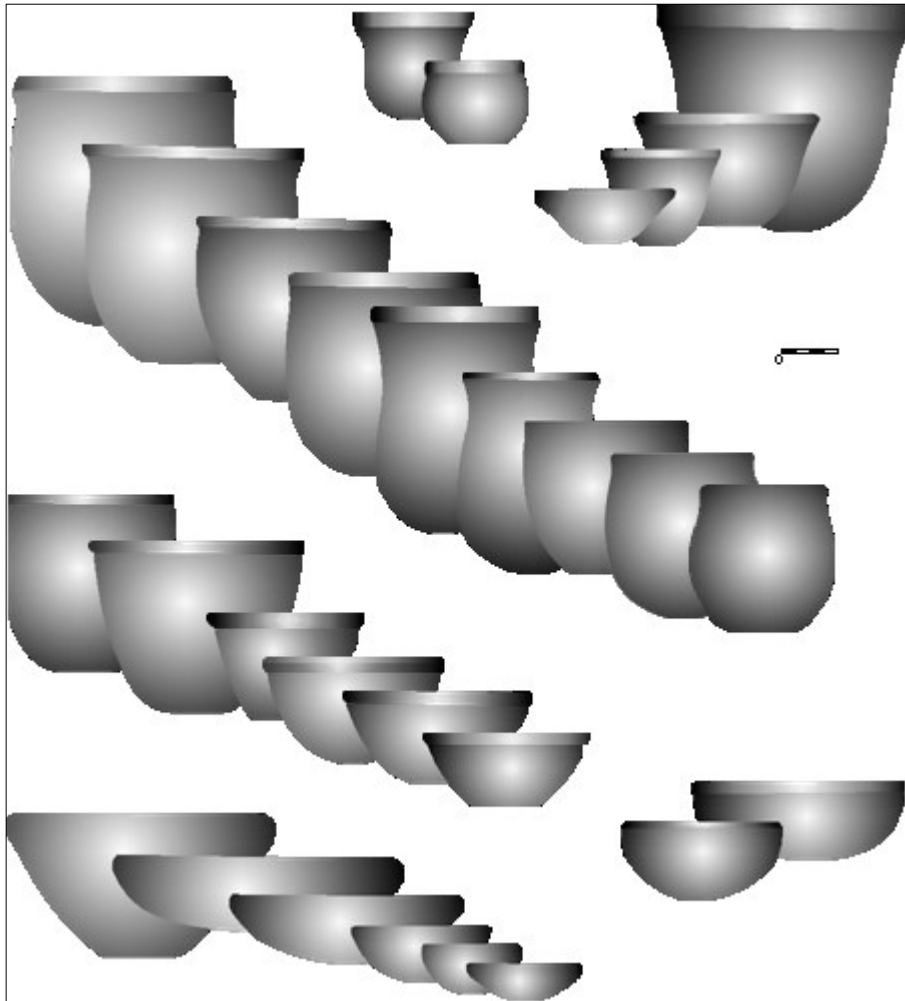
O termo tradição Taquara identifica aqueles sítios arqueológicos que têm cerâmica de uma certa característica: ela é pequena, composta de potes e tigelas, com decoração impressa variada, onde são facilmente distinguíveis negativos de cestaria, depressões regulares produzidas por pontas de vários formatos, ou das unhas, incisões lineares etc. A identificação da tradição é feita principalmente pela cerâmica, totalmente diferente da Tupiguarani e bastante diferente da Vieira (SCHMITZ, 2006, p. 65).

Schmitz e Becker (2006), afirmam que é presente nos sítios desta Tradição casas subterrâneas, galerias nas encostas dos morros, taipas, terraços de terra e pedra e montículos mortuários. Nesta mesma obra apresentam as pesquisas e estudos realizados, citando as escavações em Água Azul na localidade de Santa Lúcia do Piaí em Caxias do Sul. Apresentam, também, as variações regionais: fases, sendo elas a fase Guatambu, fase Taquara, fase Guabiju, fase Xaxim, fase Taquaruçu e fase Giruá.

Em relação aos tipos de aldeias desta Tradição, são conhecidas várias formas de assentamento, dependendo das circunstâncias do meio. Foram encontradas casas subterrâneas na maioria das vezes em terrenos altos e frios com vegetação adaptada a baixa temperatura, que são os campos e as matas mistas com pinheiros. Também há evidências de casas isoladas, mas normalmente se encontram agrupadas em pequeno número (SCHMITZ; BECKER, 2006).

Os artefatos produzidos eram a cerâmica (Figura 46), em pedra e a cestaria pequena com decoração (Figura 47). Em relação às cerâmicas “se compõe de pequenas tigelas e potes, feitos em barro selecionado que se tornar menos plástico por conter grânulos minerais arredondados e às vezes espículas submicroscópicas de espongiários de água doce” (SCHMITZ; BECKER, 2006, p. 83,).

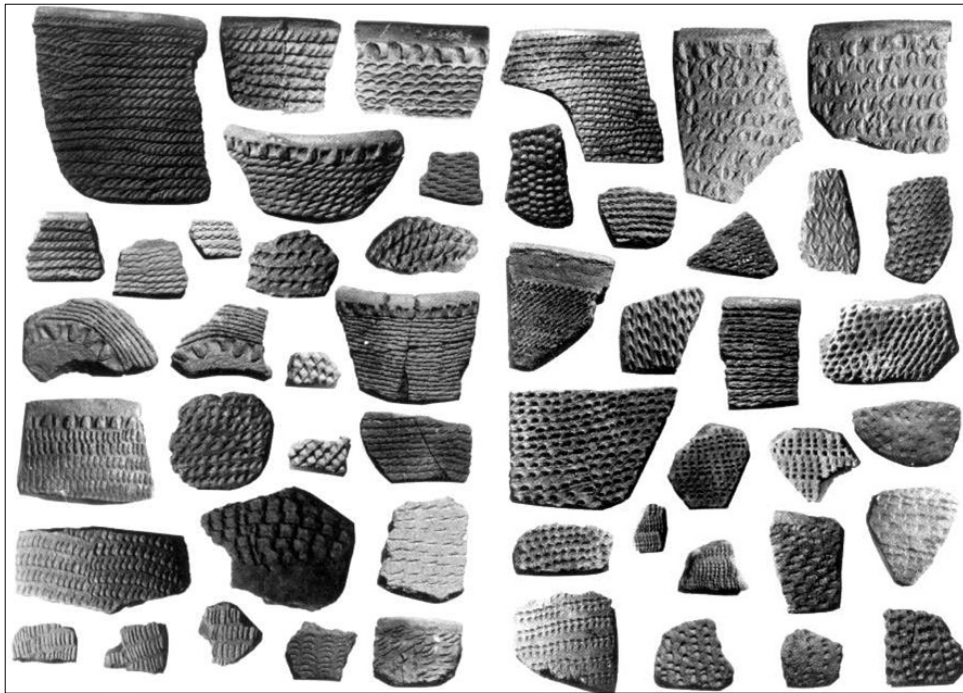
Figura 46 - Formas das vasilhas da Tradição Taquara



Fonte: Schmitz; Becker, 2006, p. 95.

Para a feitura dos recipientes podiam usar três técnicas: sobrepondo roletes ou anéis, repuxando e modelando a massa, ou moldando-a dentro de um cesto até conseguir a forma desejada. As paredes dos vasilhames eram simples ou infletidas. As formas produzidas e as decorações são patrimônio de toda a tradição, ao passo que as diferenças no tamanho, em detalhes de forma, na disposição ou freqüência da decoração, além de outros pormenores, servem para distinguir as fases no meio do todo. A maior parte dos vasilhames é simplesmente alisada; decorações predominantes são impressões de cestaria, ponteados simples ou múltiplos, ungulados, pinçados, incisões lineares, geralmente produzidas com grande minúcia. Estes vasilhames eram utilitários e estão fortemente incrustados de fuligem na superfície externa e cobertos de restos de alimentos na interna (SCHMITZ; BECKER, 2006, p. 83).

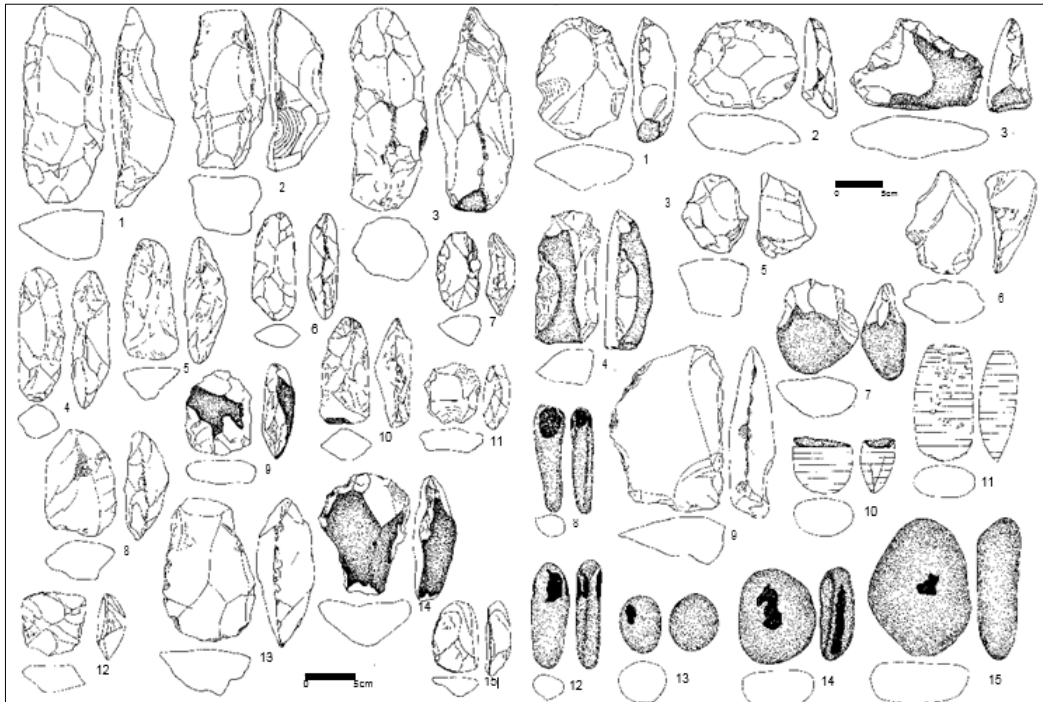
Figura 47 - Decoração da cerâmica da Tradição Taquara



Fonte: Schmitz; Becker, 2006, p. 96-97.

Os artefatos de pedra (Figura 48) eram polidos ou lascados. Para sua produção, eram escolhidas rochas adequadas como diorito e basalto. Como exemplo de artefatos polidos, são recorrentes grandes mãos-de-pilão, podendo medir até aproximadamente 80cm, usadas para esmagar, por exemplo, pinhão e lâminas de machado, para cortar madeira; em relação aos artefatos lascados citam que podem ser classificados como talhadores, raspadores ou simples lascas usadas com ou sem retoque (SCHMITZ; BECKER, 2006).

Figura 48 - Artefatos em pedra da Tradição Taquara



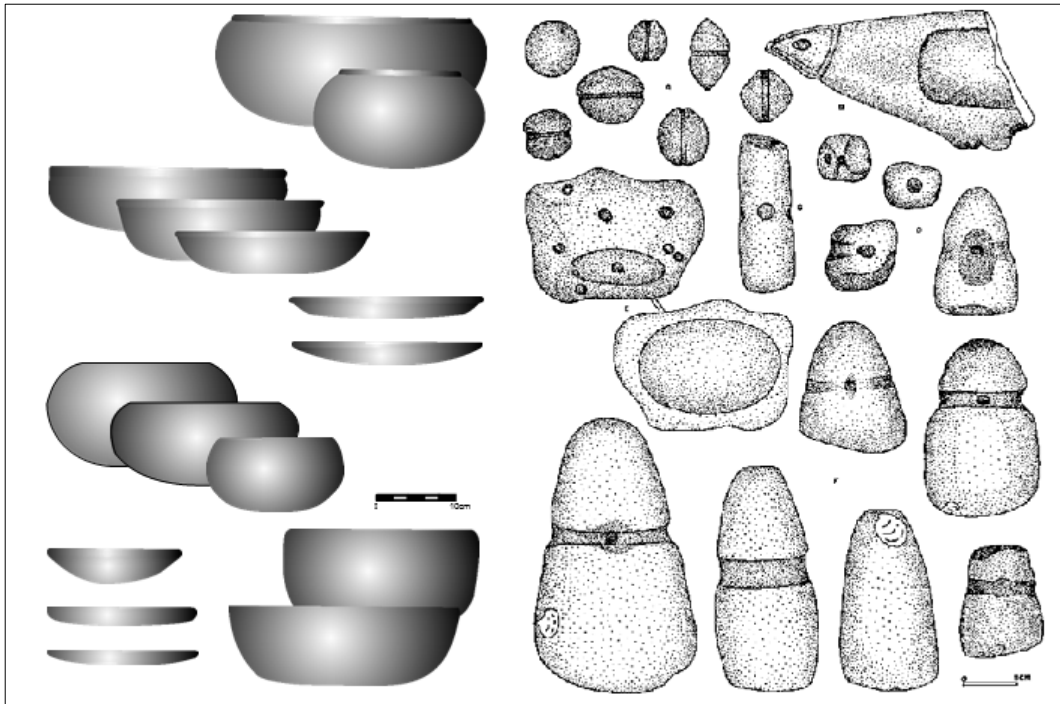
Fonte: Schmitz; Becker, 2006, p. 98-99.

Outra importante Tradição arqueológica que ocupou o território do estado foi a denominada pelos pesquisadores como Tradição Vieira. Os sítios estão inseridos em ambientes alagadiços na região da campanha, próximo ao litoral Atlântico e no Escudo Sul-rio-grandense entre o estado gaúcho e o Uruguai. Os assentamentos se situam, na maioria das vezes, nos últimos níveis dos cerritos e próximo da costa (NOELLI, 2000).

Os cerritos são pequenas elevações do terreno, com forma aproximadamente circular, oval ou elíptica, compostos principalmente de terra, ou com grande quantidade de restos de alimentos humanos, que podem chegar até 100 m de diâmetro e 7 m de altura. Encontram-se na proximidade das lagoas ou em banhados ao longo dos rios. Geralmente vem agrupados, mas há também os solitários. Em cada região podem ser dezenas ou mesmo centenas (SCHMITZ, 2006, p. 103).

“O que caracteriza a Tradição Vieira é a cerâmica com vasilhames de bases planas ou convexas, tamanhos pequenos, com formas de contorno simples, infletidos, ou uma combinação de ambas, com os maiores diâmetros alcançando até 42 cm” (NOELLI, 2000, p. 236). A Figura 49 apresenta essa Tradição.

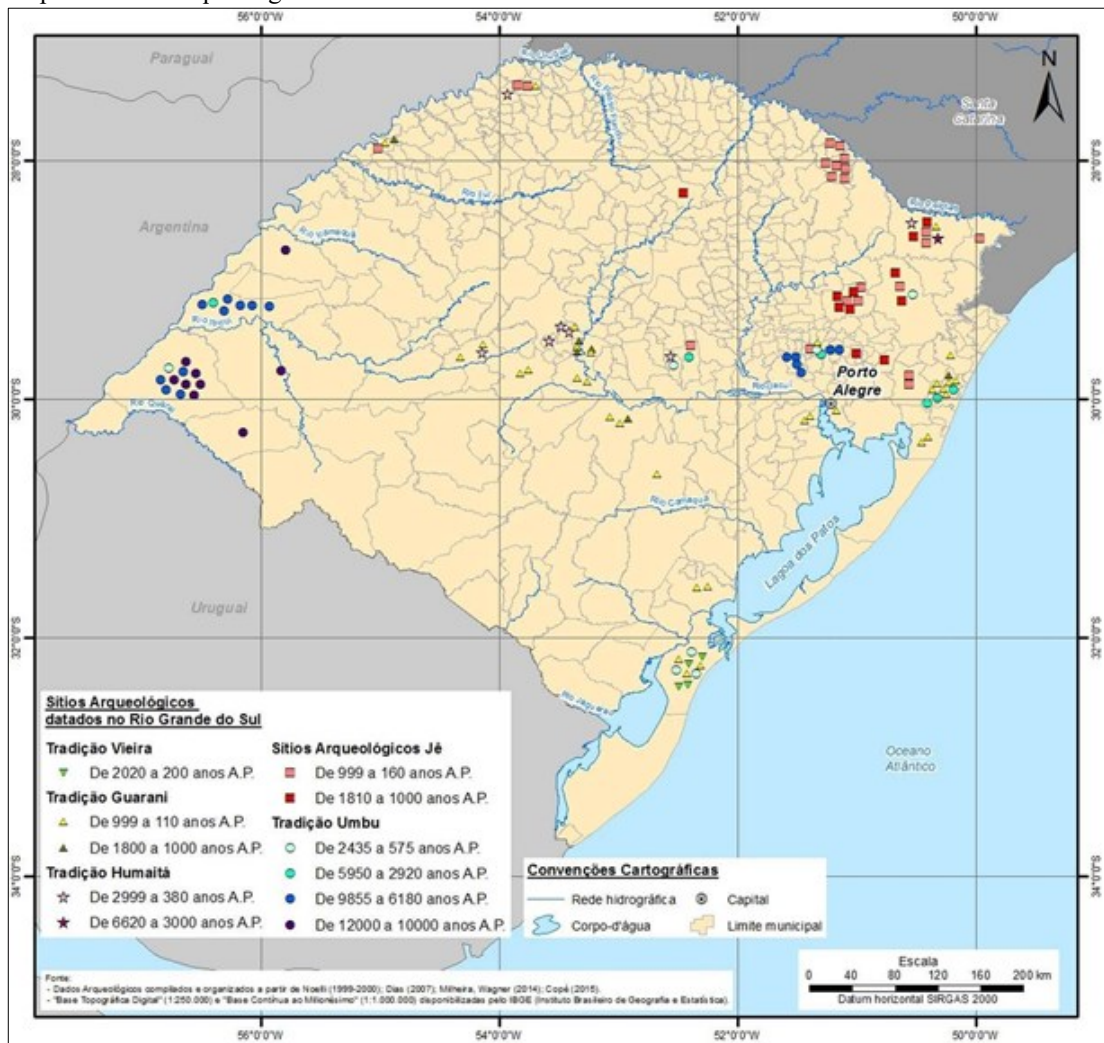
Figura 49 - Formas típicas de cerâmica e artefatos líticos da Tradição Vieira



Fonte: Schmitz, 2006, p. 124.

As Tradições arqueológicas apresentadas ocuparam o vasto território do Rio Grande do Sul por milênios. Desenvolveram culturas com características próprias e se adaptaram a ambientes específicos (Mapa 7). Nos dias atuais encontramos vestígios dessas ocupações remotas, os quais nos contam a história destes grupos.

Mapa 7 - Sítios arqueológicos datados no Rio Grande do Sul



Fonte: Galhardo et al., 2018.

## 2.2 Breve caracterização da região do alto curso da bacia do Rio da Várzea

A região em estudo é o alto curso da bacia do Rio da Várzea, especificamente os territórios que atualmente compreendem os municípios de Novo Barreiro, Chapada, Rondinha, Coqueiros do Sul, Carazinho, Passo Fundo e Braga.

Existem pouquíssimas obras que abordam, mesmo que de forma sucinta, a presença indígena no território em estudo. Mozart Pereira Soares escreve na segunda edição de seu livro intitulado “Santo Antônio da Palmeira” sobre as províncias etnográficas do Rio Grande do Sul, onde cita que



no seu ensaio de classificação do aborígine, Aurélio Porto distingue três ‘províncias etnográficas’: Ibiacá, Tape e Uruguai. A primeira estendia-se desde Laguna, e às cabeceiras do rio Pelotas (início do rio Uruguai), pelo qual descia até o Uruguai-Puitã, antigo Piraçai, hoje Turvo, daí subindo até as nascentes mais setentrionais do Jacuí, pelo qual descia até sua extrema foz, o canal do Rio Grande. Daqui, subindo pela praia, retornamos a Laguna, fechando o perímetro. Como se vê, essa “província etnográfica” abrange o antigo território do Município de Palmeira. Souza Doca distingue, entre os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul, três grupos: os tupi-guaranis, os gês e os guaicururus (SOARES, 2004, p. 54).

Em relação ao grupo gê o autor afirma que

o grupo gê, Souza Doca divide em botocudo, bugre, caingangue e coroados. É esse grupo que interessa à história de Palmeira das Missões, pois são, em sua maioria, remanescentes deles que se encontram na antiga área do município. Souza Doca observa que as diversas denominações, ou subdivisões do grupo, podem ser reunidas sob uma só: a de caingangue (SOARES, 2004, p. 56).

Ainda é preciso acrescentar que a designação *tapuia* era utilizada pelos índios guarani em sentido pejorativo, para significar *o inimigo*. Assim, para eles, os caingangues em geral eram *tapuias*, ou inimigos. Até hoje o grupamento desses índios que formam os toldos de Nonoai hostilizam os pequenos contingentes de guaranis infiltrados entre eles. Curiosamente, no litoral do Município de Palmeira das Missões com o antigo Município de Passo Fundo, ou seja, o rio da Várzea, é que se encontrava a fronteira das duas grandes nações rivais (SOARES, 2004, p. 57).

Kolling (2008), afirma que

os primeiros habitantes das terras palmeirenses foram os índios. Pertenciam a diversas tribos que se distribuíram pelo Estado. Entre as tribos espalhadas pela região da grande Palmeira podemos assinalar os Guananas, os quais constituíam a principal família e reunia o maior número de indivíduos. Esses índios estavam localizados às margens dos rios Uruguai, Inhacorá, Guarita e da Várzea. Eram homens de acentuada robustez, mas de estatura média (KOLLING, 2008 p. 14).

Oliveira (2003), afirma em relação ao atual território do município de Novo Barreiro que

os primeiros habitantes desta região, segundo nos relata a história, foram os índios, pertencentes a diversas tribos, oriundas de duas grandes nações indígenas; os TUPI e TAPUIAS. Da nação tapuia se originaram os guaranis, charruas, caáguas, carijós, guaranis e outras. Da tribo guaranis surgiram as principais famílias que povoaram as margens do rio da Várzea e outros pequenos rios desta região; eram nômades por natureza; não tinham morada fixa. Estes antigos habitantes viviam de caça, pesca e frutas silvestre. Tendo abundância das mesmas e esta atividade forçava-os a viver como nômades. Com a chegada dos Jesuítas, por estas terras, logo após manterem relações pacíficas, esses indígenas permitiam facilmente que seus costumes fossem alterados, fixando-os na terra, formando as aldeias com a companhia dos Jesuítas (OLIVEIRA, 2003, p. 7).

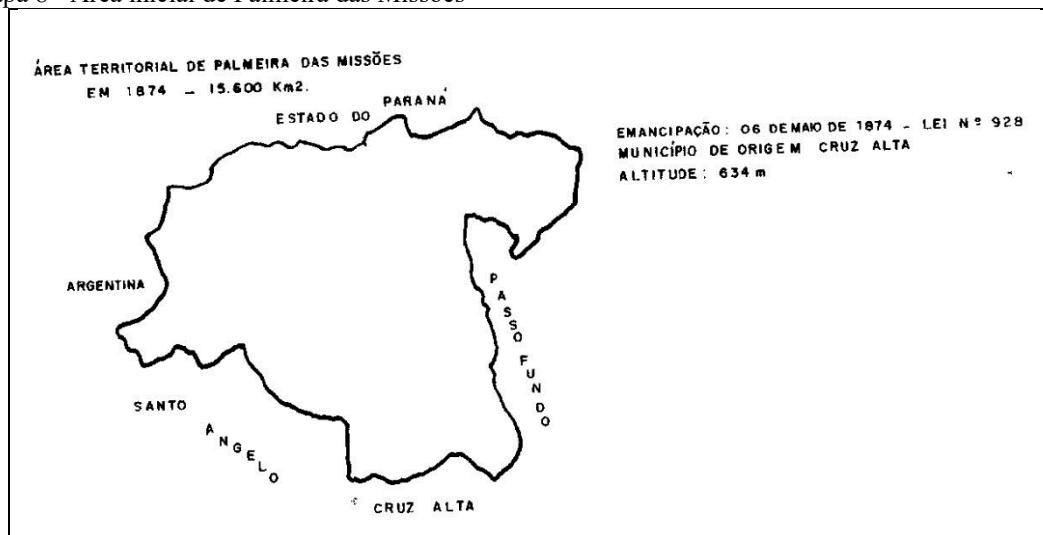
Salienta-se que a atual divisão dos territórios que formam os municípios em estudo sofrerá alterações durante o decorrer da história. Novo Barreiro, Chapada e Braga, por exemplo, pertenciam a Palmeira das Missões, e tiveram suas emancipações político-administrativas respectivamente em 1992, 1959 e 1965.

Atualmente, o território que compreende estes três municípios, configura-se como uma região extremamente agrícola, desse modo, observa-se que técnicas tradicionais de manejo do solo perduraram até a segunda metade do século XX, contexto em que o plantio da soja se dissemina na região. Esses fatores, de baixo impacto se comparados à ação das grandes máquinas agrícolas, favoreceu à remanescência de vestígios/artefatos no solo e sua coleta por moradores.

O povoamento teve início por volta de 1815 através da formação de arranchementos de ervateiros, oriundos da sede do município-mãe que era Cruz Alta. A “Vilinha”, como foi denominada, formou-se no local onde hoje é a Praça Vila Velha, apresentando um lento crescimento populacional, tendo em vista que o extrativismo ervateiro permitia mobilidade constante (ARDENGHI, 2003, p. 28).

Ardenghi (2003), em sua obra intitulada Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul, afirma que a ocupação da região (Mapa 8) por colonizadores está diretamente relacionada à exploração da erva-mate. A área de formação da região da Antiga Palmeira, no que se refere ao território inicial, apresentava um espaço formado por vegetação nativa alternando campos e matas, possibilitando a formação de duas economias específicas que definiram os aspectos socioculturais que caracterizam o processo de apropriação da terra.

Mapa 8 - Área inicial de Palmeira das Missões

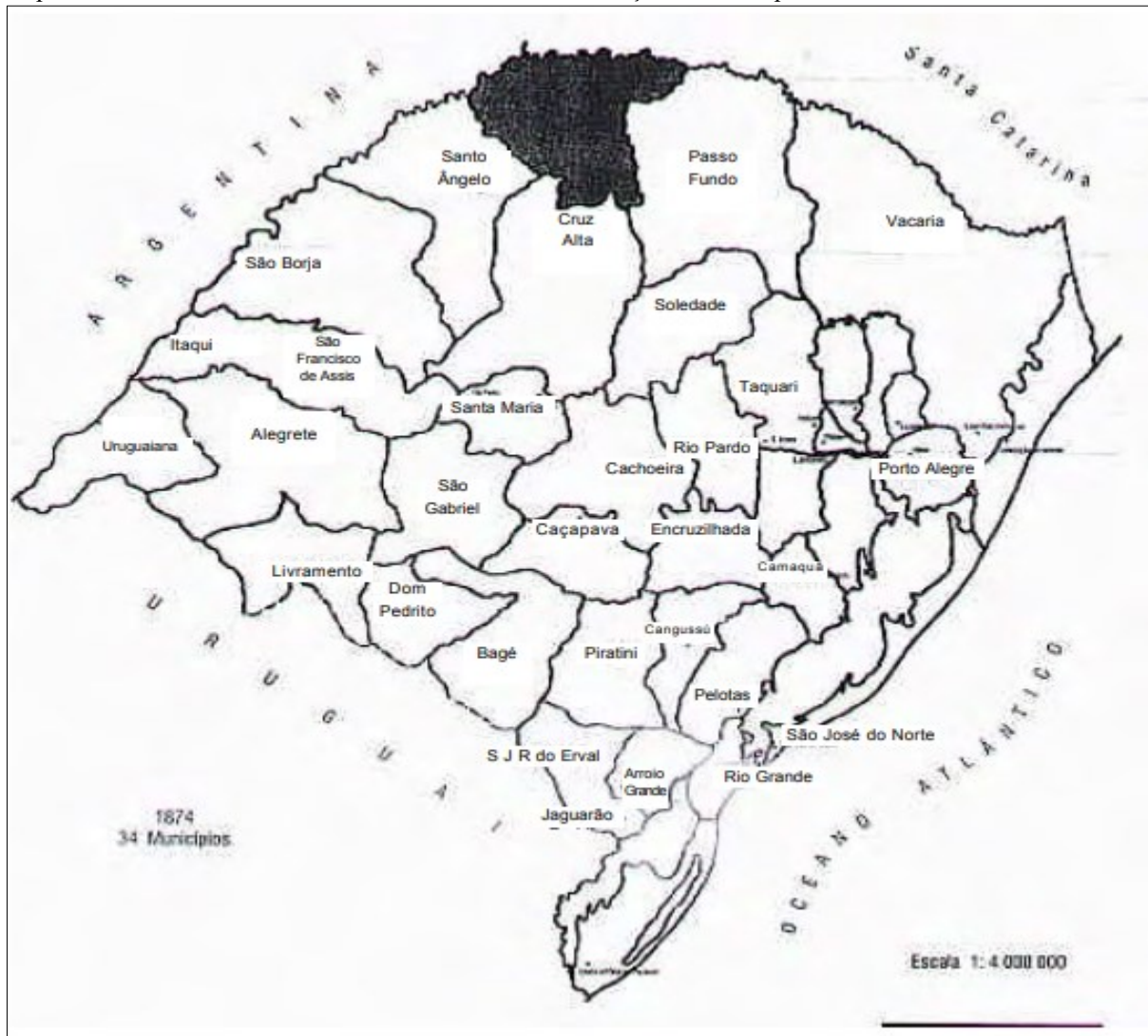


Fonte: Ardenghi, 2003, p. 41.

A área de mata, na fase inicial, se constituía em um fator de atração para a exploração da erva-mate nativa, assim originando os primeiros núcleos de ocupação, onde se instala uma população cabocla. Posteriormente, esse espaço foi ocupado por imigrantes/migrantes europeus, os quais desenvolveram uma economia diversificada em pequenas propriedades, ocasionando o crescimento de áreas de forma rápida se constituindo em municípios autônomos. Já as áreas de campo foram ocupadas pela pecuária extensiva, constituindo-se em um espaço privilegiado dos latifundiários, os quais se mantiveram até a segunda metade do século XX no início da modernização da agricultura, uma estrutura conservadora e estática. Afirma, ainda, que as grandes propriedades foram a base da ocupação e, mesmo com as transformações da modernização, se manteve a estrutura agrária concentradora (ARDENGHI, 2003).

Soares (1974) destaca três fases com base em atividades econômicas, as quais deram suporte para a ocupação. A primeira é a época do reconhecimento do território e da descoberta e exploração dos ervais nativos, essa se estende durante as Missões Jesuíticas. A segunda ele chama de ciclo do tropeirismo, é o momento do bandeirantismo pastoril, tem uma motivação econômica relacionada à apropriação da gadaria remanescente da criação jesuítica, e outra estratégica, pela necessidade de defesa do território das Missões. Por fim, o início da terceira fase é considerado o ano de 1917, com o estabelecimento da Comissão de Terras e Colonização em Palmeira das Missões, o qual, segundo o autor, disciplinou o crescimento demográfico. O Mapa 9 ilustra esse processo.

Mapa 9 - Divisão do estado do Rio Grande do Sul- 1874. Criação do município de Santo Antônio da Palmeira



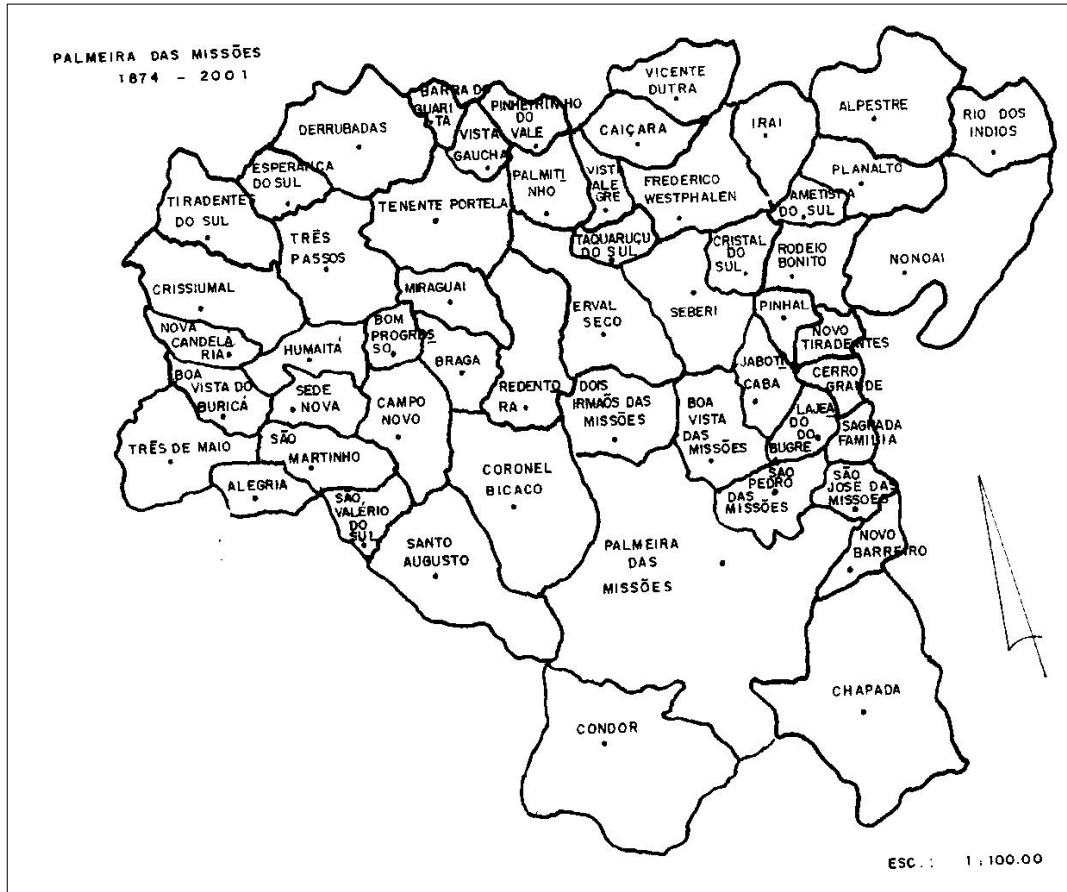
Fonte: Ardenghi, 2003, p. 40.

Ardenghi (2003), ressalta que a vasta área de terra ocupada pela antiga velha Palmeira era recoberta por uma extensa e fechada mata nativa que oferecia condições para atividades ligadas à extração de madeira e, também, a extração da erva-mate nativa, atividade inicial da ocupação do território, estando relacionada ao período das Missões Jesuíticas.

É a época do reconhecimento de seu território, da descoberta e exploração de seus ervais nativos. Durante esse tempo se estabeleceram seus primeiros caminhos que, partindo dos núcleos principais dos Sete Povos, a princípio de São Miguel e mais tarde de Santo Ângelo e São João Batista, dirigiram-se para o norte e nordeste, à procura das formações mais densas de erva-mate, especialmente entre os Vales do Guarita e do Nhucorá, na região ocidental da antiga Palmeira. Nessa fase não se organizaram núcleos urbanos permanentes, mas arranchamentos transitórios, que se abandonavam depois das safras e se refaziam nas safras seguintes. [...] Se dela não resultam núcleos urbanos propriamente ditos, ficaram seus germens, que se irão desenvolver no ciclo seguinte, com base na riqueza vegetal então descoberta (COSTA, 1922).

Ardenghi (2003) comenta que no final do século XIX e início do XX, a zona da mata começa a receber levas de imigrantes, estes implantam uma atividade diversificada o que ocasiona a rápida transformação do espaço (Mapa 10).

Mapa 10 - Emancipações que ocorreram no território de Palmeira das Missões até 2001



Fonte: Ardenghi, 2003, p. 41.

Kolling (2008), ressalta que os primeiros moradores no período de ocupação histórica do território que hoje compreende o município de Novo Barreiro foram os caboclos, somente

com o passar dos anos, as famílias de descendentes de italianos e alemães foram cruzando o Rio da Várzea, vindos de Sarandi, Chapada e Carazinho e começaram a estabelecer suas moradias próximas à localidade de Barreiro, surgindo um novo estilo de vivência e convivência entre as famílias da região (KOLLING, 2008, p. 13).

Atualmente, o município é conhecido como a terra da erva-mate, tal denominação é em virtude da grande concentração de ervais nativos no território.

No território do município de Braga não é diferente, segundo dados do site da prefeitura, “os primeiros colonizadores imigrantes chegaram em Braga por volta do ano de 1904 onde encontraram na região muitas matas ricas em alimentos naturais e uma terra fértil que atraia a

adquiri-las. Estes viviam da exploração da erva-mate que era muito abundante na zona da mata e também cultivavam pequenas lavouras de milho, feijão e mandioca. Com a produção da lavoura era garantida a alimentação e com a venda da erva-mate eram adquiridos produtos como sal, querosene, tecidos, objetos de ferro, etc”.

Nota-se, a partir da bibliografia, que a presença de ervais no território é recorrente, estando relacionada aos processos de ocupação e povoamento da região em estudo, sendo importante considerar, entre outros fatores e heranças, que o cultivo e manejo da erva-mate, está intrinsecamente ligada às práticas milenares indígenas. Outro ponto importante é a presença de grupos indígenas nas proximidades do Rio da Várzea, o qual se situa na região Hidrográfica da Bacia do Uruguai, na sub bacia da Várzea.

Segundo dados extraídos do site da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura-SEMA e do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, o estado é drenado por uma densa malha hidrográfica superficial, contando com três grandes bacias coletoras: a Bacia do Uruguai, a Bacia do Guaíba e a Bacia Litorânea. Sendo que, respectivamente, a primeira está vinculada, principalmente, às atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais; a segunda apresenta áreas de grande concentração industrial e urbana, sendo a mais densamente povoada e com maior número de atividades diversificadas, incluindo as agrícolas, pecuárias, agroindustriais, industriais, comerciais e de serviços; por fim, na terceira o uso dos solos é predominantemente vinculado às atividades agropecuárias, agroindustriais e industriais.

Salienta-se que

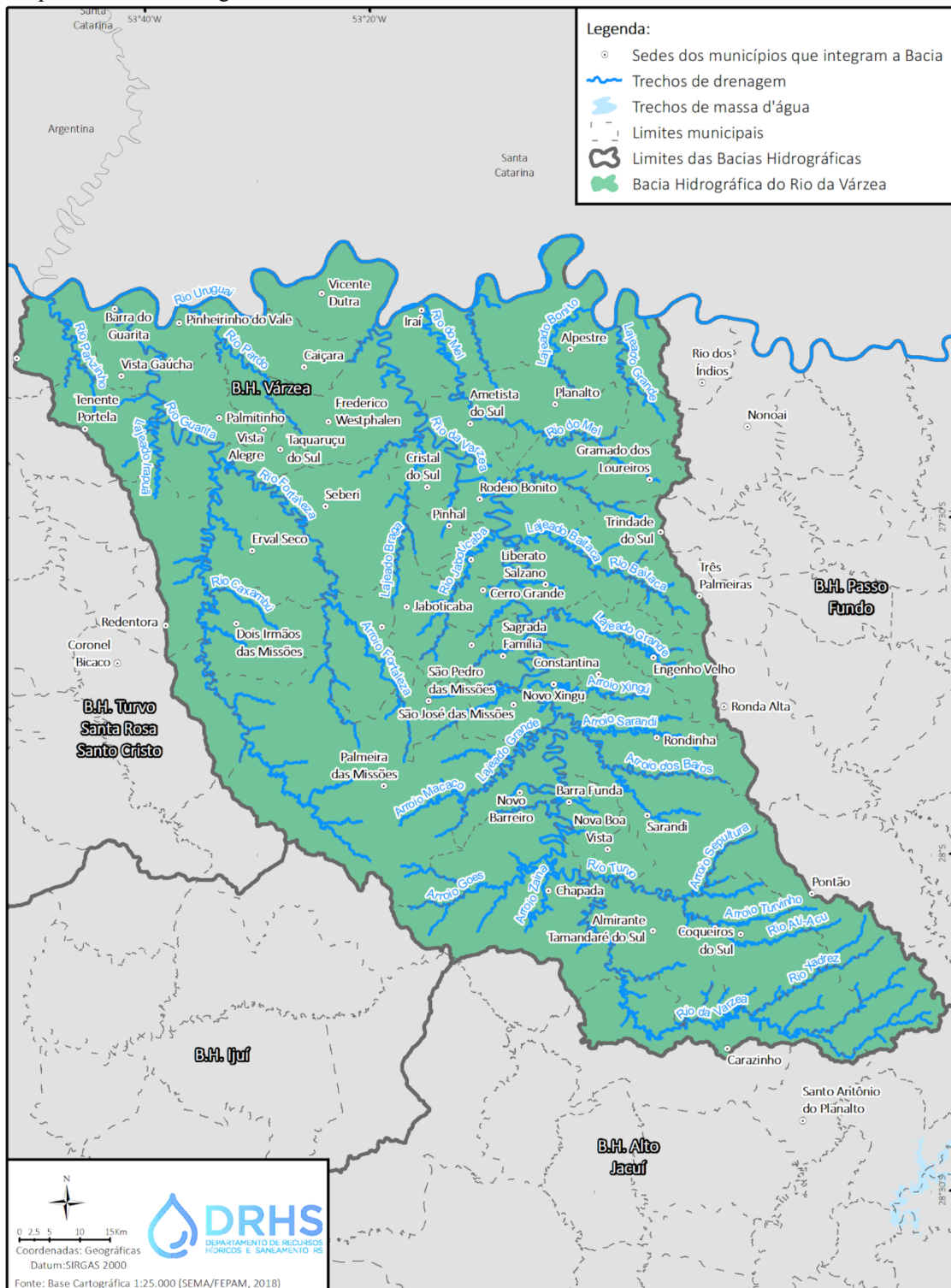
entende-se por bacia hidrográfica toda a área de captação natural da água da chuva que escoam superficialmente para um corpo de água ou seu contribuinte. Os limites da bacia hidrográfica são definidos pelo relevo, considerando-se como divisores de águas as áreas mais elevadas. O corpo de água principal, que dá o nome à bacia, recebe contribuição dos seus afluentes sendo que cada um deles pode apresentar vários contribuintes menores, alimentados direta ou indiretamente por nascentes. Assim, em uma bacia existem várias sub-bacias ou áreas de drenagem de cada contribuinte. Estas são as unidades fundamentais para a conservação e o manejo, uma vez que a característica ambiental de uma bacia reflete o somatório ou as relações de causa e efeito da dinâmica natural e ação humana ocorridas no conjunto das sub-bacias nela contidas (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Sendo assim, a partir do Decreto nº 53.885, de 18 de janeiro de 2018, instituiu-se a subdivisão das Regiões Hidrográficas do estado em 25 Bacias Hidrográficas. A partir de dados da SEMA, com o intuito de facilitar a gestão dos recursos hídricos se criou 25 Comitês de Gerenciamento de Bacias Hidrográficas. Os Comitês de Bacia são colegiados instituídos oficialmente pelo Governo do Estado, cuja função é discutir e deliberar sobre os assuntos de interesse comum aos diversos usuários da água de uma bacia hidrográfica visando à

harmonização dos usos e à mediação de conflitos. Integram os referidos comitês representantes da sociedade e de usuários das águas.

A região em estudo se situa na região Hidrográfica da Bacia do Uruguai, na sub bacia da Várzea (Mapa 11), a qual, segundo dados extraídos do site da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do estado, possui área de 9.479 km<sup>2</sup> e população estimada de 305.619 habitantes (2020), sendo 183.453 habitantes em áreas urbanas e 122.167 habitantes em áreas rurais. Os municípios inseridos e a porcentagem de área do município que está inserida na bacia do Rio da Várzea são: Almirante Tamandaré do Sul (100%), Alpestre (100%), Ametista do Sul (100%), Barra do Guarita (100%), Barra Funda (100%), Boa Vista das Missões (100%), Caiçara (100%), Carazinho (50%), Cerro Grande (100%), Chapada (77%), Constantina (100%), Coqueiros do Sul (100%), Coronel Bicaco (23%), Cristal do Sul (100%), Derrubadas (24%), Dois Irmãos das Missões (100%), Engenho Velho (100%), Erval Seco (100%), Frederico Westphalen (100%), Gramado dos Loureiros (76%), Iraí (100%), Jaboticaba (100%), Lajeado do Bugre (100%), Liberato Salzano (100%), Nonoai (36%), Nova Boa Vista (100%), Novo Barreiro (100%), Novo Tiradentes (100%), Novo Xingu (100%), Palmeira das Missões (68%), Palmitinho (100%), Passo Fundo (26%), Pinhal (100%), Pinheirinho do Vale (100%), Planalto (100%), Pontão (38%), Redentora (74%), Rio dos Índios (37%), Rodeio Bonito (100%), Ronda Alta (20%), Rondinha (100%), Sagrada Família (100%), Santo Antônio do Planalto (6%), São José das Missões (100%), São Pedro das Missões (100%), Sarandi (100%), Seberi (100%), Taquaruçu do Sul (100%), Tenente Portela (52%), Três Palmeiras (40%), Trindade do Sul (52%), Vicente Dutra (100%), Vista Alegre (100%) e Vista Gaúcha (100%).

Mapa 11 - Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea



Fonte: <<https://sema.rs.gov.br/u100-bh-varzea>>.

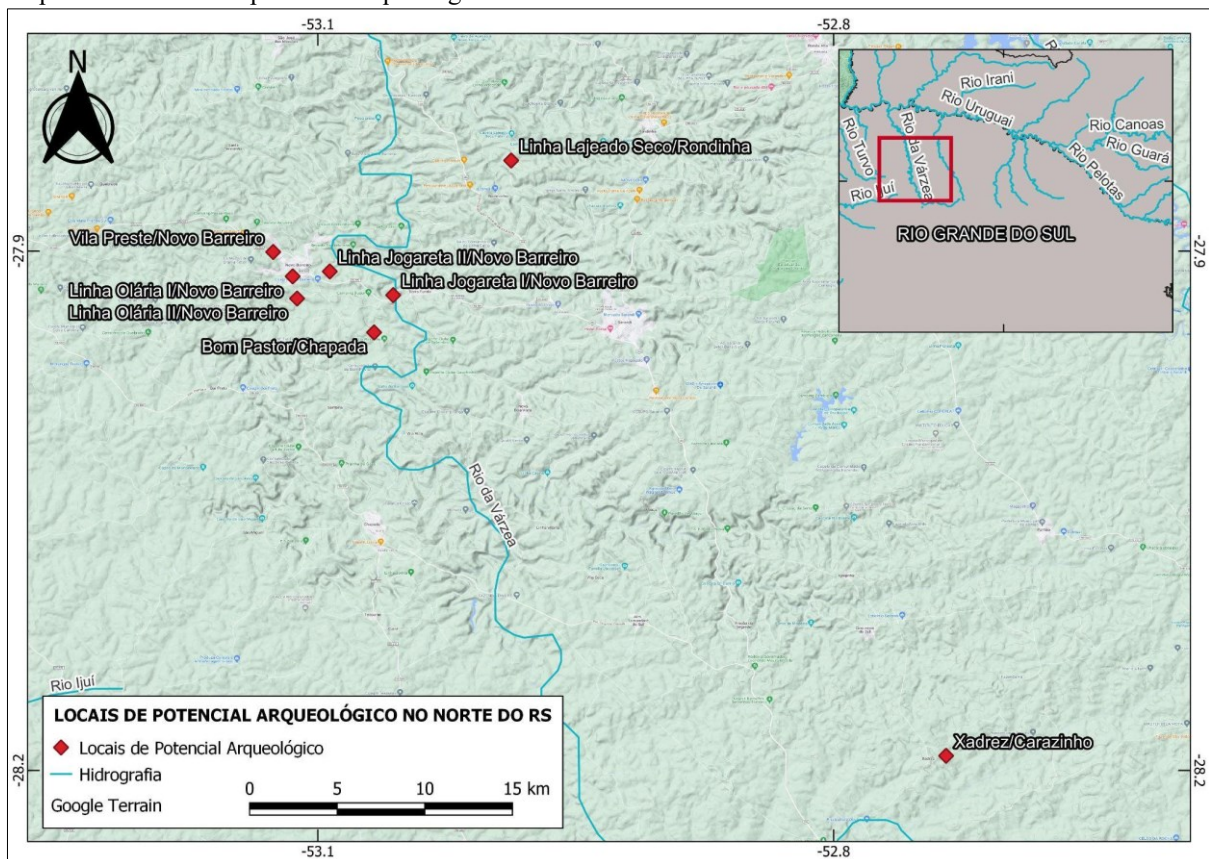
Salienta-se que “praticamente inexistem cursos d’água que, com maior ou menor intensidade, não tenham sido explorados pelas populações indígenas que ocuparam o atual território nacional antes de sua colonização pelos europeus” (CARDARELLI, 1997, p. 1).



### 2.3 Os achados arqueológicos no alto curso da bacia do Rio da Várzea

No alto curso da bacia do Rio da Várzea (Mapa 12) há incidência de achados arqueológicos por moradores. Tais achados configuram um importante potencial arqueológico e são constituídos por coleções particulares, formadas por objetos, especificamente artefatos líticos, coletados por moradores dos municípios de Novo Barreiro, Rondinha e Chapada. Ressalta-se que os artefatos encontrados no município de Chapada, atualmente integram o acervo do Museu Histórico Municipal de Chapada, já os encontrados nos municípios de Novo Barreiro e Rondinha, por não possuírem uma Instituição oficial responsável pelas questões histórico-culturais, como, por exemplo, um Museu, os objetos permanecem sob a guarda dos moradores que os encontraram.

Mapa 12 - Locais com potencial arqueológico no alto curso da bacia do Rio da Várzea



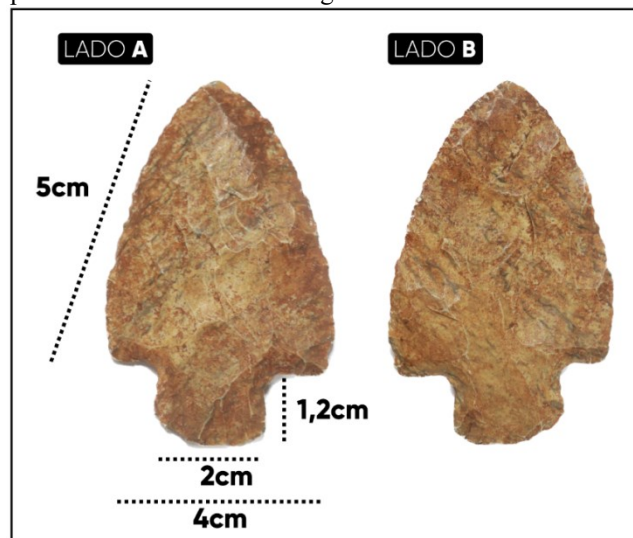
Fonte: Rio Grande do Sul, 2023.

Em Novo Barreiro, as coleções pertencem aos moradores Sandro Luís Kolling, João José Klein, Lurdes Terezinha Schreiner, Dirce Balestrin e Camilo Massing. Em Rondinha, ao municípe Egídio Brancher e, em Chapada, há os artefatos encontrados pelo morador Vilson Baudino nas terras de Leonildo Baudino no local de Bom Pastor, interior do município e outros

que também integram o acervo museológico do Museu Municipal, mas cuja procedência é desconhecida.

A coleção do professor Sandro Luís Kolling, discutida em Kolling (2020) e Kolling (2021), é composta por duas pontas de projétil (Figuras 50 e 51) e um fragmento de arenito (Figura 51). O morador relata ter encontrado as pontas de projétil, aproximadamente na década de 1980, nas terras de seu pai, João Homero Kolling, na Vila Preste, interior do município de Novo Barreiro.

Figura 50 - Ponta de projétil com pedúnculo da coleção do professor Sandro Luís Kolling

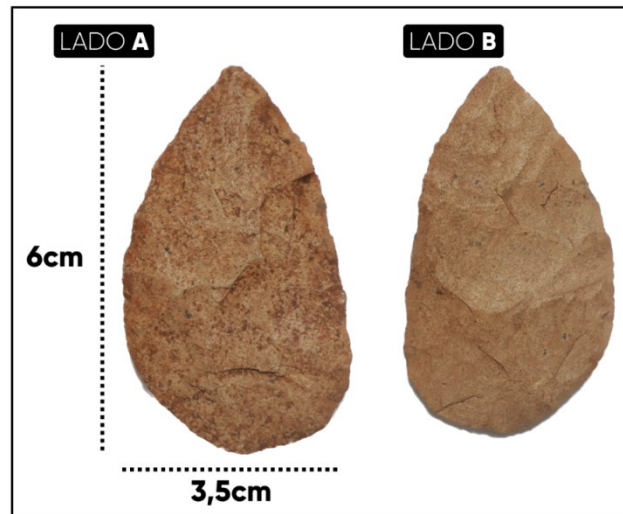


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas da ponta de projétil com pedúnculo, feita de rocha arenítica, (Figura 50) são: comprimento 6,2 cm, maior largura 4 cm, largura do pedúnculo 2 cm e altura 1,2 cm. Quanto à utilização destes artefatos, eles eram utilizados como ferramentas de caça ou combate, e a partir delas se faziam por exemplo lanças, flechas e dardos.

As medidas da outra ponta de projétil, também em rocha arenítica, (Figura 51) são altura 6 cm e maior largura de 3,5 cm. A forma foliácea, sem aletas ou pedúnculo, denota uma outra tecnologia empregada para sua manufatura, o que pode indicar o que pode indicar o seu eventual uso como ponta de lança ou dardo para arremesso.

Figura 51 - Ponta de projétil da coleção do Professor Sandro Luís Kolling



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As duas foram encontradas próximas, em meio a um espaço com plantas rasteiras, estando aparecendo apenas uma parte na superfície. Na época do achado, Sandro tinha aproximadamente treze anos de idade e estava brincando próximo a sua casa, quando avistou uma parte de um dos objetos, e por curiosidade, desenterrou o restante do artefato, para sua sorte encontrou junto a outra.

Ao analisar o estado de conservação de ambas, é possível constatar que estão bem conservadas, sem sinais de fratura e aparentemente com seus formatos originais. Trata-se de instrumentos sobre lascas, ou seja, feitos a partir de seixos maiores de rochas e através da técnica do lascamento se obteve lascas, as quais foram retocadas até se tornar artefatos utilitários.

As principais etapas do processo de confecção de um instrumento sob lascas eram o lascamento, retoque e o encabamento (Figura 52). Na etapa do lascamento se utiliza um percutor e um seixo, a partir do choque entre os dois se formam lascas; na segunda etapa, retoque, utiliza-se um fragmento de osso com extremidade pontiaguda para fazer os detalhes do artefato; e por fim, na última etapa, encabamento, sendo que já com a ponta de projétil pronta era encaixada em uma vara de madeira.

Figura 52 - Principais etapas do processo de confecção de instrumento sobre lascas

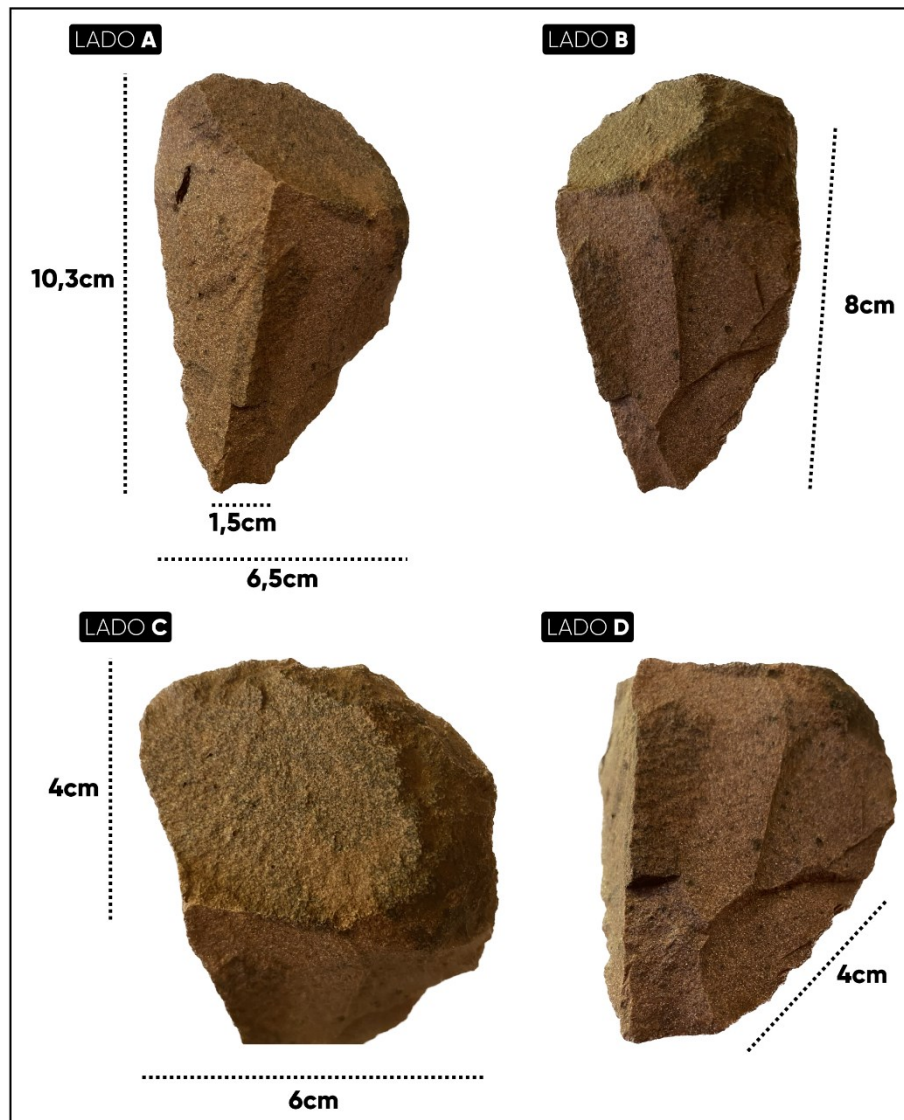


Fonte: Ilustração: Vicoski, 2011, p. 92. Fotografia: Lieli Kolling, 2023.

Em relação às características físico-naturais do ambiente em que foram encontradas, salienta-se a presença de fontes/vertentes de água que abastecem os moradores da Vila, poço artesiano, sangas e açudes, inclusive próximo ao local dos achados há uma área chamada pela família proprietária da terra de várzea, em razão de apresentar bastante umidade. Além disso, a cerca de 4km de distância do local há o Rio Passo Raso, o qual divide os territórios dos municípios de Novo Barreiro e Palmeira das Missões. Na outra direção, a cerca de 8 km de distância, há o Rio da Várzea, o qual divide os territórios dos municípios de Novo Barreiro e Barra Funda. A presença de água é um fator significativo, pois indica um lugar plausível de ser habitado por grupos de caçadores-coletores.

Próximo ao local dos achados das duas pontas de projétil, atualmente em uma área de plantio, foi encontrado um fragmento de rocha (Figura 53) de matéria prima igual ao das pontas de projétil. Este objeto também integra a coleção do professor Sandro Luís Kolling. Trata-se de arenito, material utilizado pelos primeiros grupos humanos que habitaram o estado e que se tem conhecimento até o momento, para confeccionar seus instrumentos. O fragmento integrava um seixo maior e apresenta marcas de lascamento. As medidas apresentadas pelo artefato foram altura 10,3 cm, largura 6,5 cm e a menor largura 1,5 cm.

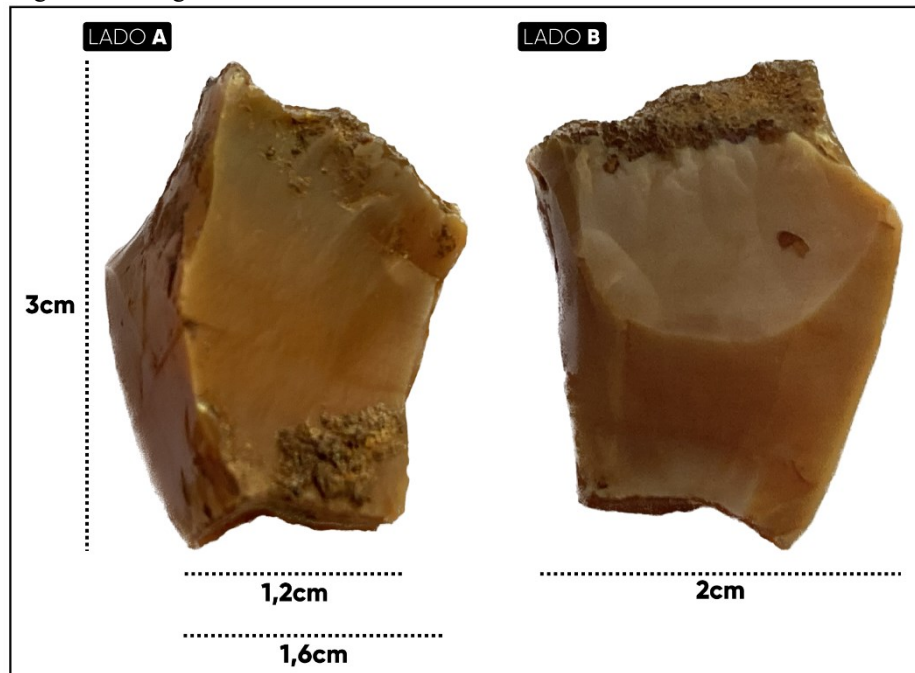
Figura 53 - Artefato inacabado do acervo do professor Sandro Luís Kolling



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Outro fragmento, cuja matéria prima é calcedônia (Figura 54), foi encontrado pela autora na localidade de Três Mártires, interior do município, especificamente às margens do Rio Gambá e próximo à estrutura subterrânea que há na localidade e foi apresentada no capítulo anterior. Rochas dessa tipologia eram utilizadas pelos primeiros grupos humanos para confecção de instrumentos utilitários, como pontas de projétil e raspadores. O achado nos sugere uma possível ocupação por estes grupos humanos da História Antiga no território, mas também a possibilidade de uma reocupação da estrutura subterrânea.

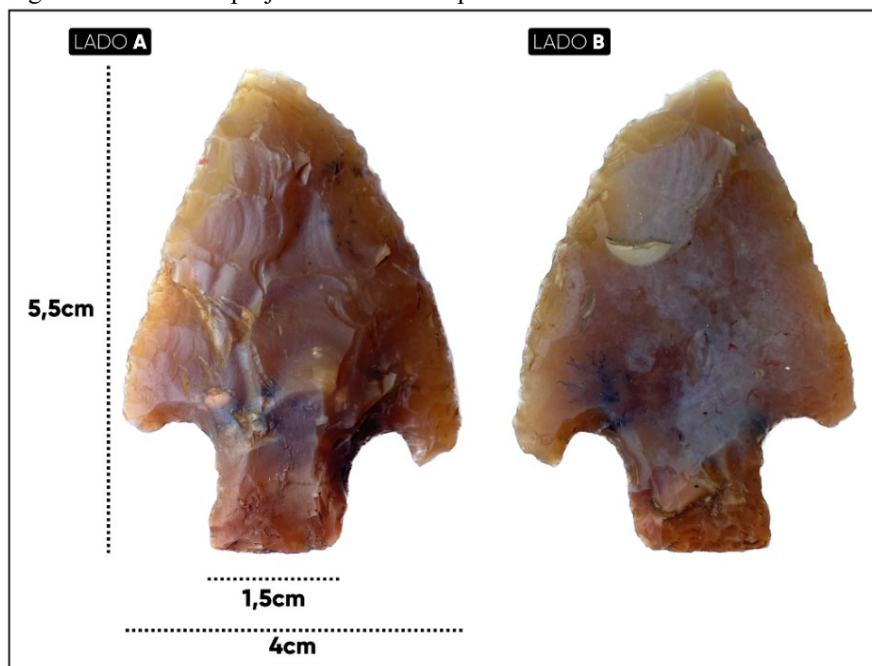
Figura 54 - Fragmento de calcedônia



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

O acervo da professora Lurdes Terezinha Schreiner (Figura 56) é composto por uma ponta de projétil (Figura 55). Ela relata que o instrumento foi encontrado pelo seu pai, em meados da década de 1940, enquanto lavrava com arado de boi sua lavoura, situada próximo ao Rio da Várzea na localidade da Linha Jogareta, interior do município de Novo Barreiro.

Figura 55 - Ponta de projétil do acervo da professora Lurdes Terezinha Schreiner



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas do artefato são altura de 5,5 cm, maior largura 4 cm e largura do pedúnculo 1,5 cm. Quanto ao seu estado de conservação, apresenta pequenos sinais de fratura em um de seus lados (Figura 55, lado B), mas não prejudica a visualização do seu formato original. A matéria prima utilizada para confecção foi calcedônia e trata-se de instrumento feito a partir de um suporte de lasca.

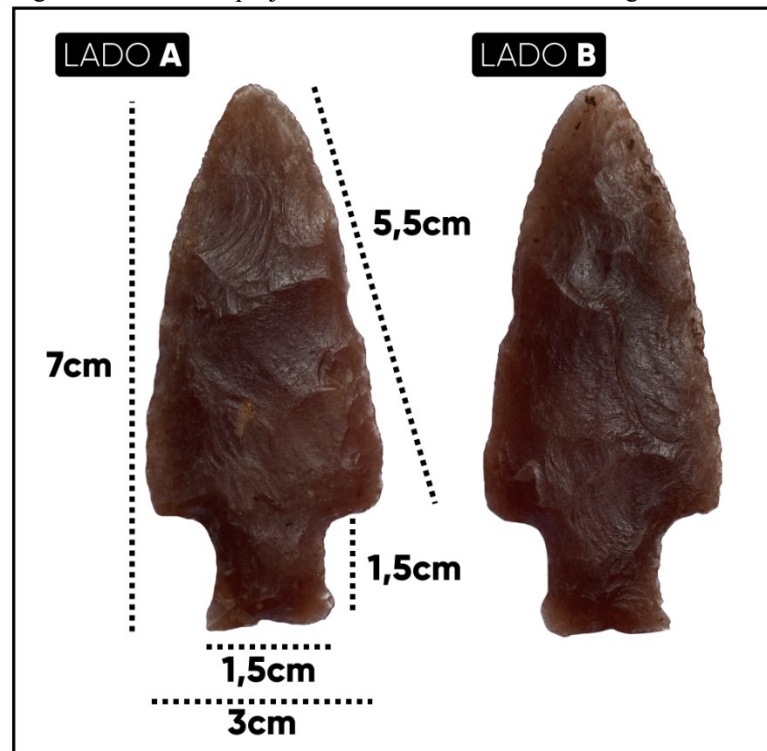
Figura 56 - Fotografia com a professora Lurdes Terezinha Schreiner



Fonte: Fotografia Acervo da autora, 2023.

O acervo do morador Camilo Massing também é composto por uma ponta de projétil (Figura 57). Ele relata ter encontrado em área de plantio situada próximo ao Rio da Várzea na localidade da Linha Jogareta, interior do município de Novo Barreiro. As medidas apresentadas pelo artefato são altura 7 cm, maior largura 3 cm, largura e altura da haste respectivamente 1,5 cm e 1,5 cm. O instrumento foi confeccionado sob lascas e a matéria prima utilizada para confecção foi calcedônia e se encontra em bom estado de conservação, sem fraturas.

Figura 57 - Ponta de projétil do acervo do Camilo Massing



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A coleção do Professor João José Klein, discutida em Kolling (2020) e Kolling (2021), dentre as pesquisadas é a que apresenta o maior número de artefatos, sendo constituída por bolas de boleadeiras, mão de pilão, lâmina de machado, percutor e um suposto artefato ritualístico. Todos os artefatos foram encontrados em área de plantio na localidade da Linha Olária, interior do município de Novo Barreiro.

Em relação às características físico-naturais do ambiente em que foram encontradas, salienta-se que há presença de fontes/vertentes de água que abastecem sangas e açudes. Atualmente, o local dos achados tem plantação de timbó, mas no passado era área de cultivo de culturas sazonais, o que justifica o aparecimento destes artefatos na superfície, em razão do preparo da terra.

No referido local foram encontradas três bolas de boleadeiras, todas feitas a partir de rocha basáltica através de polimento e picoteamento (Figuras 58, 59 e 60).



Figura 58 - Bola de Boleadeira do acervo do professor João José Klein



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas do instrumento (Figura 59) são circunferência de 16 cm e espessura 5 cm. É visível a presença de um sulco ao longo de todo o centro da rocha e o estado de conservação é bom, apresentando seu formato original.

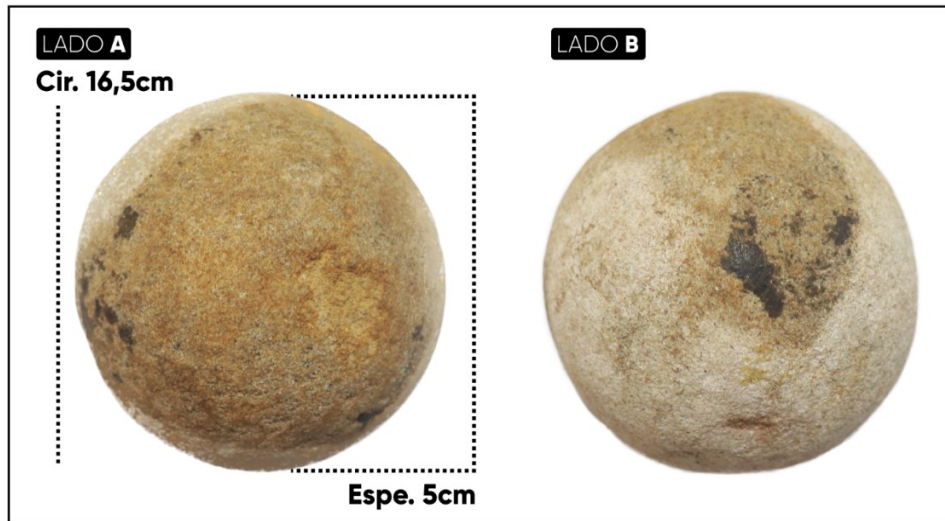
Figura 59 - Bola de boleadeira acervo do professor João José Klein



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas do instrumento são circunferência 17,5 cm e espessura 6 cm (Figura 60). É visível a presença de um sulco ao longo de toda a rocha, porém notam-se desgastes ocasionados pelo seu uso ou pelos anos que se encontram na terra.

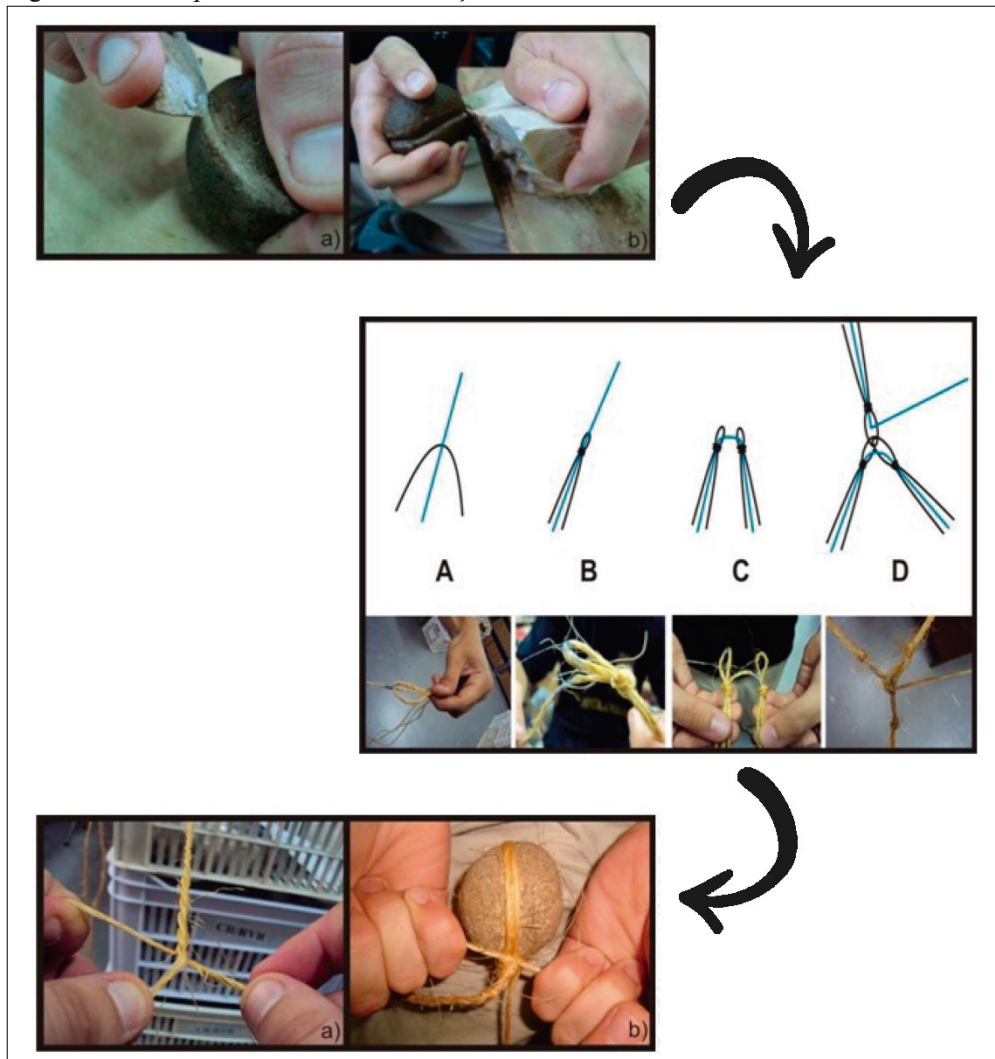
Figura 60 - Bola de boleadeira acervo do professor João José Klein



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas do instrumento (Figura 60) são circunferência 16,5 cm e espessura 5 cm. Nota-se que este artefato não apresenta sulco ao longo da rocha, supomos que poderia ser envolvido por couro ou matéria prima semelhante. As bolas de boleadeiras eram confeccionadas e utilizadas como estratégia e instrumento de caça. Eram feitas a partir de seixos ou blocos de rochas, oriundos da mata ou rios, produzidos sulcos a partir de polidores fixos, grandes blocos ou lajes naturais, blocos de rochas de superfície ásperas e ricas em sílica como granito e arenito, ou também em rocha basáltica, para encaixar as correias, feitas com cipós ou matéria-prima semelhante (Figura 61).

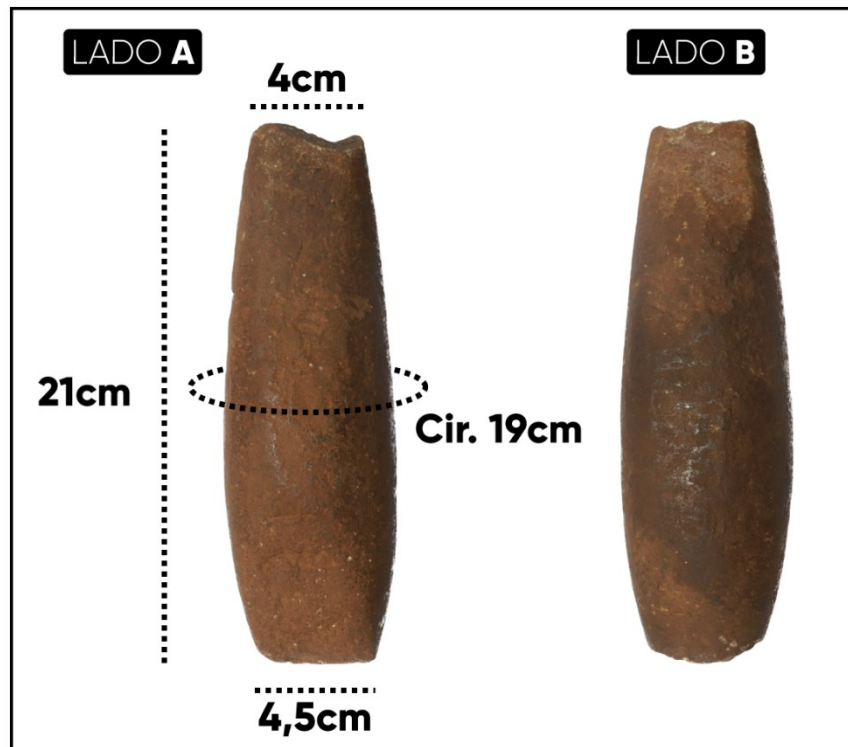
Figura 61 - Exemplo de método de confecção das bolas de boleadeiras



Fonte: Garcia; Silva, 2013.

A mão de pilão (Figura 62) que integra a coleção, possui altura de 21cm, circunferência de 19cm e largura das extremidades 4cm e 4,5cm. Apresenta fratura na extremidade menor. A sua utilização está relacionada ao processamento de grãos e sementes, de modo a triturá-los para produção de alimentos.

Figura 62 - Mão de Pilão acervo do Professor João José Klein



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A lâmina de machado (Figura 63) da coleção possui circunferência de 19 cm, comprimento 15 cm, largura da extremidade do encabamento 5 cm e largura da extremidade do gume (parte ativa) 3,5 cm. As pesquisas sugerem que possam ter sido utilizadas para devastar e derrubar árvores na preparação de roças, mas também como utensílios para guerra. Eventualmente o artefato também pode ter sido utilizado como uma cunha.

Figura 63 - Lâmina de Machado acervo do Professor João José Klein

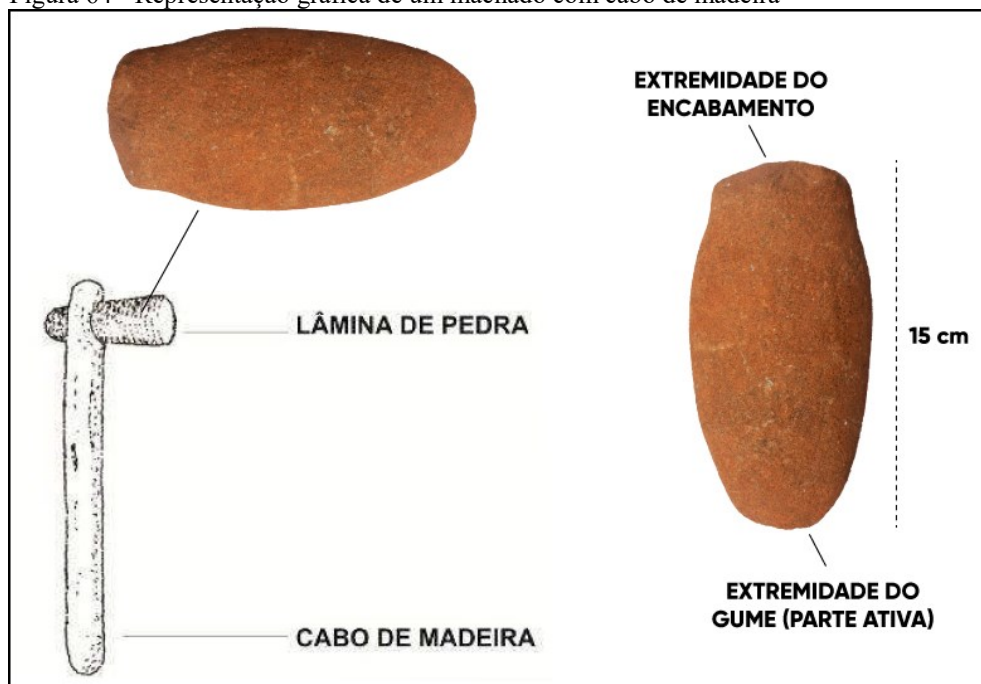


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As lâminas de machado e cunhas eram produzidas a partir de seixos em basalto ou granito, polidos para adquirir um aspecto liso e uniforme. Os gumes eram produzidos com

polimento ou, em alguns casos, com o lascamento de uma das extremidades e posterior polimento até atingir a forma necessária. Para o encanamento, em alguns casos, preparavam-se sulcos ou depressões na parte contrária ao gume para melhor encaixe do cabo (Figura 64).

Figura 64 - Representação gráfica de um machado com cabo de madeira



Fonte: Ilustração Vicoski, 2011 p. 112. Fotografias Lieli Kolling, 2023.

O percutor apresenta altura de 7,5 cm (Figura 65). Os percutores foram seixos de diferentes matérias-primas, classificados como moles quando foram de madeira, osso ou chifre, e duros quando foram de rochas consistentes como basalto e granito. Eram utilizados nas indústrias líticas para a extração de lascas e lâminas que pudessem servir como objetos úteis para cortar, raspar ou perfurar superfícies (GARCIA, 2015).

Figura 65 - Percutor acervo do Professor João José Klein



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

O suposto artefato ritualístico que integra a coleção (Figura 66), possui altura de 11 cm e em razão de não configurar uma ferramenta utilitária, aventa-se a possibilidade de seu uso para fins ritualísticos. Foi feito a partir de um bloco de basalto, com polimentos, e se assemelha a uma lâmina de machado, embora não tenha as mesmas características.

Figura 66 - Artefato Ritualístico acervo do Professor João José Klein



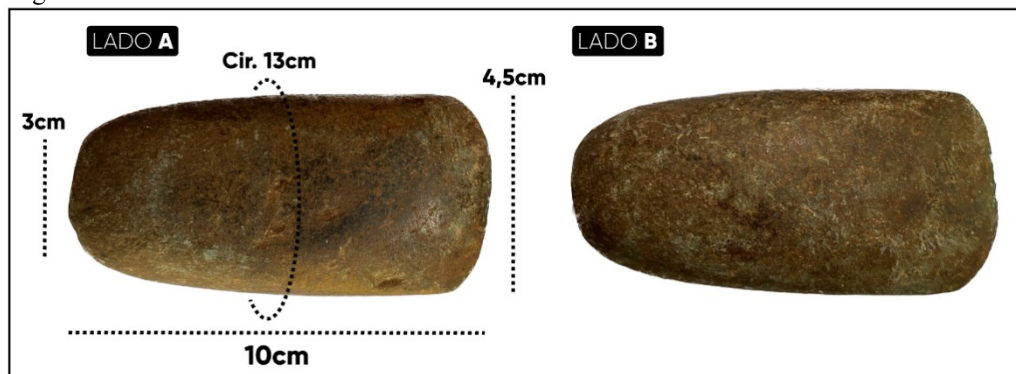
Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A coleção da moradora Dirce Maria Balestrin é constituída por uma lâmina de machado e uma mão de pilão. Segundo ela, os artefatos foram encontrados pelo seu pai, Osvino Felipe

Klein, em meados da década de 1970 ou 1980 na Linha Olária, interior do município de Novo Barreiro. Relata que havia outros objetos de pedra, os quais ficavam guardados em uma caixa dentro de uma carroça, porém a carroça foi vendida e os objetos acabaram indo juntos.

A lâmina de machado, feita em basalto (Figura 67), possui 13 cm de circunferência, 10cm de comprimento, largura da parte ativa 4,5 cm e largura 3 cm.

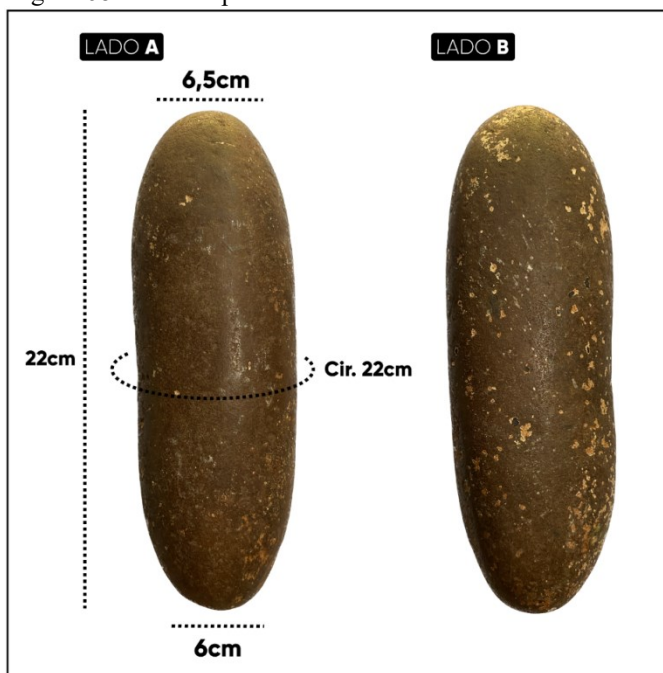
Figura 67 - Lâmina de machado acervo Dirce Balestrin



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A mão de pilão, também em basalto (Figura 68), possui 22cm de altura, circunferência de 22 cm e largura das extremidades 6,5 cm e 6 cm.

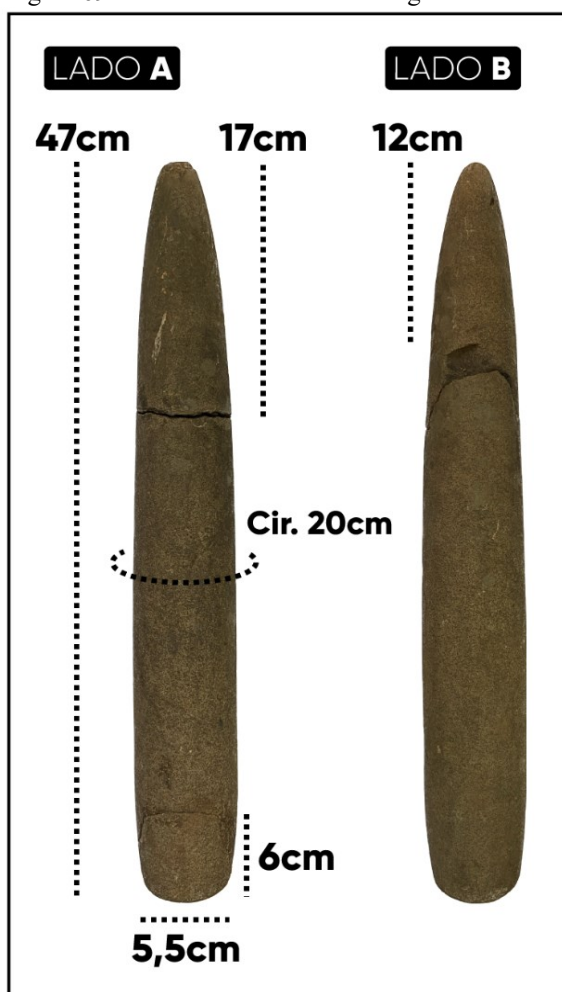
Figura 68 - Mão de pilão acervo Dirce Balestrin



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

No município de Rondinha, cerca de 21,5Km de distância em linha reta do município de Novo Barreiro, tem-se conhecimento de um acervo pessoal composto por uma mão de pilão, encontrada pelo morador Egídio Brancher, em área de plantio na Linha Lajeado Seco no bairro Fátima, interior do município. O artefato (Figura 69) possui uma fratura, no entanto, foi colado pelo próprio morador. A matéria-prima é o basalto, possui altura total de 47 cm, largura de 5,5 cm e circunferência de 20 cm.

Figura 69 - Mão de Pilão acervo do Egídio Brancher



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Por fim, o acervo arqueológico do Museu Histórico Municipal de Chapada é formado por duas pontas de projétil, uma mão de pilão e dois artefatos inacabados. Os artefatos se encontram expostos e compõem a exposição permanente da Instituição.

Segundo dados repassados pela responsável do Museu, não há documentos referentes à doação e procedência de todos os objetos, felizmente, em relação às duas pontas de projétil (Figuras 68 e 69) sabe-se quem é o doador, bem como o local de procedência. Ao entrarmos



em contato com o doador, Airton Baudino, o mesmo nos relatou que quem encontrou foi o seu irmão, Vilson José Baudino nas terras de seu pai, Leonildo Baudino, em Bom Pastor, interior do município de Chapada. Atualmente, as terras pertencem a Itacir Cover. Realizamos visita ao local dos achados (Figura 70), atualmente é área de mata, porém quando foi encontrado, o local era área de plantio. Ressalta-se a presença de vertentes de água e rios próximos, a cerca de 300m há o Rio Baio e a cerca de 1km há o encontro dos Rios Gambá e Rio da Várzea.

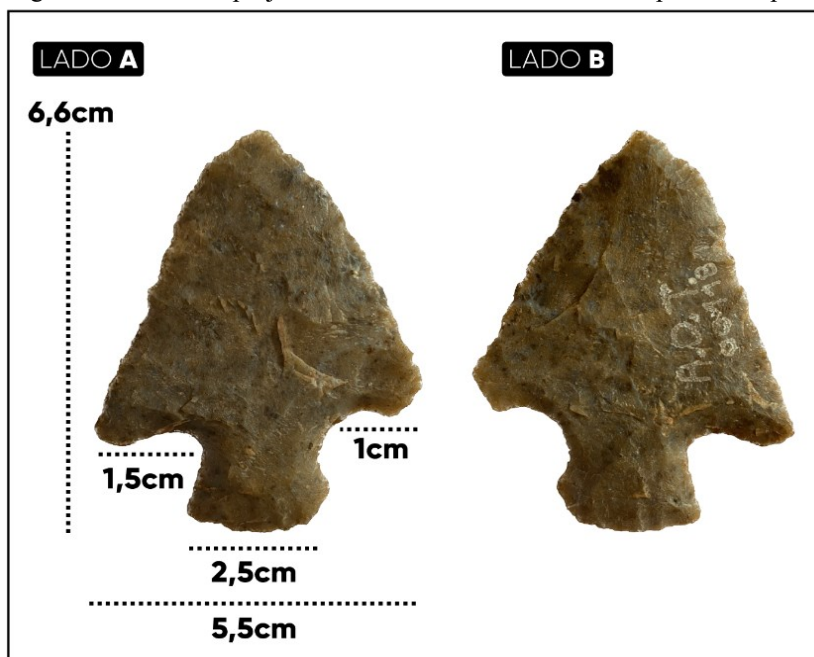
Figura 70 - Visita ao local dos achados em Bom Pastor/ Chapada



Fonte: Fotografia Acervo da autora, 2023.

As medidas da ponta de projétil com pedúnculo (Figura 71) são comprimento 6,6 cm, maior largura 5,5 cm e largura do pedúnculo 2,5 cm. Encontra-se em bom estado de conservação, com pequenas fraturas. A matéria prima utilizada para confecção foi em rocha de silexito, e produzida sob lascas. É visível a presença de uma sigla de identificação gravada na rocha que possivelmente estava relacionada a um catálogo, porém não se tem conhecimento sobre o mesmo.

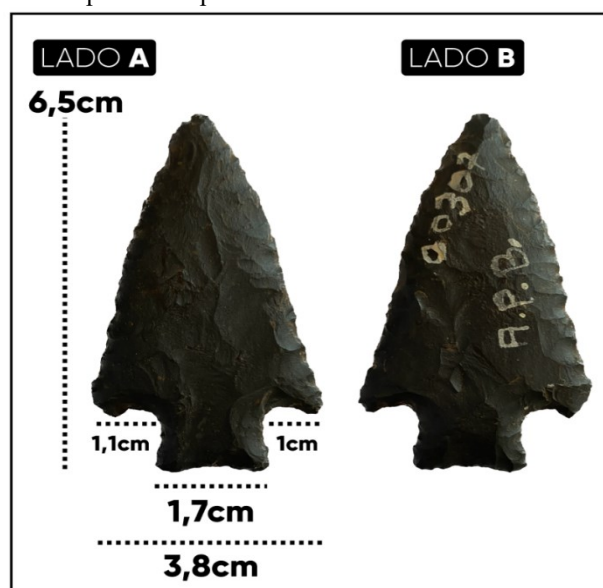
Figura 71 - Ponta de projétil acervo Museu Histórico Municipal de Chapada



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As medidas da ponta de projétil com pedúnculo de coloração preta (Figura 72) são, comprimento 6,5 cm, maior largura 3,8 cm e largura do pedúnculo 1,7 cm. Encontra-se em bom estado de conservação, sem fraturas. A matéria prima utilizada para confecção também foi sílexito e foi produzida sob lascas. Assim como na outra ponta de projétil deste acervo, é visível a presença de uma sigla de identificação gravada na rocha que, possivelmente estava relacionada a um catálogo, porém não se tem conhecimento sobre o mesmo.

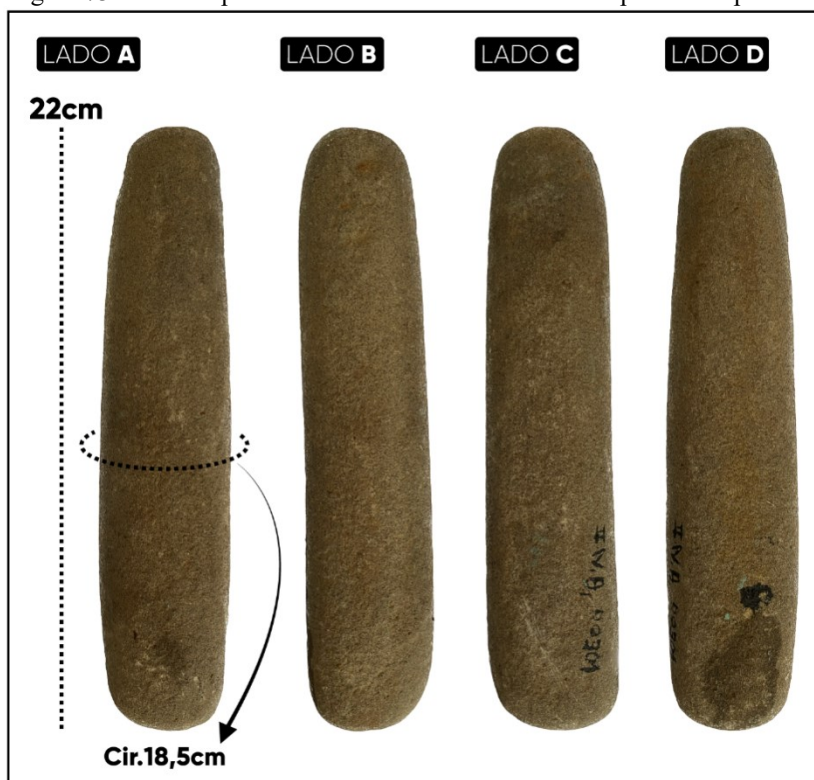
Figura 72 - Ponta de projétil acervo Museu Histórico Municipal de Chapada



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

A mão de pilão (Figura 73), que integra a coleção, possui altura de 22cm e circunferência de 18,5cm, e a matéria-prima é basalto. Assim como nos demais artefatos, é visível a presença de uma sigla de identificação gravada na rocha que possivelmente estava relacionada a um catálogo, porém não se tem conhecimento sobre o mesmo.

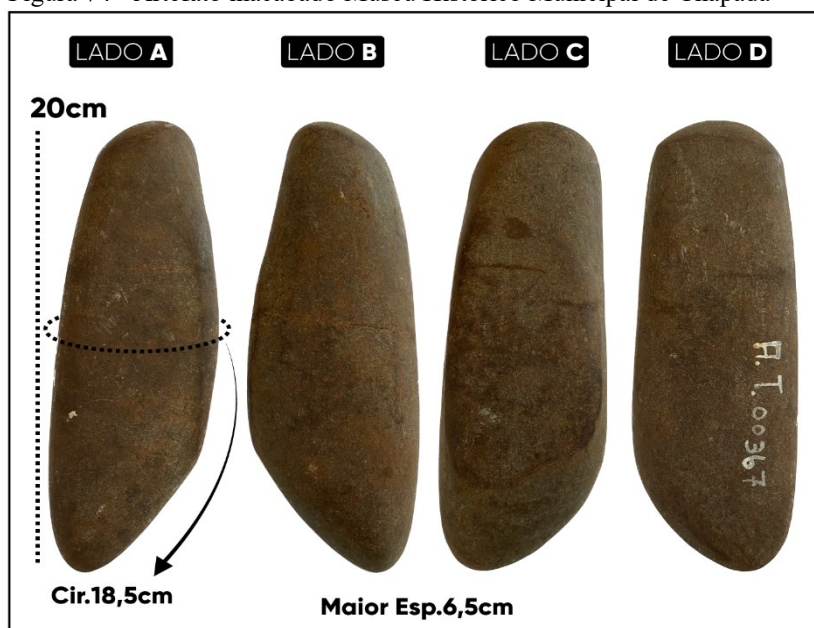
Figura 73 - Mão de pilão acervo Museu Histórico Municipal de Chapada



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

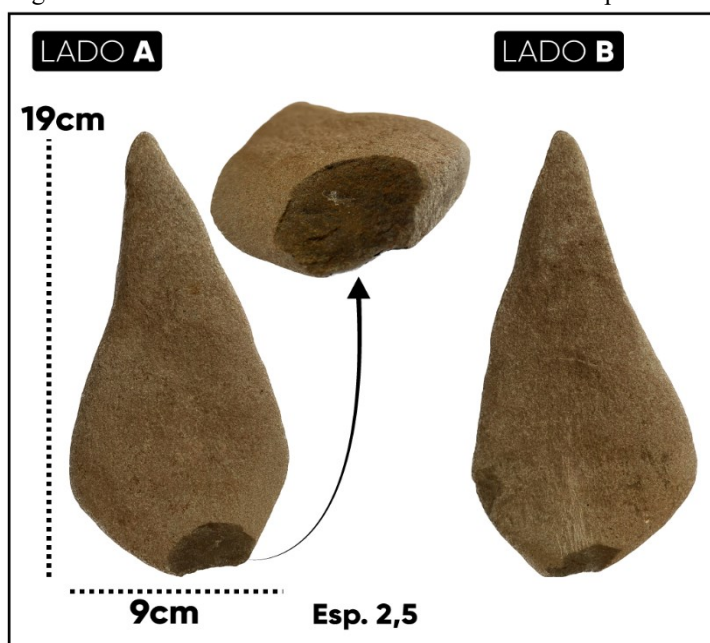
Os demais artefatos não puderam ser identificados, porém constituem-se de seixos e rocha basáltica, possivelmente utilizados sem modificação ou com a intenção de utilização posterior, porém sem aproveitamento. Não apresentam marcas evidentes de que tenham sido preparados para serem elaborados como alguma ferramenta (Figura 74 e 75).

Figura 74 - Artefato inacabado Museu Histórico Municipal de Chapada



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Figura 75 - Artefato inacabado Museu Histórico de Chapada



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

De modo geral, a confecção dos artefatos exigia tempo e domínio de certa tecnologia e técnicas de confecção, sendo que

A matéria-prima para a produção desses instrumentos provém de seixos do rio, blocos ou afloramentos rochosos e é trabalhada, de acordo com sua natureza, por lascamento, picoteamento ou polimento. Calcedônia, arenito, quartzo e quartzito são trabalhados por percussão; basalto, diorito e outras rochas semelhantes geralmente por picoteamento ou polimento (SCHMITZ, 2006, p. 17).

### **3. POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NO ALTO CURSO DA BACIA DO RIO DA VÁRZEA: ACERVO ARQUEOLÓGICO DO MUSEU OLÍVIO OTTO**

No presente capítulo, adentramos na criação do museu e na formação das coleções que integram o acervo e, posteriormente, apresentamos os artefatos arqueológicos, cuja procedência é a região em estudo. Focamos na coleção de objetos resultantes das pesquisas arqueológicas realizadas no Distrito de Xadrez na década de 1970. Na época a região do distrito pertencia a Carazinho e, atualmente, ao município de Coqueiros do Sul. Além desse material, buscamos apresentar também os artefatos da Região do Braga, atual município de Braga, de Carazinho e Passo Fundo. No capítulo final, apresentamos parte do acervo arqueológico do Museu Olívio Otto, localizado no município de Carazinho.

#### **3.1 Museu Olívio Otto e Coleções**

Segundo informações extraídas do documento “Projeto Museológico do Museu Olívio Otto” e do site da Instituição, o Museu Olívio Otto surgiu em 1957, quando ocorreu o falecimento de Antônio Carlos Otto (Negrão), filho de Olívio Otto, em um acidente de avião. Seus familiares recolheram uma ponta de asa que restou da aeronave, sendo que seu pai a guardou. A partir desse episódio se iniciou a formação de uma coleção e a busca pela imortalidade a partir da coleta aleatória de um colecionador particular, de forma autodidata, sendo os primeiros objetos da coleção, peças da imigração alemã. Posteriormente, à coleção se agregaram objetos de temáticas variadas que transitavam pela história regional, ciências naturais, religiosidade, costumes, aspectos políticos e econômicos, entre outros.

Em 1972, a casa da família Otto, local que abrigava o acervo, ficou lotada de peças. Neste período, Olívio Otto recebeu proposta da Prefeitura de Carazinho para aquisição de sua coleção. Assim, o então prefeito, Loreno Graeff, criou e passou à institucionalização, sob responsabilidade da prefeitura de Carazinho com a denominação de Museu Regional do Planalto. A partir desse momento, o acervo recebeu impulso, foram feitas inúmeras aquisições, sendo citado um acervo indígena. O Colégio La Salle contribuiu com amostras relacionadas à mineralogia e zoologia e o viveiro da cidade com animais mortos, os quais foram taxidermizados.

No ano de 1978, o museu teve a denominação alterada para Museu Municipal Pedro Vargas, homenageando o fundador da cidade. A década de 1980 representou um período de dificuldades para a Instituição, em virtude de promessas e insuficiência orçamentária. O

documento, Projeto Museológico, narra a falta de definição teórica e desconhecimento da prática e do papel social do museu.

Em 1991, Olívio Otto veio a falecer e teve seu trabalho ainda mais reconhecido quando, em 1995, através de um decreto municipal, teve seu nome alterado para Museu Regional Olívio Otto. No entanto, os anos seguintes registraram abandono para com o acervo, os funcionários e população temiam os alagamentos que ocorriam com frequência no interior do espaço.

Em 2007 começou a ser desenvolvido o Projeto de Gestão e Qualificação do Museu Olívio Otto, cujo objetivo era a formação de um programa museológico tendo por base a permanência de uma equipe interdisciplinar, a qual, em conjunto, foi responsável pela elaboração dos diversos planos técnicos, científicos, de pesquisa, planejamento, exposição e salvaguarda.

Em 2008, o museu foi reinaugurado em sua nova sede, e por ter sua definição temática centrada na história local passou a denominar-se Museu Olívio Otto (Figura 76). Atualmente, ligado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura através do Departamento de Cultura, o museu estrutura-se, em razão da diversidade do acervo, em dois núcleos: Núcleo de História e Cultura e Núcleo de Ciências Naturais.

Figura 76 - Museu Olívio Otto



Fonte: Museu Olívio Otto (foto de divulgação).

O Museu conta com um acervo arqueológico, formado por inúmeros artefatos líticos, material em cerâmica, madeira e cestaria. Parte destes artefatos estão exibidos em exposição permanente, mas a grande maioria integra a reserva técnica.

Considerando a delimitação da região de estudo desta pesquisa, optou-se por apresentar apenas os artefatos arqueológicos cuja procedência é a região norte do estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, iremos apresentar os conjuntos de objetos encontrados no Distrito de Xadrez, que atualmente pertence ao município de Coqueiros do Sul, Região do Braga, atual município de Braga, Carazinho e Passo Fundo.

### 3.2 Coleções do Distrito de Xadrez, Carazinho, Braga e Passo Fundo

A fim de sintetizar a amplitude do acervo, apresentaremos dados quantitativos (Quadro 2). Ressalta-se que mantivemos as nomenclaturas das fichas de registro<sup>9</sup> do Museu, mesmo entendendo que há discordâncias, para que ocorra uma melhor associação e comparação com as referidas fichas.

Quadro 2 - Relação de artefatos arqueológicos da região em estudo pertencentes ao acervo do Museu Olívio Otto

<b>Distrito de Xadrez</b>	
<b>Tipologia</b>	<b>Quantidade</b>
Mão de Pilão	3
Fragmento de vaso	1
Boleador	1
Itaizás	1
Artefato biface	2
Objeto artesanal	1
Ponta de flecha	60
Lasca	7
Raspador	1
Faca	1
<b>Carazinho</b>	
<b>Tipologia</b>	<b>Quantidade</b>
Machadinho	1
Pedra grande	1
Urna Funerária	1
<b>Braga</b>	
<b>Tipologia</b>	<b>Quantidade</b>
Machado de pedra	1
Boleadeira estrelada	1
Percutor	1
Alisador	1
Mão de Pilão	2
<b>Passo Fundo</b>	
<b>Tipologia</b>	<b>Quantidade</b>
Machadinho	1

Fonte: Elaboração de Lieli Kolling, 2023.

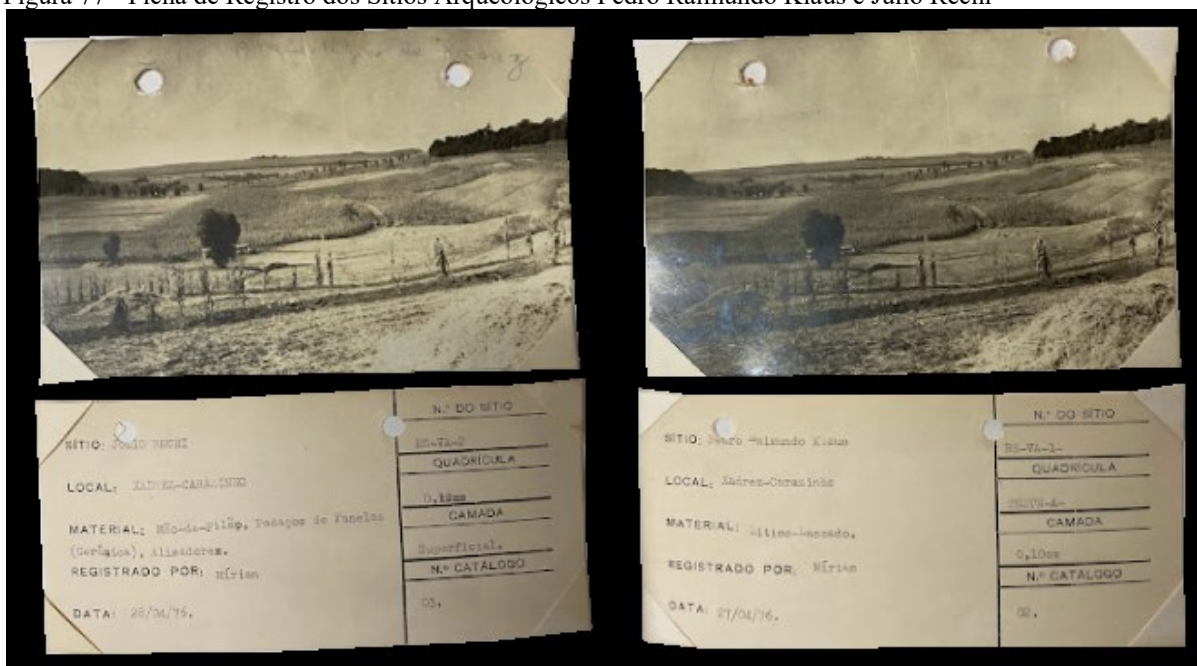
<sup>9</sup> Ver quadro síntese em Apêndice B, elaborado a partir das fichas de registro do museu.

Em razão do alto número de pontas de projétil, especificamente 60 artefatos, cuja procedência é o Distrito de Xadrez, iremos nos debruçar em apresentar e analisar este conjunto. A partir da documentação encontrada no Museu Olívio Otto, observou-se que ocorreram no ano de 1976 duas pesquisas arqueológicas no Distrito de Xadrez, resultando em dois Sítios Arqueológicos, um denominado Pedro Raimundo Klaus e o outro Julio Rechi. Acredita-se que tais denominações se deram em razão das pesquisas ocorrerem nas propriedades de ambos.

Buscou-se mais informações a respeito dos relatórios destas pesquisas na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN do Rio Grande Sul, no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul- MARSUL e com pesquisadores do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas- CEPA, porém nessas instituições não há nada referente aos sítios em estudo.

Há no Museu Olívio Otto duas fichas com informações dos sítios, estas aparentam fazer parte do relatório original da pesquisa, a partir delas é possível encontrar o nome do sítio, local, material, nome de quem fez o registrado, data, número do sítio, quadrícula, camada e número do catálogo (Figura 77).

Figura 77 - Ficha de Registro dos Sítios Arqueológicos Pedro Raimundo Klaus e Júlio Rechi



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

As informações presentes nas fichas conforme a primeira fotografia são: Nome do sítio: Júlio Rechi; Local: Xadrez- Carazinho; Material: Mão de Pilão, Pedações de panelas (cerâmica), Alisadores; Registrado por: Mirian, Data: 28/04/1976; Número do sítio: RS-VA-2, Quadrícula: (informação grifada); Camada: superficial e Número do Catálogo: 03. Na segunda fotografia



são: Nome do sítio: Pedro Raimundo Klaus; Local: Xadrez- Carazinho; Material: Lítico-Lascado; Registrado por: Mírian, Data: 27/04/1976; Número do sítio: RS-VA-1, Quadrícula: Teste- A; Camada: 0,10cm e Número do Catálogo: 02.

Além das informações anteriores, há as Fichas de Registro do Museu Olívio Otto, nas quais consta o Número de Registro; Seção; Número de Seção; Tipo de Ingresso; Número de Inventário; Data de Entrega; Origem; Procedência; Classificação Genérica; Descrição; Estado de Conservação: ( ) Bom ( ) Regular ( ) Insuficiente; Medidas em centímetro (altura, largura, comprimento, diâmetro, espessura, profundidade e peso); Material de Acondicionamento; Data da Conservação e Observação. Ao analisar as referidas fichas de registro foi possível evidenciar que o pesquisador responsável pelos estudos foi o professor e arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, em razão de em todas as fichas constar, como observação no campo descrição, seu nome como professor responsável.

A partir de informações presentes no site do Instituto Anchietano de Pesquisas, Pedro Augusto Mentz Ribeiro “fez levantamentos e pesquisas sistemáticas nos vales dos rios Caí, Pardo e Taquari; do alto vale do rio Camaquã; da margem ocidental e oriental da Lagoa dos Patos. Realizou pesquisas nos municípios de Esmeralda, Bom Jesus, Cabora, Santa Vitória do Palmar, Quarai, São Lourenço do Sul, Caçapava, Mostardas, Tavares e São José do Norte, Santa Cruz do Sul e Rio Grande. Pesquisou sítios arqueológicos históricos como a redução jesuítica de São Lourenço Martir e a redução de Jesus-Maria; a aldeia de São Nicolau do Rio Pardo e a aldeia Nossa Senhora da Conceição do Estreito”.

A partir de visita realizada à comunidade de Xadrez, com o objetivo de encontrar informações referentes às pesquisas arqueológicas, conversamos com moradores da localidade, José Machado e Juliano Rech, os quais visualizaram a fotografia da década de 1970, presente no Museu, e colaboraram na identificação do atual local que foi palco de pesquisas arqueológicas no ano de 1976 (Figura 78).

Figura 78 - Provável local onde ocorreram as pesquisas arqueológicas nos sítios RS-VA-1 e RS-VA-2, em 1976, segundo o relato de moradores locais



Fonte: Fotografia Lieli Kolling, 2023.

No entanto, os moradores contactados não se recordam da realização das pesquisas. Também realizamos conversa com a senhora Celmira Elza Arnhold, a qual relatou encontrar “panelas de barro” há anos nas lavouras da localidade, porém não se recorda com clareza das referidas pesquisas. Realizamos visita ao local dos achados relatados pela moradora (Figura 79 e 80).

Figura 79 - Registro de visita realizada em Xadrez



Fonte: Fotografias acervo da autora, 2023.

Figura 80 - Local dos achados relatado pelos moradores

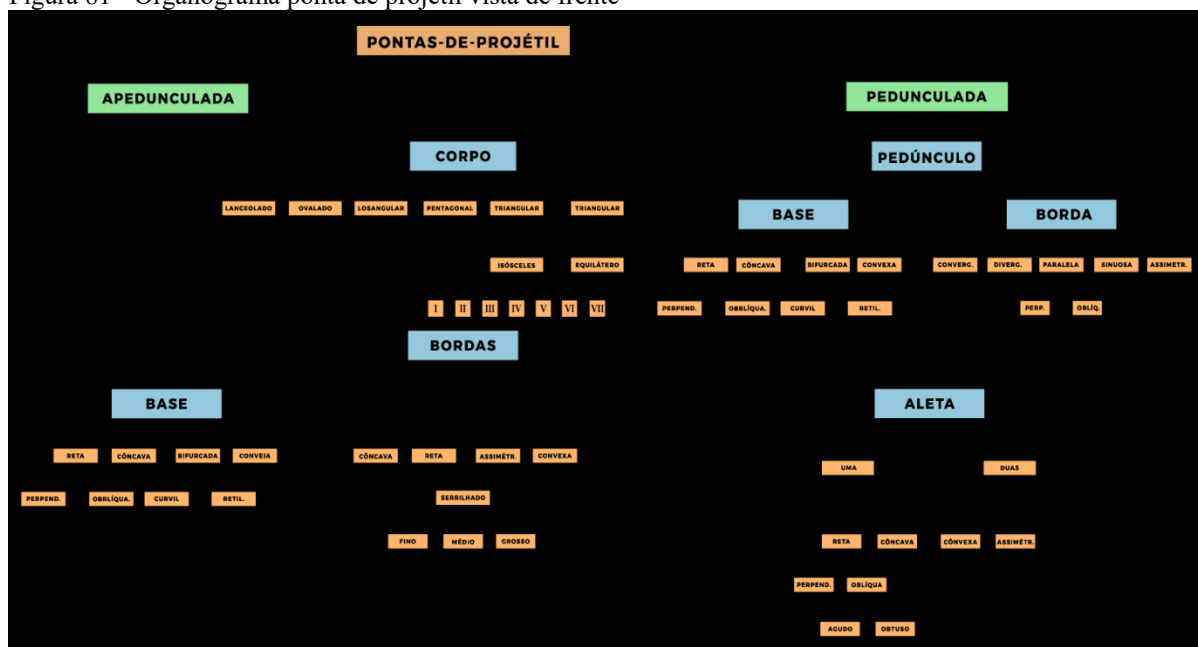


Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Salienta-se que optamos por realizar análise dos processos de confecção dos artefatos considerando a metodologia de confecção proposta por Ribeiro e Hentschke (2018), os quais criam um método para classificação de pontas de projétil, sendo a base do método os organogramas<sup>10</sup> (Figuras 81, 82 e 83).

O primeiro organograma (Figura 81), considerado pelos autores como o mais importante, é o de uma ponta de projétil vista de frente, ou seja, os seus contornos.

Figura 81 - Organograma ponta de projétil vista de frente



Fonte: Ribeiro; Hentschke, 1976. Refeito por Lieli Kolling, 2023.

<sup>10</sup> Ver Ribeiro, P. A. M., & Hentschke, O. (2018). MÉTODO PARA CLASSIFICAÇÃO DE PONTAS-DE-PROJÉTIL E ALGUMAS APLICAÇÕES PRÁTICAS. *Revista Do CEPA*, 3(3). Recuperado de <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa/article/view/12344>

O segundo organograma é o das medidas (Figura 82).

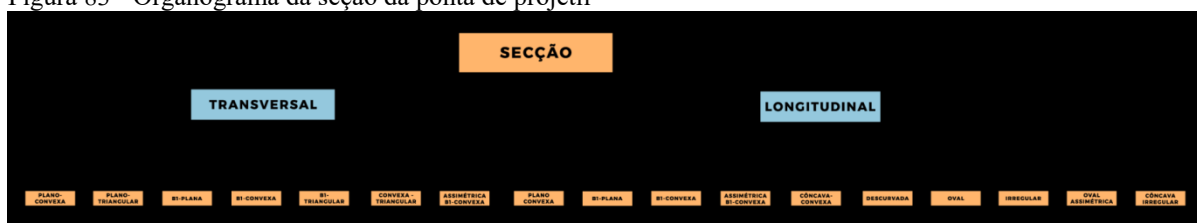
Figura 82 - Organograma das medidas



Fonte: Ribeiro; Hentschke, 1976. Refeito por Lieli Kolling, 2023.

E, por fim, o terceiro organograma é o da seção da ponta de projétil (Figura 83).

Figura 83 - Organograma da seção da ponta de projétil



Fonte: Ribeiro; Hentschke, 1976. Refeito por Lieli Kolling, 2023.

A partir do método proposto por Ribeiro e Hentschke (1976), faremos a classificação das pontas de projéteis, considerando apenas o organograma 1 em razão da falta de todas as informações das pontas. Dessa forma, faremos a classificação das pontas a partir dos contornos e características do corpo, bordas, serrilhado, base, bordas pedúnculo e aletas (Figura 84).

Segundo Ribeiro e Hentschke (1976), o organograma 1, uma ponta de projétil vista de frente, divide-se em duas partes principais, as pontas apedunculadas (1) e as pontas pedunculadas (2), sendo comum em ambas o corpo (A) e as bordas (B).

O corpo (A) é dividido em cinco tipos, repetindo-se o triangular (5 e 6), sendo que o lanceolado (1), ovalado (2), losangular (3), pentagonal (4) e triangular (5), pertencem aos tipos apedunculados e o triangular (6), ao pedunculado.

A ponta lanceolada (A1) é de formato alongado, duas bordas retas e paralelas ao eixo longitudinal da peça e o comprimento maior do que a largura (em geral três vezes ou

mais) [...]. A ovalada (A2) tem as duas bordas longitudinais convexas e o comprimento é um pouco menor do que a largura (em torno de duas vezes) [...]. Ponta losangular (A3) é a que possui quatro bordas iguais (ou com mínima diferença milimétrica), com um vértice, de cada lado, na parte central da peça e a base é convexa [...]. Possuindo as mesmas características, porém com outro tipo de base, especialmente reta, a ponta é pentagonal (A4) [...]. A triangular (A5 e 6), com três lados, possui as bordas oblíquas ao eixo longitudinal da peça, retas, podendo ocorrer, ainda, levemente convexas, côncavas ou assimétricas; a base quando apedunculada pode ser de qualquer tipo [...]. Dividimos os corpos triangulares em dois tipos: isósceles e equilátero. Sabemos, por definição, que o isósceles (A5a e A6a) é o que tem dois lados iguais (congruentes) e um desigual; equilátero (A5b e A6b) é o que tem os três lados iguais. O isósceles, por sua vez, dividimos, arbitrariamente, em sete partes (a1 até a7) (RIBEIRO; HENTSCHKE, 1976, p. 14-15).

As bordas (B) são divididas em quatro tipos, podendo ser côncavas (1), retas (2), assimétricas (3) e convexas (4). Algumas pontas de projéteis apresentam serrilhas ou bordo denteado e são denominadas como serrilhado (a), quando assim são classificadas como fino (1), médio (2) e grosso (3). As dimensões das serrilhas são menos de 2mm, fina; de 2 e 3mm, média e 4mm ou mais, grossa.

A base (C) das pontas, serve para as pedunculadas e apedunculadas, pode ser reta, côncava, bifurcada ou convexa.

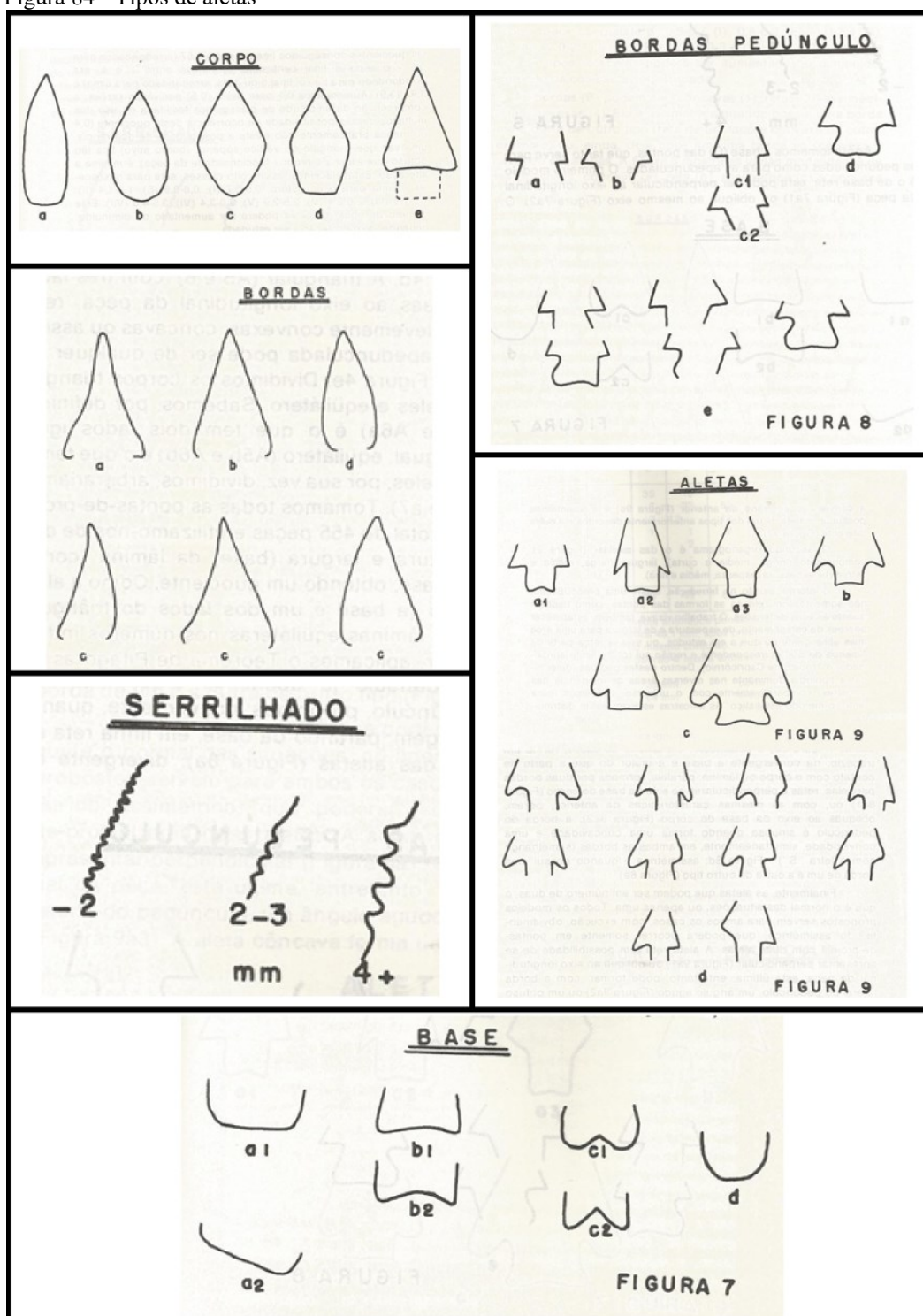
O primeiro modelo é o de base reta; esta pode ser perpendicular ao eixo longitudinal da peça (Figura 7a1) ou oblíqua ao mesmo eixo (Figura 7a2). O seguinte é o côncavo que poderá, a critério do pesquisador ser subdividido em 2 ou 3 tipos (suave, média e forte concavidade) [...]. O terceiro tipo é o de base bifurcada; este entalhe ou bifurcação pode ser formado por uma linha curva ou sinuosa (Figura 7c1) ou por duas linhas retas (Figura 7c2). O último modelo é o de base convexa (Figura 7d). Aqui, como na côncava, existe a possibilidade de subdivisão em suave, média e forte convexidade (RIBEIRO; HENTSCHKE, 1976, p. 14-15).

A borda (D) do pedúnculo pode ser convergente (a); divergente (b); paralela (c), perpendicular (1) ou oblíqua (2); sinuosa (d) e assimétrica (e). É

convergente, quando ambas as bordas convergem, partindo da base, em linha reta e obliquamente, em direção das atilas (Figura 8a); divergente é quando ambas as bordas, partindo da base do pedúnculo, em linha reta e obliquamente, seguem em sentido oposto em direção às atilas (Figura 8b) o pedúnculo, em ambos os casos, forma um trapézio; na convergente a base é a maior do que a parte de contato com o corpo ou lâmina; paralela, formada por duas bordas paralelas, retas e perpendiculares ao eixo da base do corpo (Figura 8c1) ou, com as mesmas características da anterior, porém, oblíquas ao eixo da base do corpo (Figura 8c2); a borda do pedúnculo é sinuosa quando forma uma concavidade e uma convexidade, simultaneamente, em ambas as bordas (semelhança com a letra “S”)- Figura 8d; assimétrica é quando possui uma borda de um e a outra de outro tipo (Figura 8e). (RIBEIRO; HENTSCHKE, 1976, p. 14-15).

A aleta (E) pode ser em número de uma (1) ou duas (2), pode ser reta (a) do tipo perpendicular (1) ou oblíqua (2) ao eixo longitudinal da peça, quando oblíqua pode formar um ângulo agudo (a) ou obtuso com a borda lateral do pedúnculo; côncava (b), convexa (c) ou assimétrica (d).

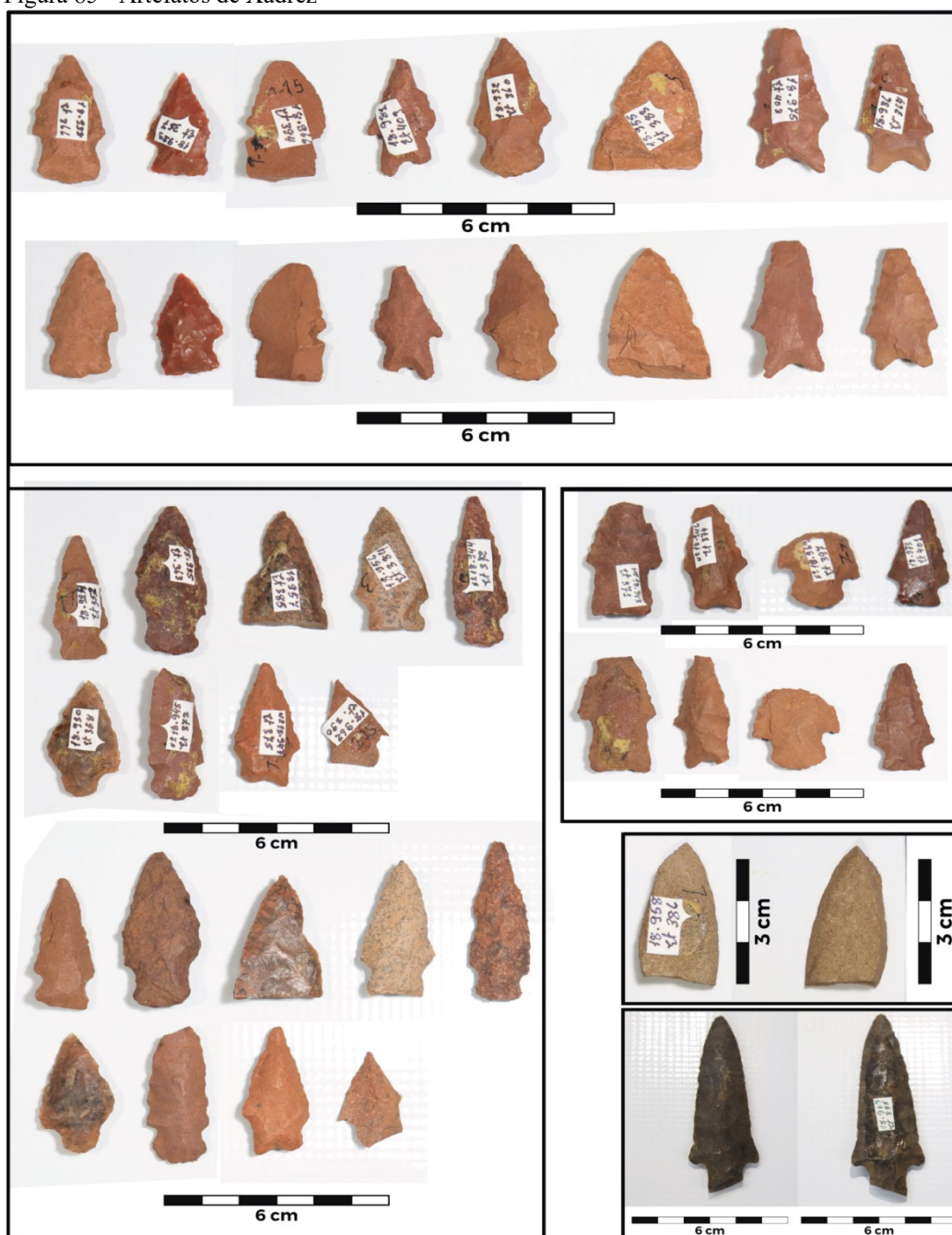
Figura 84 - Tipos de aletas



Fonte: Ribeiro; Hentschke, 1976. Agrupado por Lieli Kolling, 2023.

Das 60 pontas de flechas, denominadas dessa forma nas fichas de registro do Museu, foram analisadas 51, em virtude das demais apresentarem fraturas que impossibilitam a análise ou não foram localizadas no Museu. Salienta-se que além desse quantitativo, há outras pontas de flechas registradas nas fichas, especificamente 15 artefatos, porém a procedência não está informada nas fichas, mas possivelmente sejam oriundas de Xadrez em razão de características similares com a coleção. As Figuras 85 e 86 e o Quadro 3 apresentam esses artefatos.

Figura 85 - Artefatos de Xadrez



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.

Figura 86 - Artefatos de Xadrez



Fonte: Fotografias Lieli Kolling, 2023.



Quadro 3 - Classificação das pontas de projéteis de Xadrez

n.º registro	Classificação	Descrição
18.967	2 A6a- B2- Cb- Dc1- E2c	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é côncava (b); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perp (1); as aletas (E), em número de duas (2) são convexa (c).
18.964	2 A6a- B2- Cc2- Dd- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.940	2 A6a - B2- Cc1- Dd- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) curvil (1); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.942	2 A6a- B2- Cb- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é côncava (b); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perp (1); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.951	2 A6a- B4- Ca2 (incompleto)	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é reta (a) oblíqua (2).
18.941	2 A6a- B2- Cd- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perp (1); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.939	2 A6a- B3- Cd- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são assimétricas (3); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.952	2 A6a- B2- Cd- Dd- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.944	2A6a- B4- Cd- Dd- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.947	2 A6a- B2- Cc2- Dd- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).

18.943	2 A6a- B2- Cb- Dd- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é côncava (b); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) perpendiculares (1).
18.948	2 A6a- B2- Cd- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.945	2 A6a- B4- Cd- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.946	2 A6a- B2- Cc2- Dd- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.983	2 A6a- Ba3- De- E2a1 (incompleto/fratura)	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são serrilhadas (a) grossa (3); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) perpendiculares (1).
18.984	2 A6a- Ba3- De- E2a1 (incompleto/fratura)	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são serrilhadas (a) grossa (3); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) perpendiculares (1).
18.981	2 A6a- B3- Cc2- Da- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são assimétricas (3); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é converg (a); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.988	2 A6a- B3- Cc2- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são assimétricas (3); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2) são assimétricas (d).
18.986	2 A6a- Ba3- Cc2- Dc2- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são serrilhadas (a) grossa (3); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), oblíqua (2); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) perpendiculares (1).
18.985	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) perpendiculares (1).
18.982	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2) são retas (a) oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).

18.987	2 A6a- B2a3- Cc2- Da- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2), serrilhadas (a) grosso (3); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é convergente (a); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a) perpendiculares (1).
18.917	2 A6a- B2- Cc2- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c) retil (2); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.916	2 A6a- B2- Cd- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.915	2 A6a- B2- Cc1- Dc1- E2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), curvil (1); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são côncavas (b).
18.989	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E2a	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c) perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a) perpendiculares (1).
18.938	2 A6a- B2- Ca1- Dd- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), perpendicular (1); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a) perpendiculares (1).
18.932	2 A6a- B2- Cd- De- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.934	2 A6a- B2- Ca1- Dd- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), perpendicular (1); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.936	2 A6a- B2- Cc1- Dc1- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (1); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), perpendiculares (1).
18.930	2 A6a- B2- Cd- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.937	2 A6a- B2- Cc1- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), curvil (1); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo,

		um ângulo obtuso (b).
18.933	2 A6a- B2- Cc1- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), perpendicular (1); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.969	2 A6a- B2- Cd- Dc1- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), perpendiculares (1).
18.974	2 A6a- B2- Cd- De- E2a1	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), perpendiculares (1).
18.975	2 A6a- B2- Cc2- Da- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é converg (a); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.970	2 A6a- B4- Cd- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é conexa (d); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.973	2 A6a- B4- Cb- Da- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é côncava (b); a borda do pedúnculo (D) é converg (a); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.976	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.971	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E1d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de uma (1), é assimétricas (d).
18.977	2 A6a- B4- Cd- Dd- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.972	2 A6a- B2- Cc2- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), retil (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).

18.920	2 A6a- B2- Cc1- Dc1- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), curvil (1); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a), oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.927	2 A6a- B4- Ca2- De- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é reta (a), oblíqua (2); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.924	2 A6a- B2- Ca2- Da- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), oblíqua (2); a borda do pedúnculo (D) é converg (a); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.923	2 A6a- B2- Cc1- De- E2a2b	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é bifurcada (c), curvil (1); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de duas (2), são retas (a) oblíquas ao eixo longitudinal da peça (2), formando, com a borda lateral do pedúnculo, um ângulo obtuso (b).
18.925	2 A6a- B4- Ca2- Dc2- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são convexas (4); a base do pedúnculo (C) é reta (a), oblíqua (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), oblíqua (2); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.929	2 A6a- B2- Ca1- De- E1d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), perpendicular (1); a borda do pedúnculo (D) é assimétrica (e); as aletas (E), em número de uma (1), é assimétricas (d).
18.926	2 A6a- B2- Ca2- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), oblíqua (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.928	2 A6a- B2- Ca2- Dc1- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é reta (a), oblíqua (2); a borda do pedúnculo (D) é paralela (c), perpendicular (1); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).
18.935	2 A6a- B2- Cd- Dd- E2d	É uma ponta pedunculada (2), corpo (A) triangular (6) isósceles (a); as bordas (B) são retas (2); a base do pedúnculo (C) é convexa (d); a borda do pedúnculo (D) é sinuosa (d); as aletas (E), em número de duas (2), são assimétricas (d).

Fonte: Lieli Kolling, 2023.

As pontas foram elaboradas, em maioria, com rocha arenítica, sendo alguns exemplares em sílex e calcedônia, e menos frequente em basalto. Todas compartilham características comuns de possuírem aletas e pedúnculos, além de pequenas dimensões, o que sugere que tenham, de fato, sido utilizadas como projéteis. As formas e acabamento, entretanto, são variados e não seguem um estilo único, com vários exemplares, necessariamente, não sendo

bem finalizadas ou até próprias à utilização. Pré-formas também são identificadas, assim como pontas “inacabadas”, o que sugere que o local tenha, de fato, sido uma área de produção dessas pontas.

Há, também, várias pontas de pequenas dimensões (entre 3 a 2 cm), bem finalizadas, mas que parecem ter permanecido na área do sítio. As pontas maiores (com até 7 cm de comprimento) são raras e, também, aparecem com indícios de bom acabamento, o que sugere terem sido mais aptas à utilização. Observam-se alguns exemplares com delineamento serrilhado e a seção mais alongada com relação à largura e à disposição das aletas. O pedúnculo bifurcado é recorrente e apresenta uma característica específica para a sua preensão em uma haste.

De modo geral, as características compartilham aquelas vistas em coleções associadas à Tradição Umbu, principalmente no que tange às características de implantação de sítios a céu aberto e próximos a pequenos cursos de água. O local onde, provavelmente, esteja situado o sítio também dispõe de oferta de matéria-prima próxima, com afloramentos rochosos ao longo da área, apesar dos recorrentes impactos da agricultura. Embora apresente certa variabilidade, as pontas de menor dimensão predominam e compartilham as características, com poucas exceções.

A Tradição Umbu está ligada a uma forma de ponta de projétil e seu contexto. Não se tem conhecimento sobre a origem étnica do povo que as produziu. Constitui “[...] uma forma básica de lascar a pedra para fazer instrumentos. Umbu, então, é uma tecnologia, um instrumental a partir do qual se procura reconstruir cultura, idade e outras coisas, sempre a partir dos artefatos”. Tendo como indicador os animais caçados, afere-se ser uma Tradição típica da floresta Atlântica ou de florestas do interior (SCHMITZ apud CHITOLINA, 2022, p. 262). Conforme Kern (2009, p. 23),

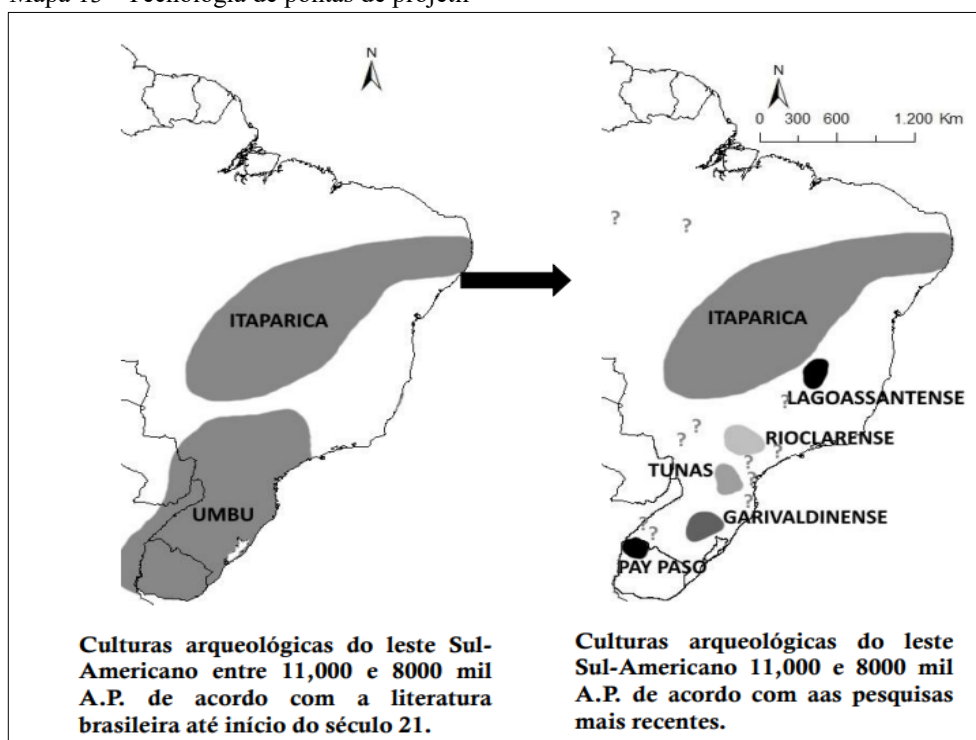
Os lugares onde esses caçadores-coletores estabeleciam seus acampamentos localizam-se nas margens dos principais rios, seus afluentes e pequenos arroios. Os sítios conhecidos se encontram, na sua maior parte, nas bacias dos rios Uruguai, Jacuí, Paraná, Paranapanema e Ivaí. Os locais escolhidos se encontram nas várzeas, nos terraços e mesmo nos topos de colinas ou platôs. Jamais se encontram afastados das pequenas lagoas, vertentes ou arroios, fontes de obtenção de água. Os rios e arroios, portanto, parecem ter desempenhado um papel fundamental como meios de comunicação, como vias de circulação das populações e das técnicas.

Em entrevista cedida a Valdirene Chitolina (2022, p. 43), o arqueólogo uruguaio José Maria López Mazz expõe que “os antigos portadores da Tradição Umbu (dentre outros grupos) seria o grupo indígena assimilado pelos Minuano-Guenoa, construtores de cerritos, distribuídos

em algumas regiões do Rio Grande do Sul e Uruguai – embora os Minuano-Guenoa tenham acrescentado outros elementos a sua cultura material, pois também eram agricultores e formavam uma sociedade mais complexa”. Para Mazz os Minuano-Guenoa estariam no final desse processo que se originou com a Tradição Umbu.

Nesse sentido, outras denominações são aventadas para essa tecnologia lítica, conforme João Carlos Moreno de Sousa (2019), a Tradição Umbu (Mapa 13), provavelmente não contemple todos os sítios paleoíndigenas da região fronteira Sul, onde as indústrias Tunas, Pay Paso e Garivaldinense teriam remanescentes, abrangendo regiões do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Mapa 13 - Tecnologia de pontas de projétil



Fonte: Sousa, 2019.

Complementarmente, Okumura e Araújo (2015, p. 78) salientam que

No Brasil, sítios que apresentam pontas bifaciais são comumente associados à Tradição Umbu. Sua criação remonta aos estudos desenvolvidos pelo Pronapa, cujos pesquisadores tentaram entender a diversidade do registro arqueológico através de tipologias e da criação de tradições e fases arqueológicas. Miller (1967, 1974), enquanto trabalhava na região do Vale dos Sinos e do Maquiné, no Rio Grande do Sul, criou três fases pré-cerâmicas cujos sítios apresentavam pontas bifaciais: Camuri, Umbu e Itapuí. Enquanto a Fase Camuri era caracterizada por sítios a céu aberto, as fases Umbu e Itapuí foram associadas a abrigos rochosos. A Fase Umbu seria a mais antiga (6.000 a 4.000 anos AP) que a Itapuí e predominariam pontas bifaciais pedunculadas e com corpo triangular, assim como pontas lanceoladas. A Fase Itapuí seria mais recente que a Umbu (4.000 a 1.000 anos AP), caracterizada por pontas com

pedúnculo bifurcado e corpo, algumas vezes apresentando bordas serrilhadas. Com base nesses estudos, a Tradição Umbu foi criada (DIAS, 2007).

Acrescenta-se à análise a possibilidade de associação à fase Camuri, considerando as características da paisagem onde teriam sido encontradas. Tais ponderações, ainda que importantes e consideradas, não cabem ao escopo desta pesquisa, cujo objetivo é mapear o potencial arqueológico da região em tela, no entanto somam complexidade aos artefatos que compõem o acervo estudado.

Os produtores de tais projéteis eram caçadores-coletores nômades estacionais, movendo-se de acordo com as estações. Teriam sido os primeiros a ocupar o recorte geográfico estudado, atraídos pela abundância alimentar oferecida pela floresta Atlântica. Seus assentamentos são encontrados ao longo dos grandes rios e arredores.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar os processos de ocupação da região do alto curso da bacia do Rio da Várzea é privilegiar espaços que nem sempre são contemplados pela pesquisa histórica, arqueológica e paleontológica. A partir dos registros paleontológicos e arqueológicos, evidenciados na região em estudo, podemos afirmar que constituem um importante potencial paleontológico e arqueológico, capaz de contribuir na explicação dos processos de ocupação do território.

A presença de paleotocas na região norte do estado constitui um importante registro da megafauna extinta de mamíferos gigantes. Tais ocorrências vêm sendo estudadas há relativamente, poucas décadas no Brasil, de modo que a importância histórica, ecológica e ambiental se amplia a cada ano. As paleotocas são ambientes extremamente férteis para a reconstrução da evolução da vida no planeta, compreensão de evoluções biológicas, adaptação ao uso como abrigos provisórios por animais e humanos, entre outros estudos como os geológicos. Atualmente, com a perspectiva das pesquisas espeleológicas, destaca-se o olhar para as espécies raras e endêmicas que vivem nesses ambientes.

Segundo Vicoski & Frank (2019), dentre as questões iminentes que se apresentam aos pesquisadores podemos citar a necessidade de esclarecimentos sobre a sua funcionalidade, que poderia ser tanto utilitária (defesa e abrigo), ou ainda ritualística (sepultamentos, rituais de caça, fertilidade, proteção). Certas paleotocas sugerem indícios de adaptações a fim de possibilitar a sua reocupação, a exemplo de orifícios no teto que poderiam atuar como respiros para a entrada do ar, visto que o oxigênio por vezes é rarefeito em determinadas porções dos túneis. A relação das paleotocas com as casas subterrâneas deve igualmente ser melhor esclarecida, uma vez que pode haver uma certa preponderância dos túneis no processo de escolha dos locais para o estabelecimento das moradias, sobretudo, nos sítios arqueológicos com casas subterrâneas interconectadas. O aprofundamento das pesquisas é urgente e necessário para o esclarecimento dos questionamentos e a formulação de novas abordagens. O aumento crescente por tais estruturas também pode contribuir para a elaboração de estratégias e políticas públicas voltadas à sua preservação e musealização.

Seriam necessários investimentos em estudos interdisciplinares, além de arqueológicos, bioespeleológicos, geoespeleológicos, climáticos, hidrogeológicos etc. Com ferramentas de escaneamento a laser, cálculos de estabilidade geotécnica, delimitação de área de influência, estado de conservação, entre outros. Somados a isso, planos de ação propostos pelas prefeituras, proprietários dos locais que abrangem paleotocas e mesmo pelo órgão nacional competente

(IPHAN), para mitigar os impactos nas cavidades são imprescindíveis, instalação de barreiras físicas e cercamento para limitar o acesso de pessoas não autorizadas, placas de sinalização, visitas regulares de segurança e monitoramento com aparelhos que registram parâmetros sobre as condições microclimáticas e eventos hídricos. Sem tais cuidados, todo potencial de informações para construção de conhecimento está em risco.

A partir do levantamento das pesquisas realizadas pelo Projeto Paleotocas, evidenciamos que até o presente momento o referido projeto tem registrado em seu banco de dados três estruturas na região norte do estado, cujas localizações são em São José do Ouro, Erechim e Áurea. No entanto, além dessas ocorrências, identificamos outras duas nos municípios de Novo Barreiro e Rondinha. Tais evidências constituem-se um importante registro paleontológico da megafauna extinta de mamíferos, além de bem patrimonial e contribuem na identificação dos processos de ocupação da região em estudo.

Já a incidência de vestígios arqueológicos materiais no alto curso da bacia do Rio da Várzea configura uma região com potencial arqueológico. Os artefatos estudados pertencem a duas tipologias de acervos, as coleções particulares, constituídas de objetos coletados por moradores dos municípios de Novo Barreiro e Rondinha, e coleções institucionais, pertencentes aos acervos arqueológicos do Museu Histórico Municipal de Chapada e do Museu Olívio Otto, localizado no município de Carazinho.

Ao congregarmos as coleções particulares com as museais, evidenciamos o potencial arqueológico da região em estudo, sendo que este registro arqueológico demonstra um processo de ocupação e povoamento articulado com o restante do estado do Rio Grande do Sul, situando a chegada mais remota no alto curso da bacia do Rio da Várzea, aproximadamente durante o período Holoceno inicial. Estas primeiras populações eram formadas por caçadores-coletores. Sua tecnologia lítica foi denominada pelos pesquisadores do PRONAPA como Tradição Umbu.

De forma geral, diante dos registros paleontológicos e arqueológicos apresentados ao longo deste trabalho, é plausível mencionar que a ocupação do espaço na região em estudo se deu durante o período da megafauna por animais gigantes e posteriormente por grupos de caçadores-coletores nômades estacionais que se moviam de acordo com as estações, atraídos pela abundância alimentar oferecida pela floresta Atlântica.

## REFERÊNCIAS

ARDENGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, ervateiros e coronéis, luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2003.

ARDENGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, ervateiros e coronéis, luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul*. 2. ed. - Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

AZEVEDO, L.W.; COPÉ, S.M.. *A Gênese das Galerias Subterrâneas do Planalto Sul-Brasileiro*. Revista de Arqueologia. V. 25, nº 1. São Paulo: SAB, 2012.

BUCHMANN, Francisco Sekiguchi de Carvalho; FRANK, Heinrich Theodor; LIMA, Leonardo Gonçalves de; CARON, Felipe; FORNARI, Milene; LOPES, Renato Pereira. 10 anos do projeto paleotocas: estado da arte. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO QUATERNÁRIO – ABEQUA, 13, 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: USP, 2011. p. 1-5.

BUCHMANN, Francisco Sekiguchi; FRANK, Heinrich Theodor; FERREIRA, Vitor Moreira Sandim; CRUZ, Erick Antal. Evidência de vida gregária em paleotocas atribuídas a Mylodontidae (preguiças-gigantes). *Revista Brasileira de Paleontologia*, v. 19, n. 2, p. 259-270, maio/ago., 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/307526053\\_Evidencia\\_de\\_vida\\_gregaria\\_em\\_paleotocas\\_atribuidas\\_a\\_Mylodontidae\\_preguicas-gigantes](https://www.researchgate.net/publication/307526053_Evidencia_de_vida_gregaria_em_paleotocas_atribuidas_a_Mylodontidae_preguicas-gigantes)>. Acesso em: 5 set. 2023.

BUCHMANN, Francisco Sekiguchi; LOPES, Renato Pereira; CARON, Felipe. Icnofósseis (Paleotocas e Crotovinas) atribuídos a Mamíferos Extintos no Sudeste e Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Paleontologia*, v. 12, n. 3, p. 247-256, 2009.

BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 14, n. 2, p. 477-495, maio-ago. 2019.

CALDARELLI, Solange Bezerra. Arqueologia e Recursos Hídricos: a evolução dos conceitos e procedimentos de avaliação e mitigação dos impactos de empreendimentos hidrelétricos. In: ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE IMPACTOS, 6, 1997, São Paulo. *Anais....* São Paulo: Secretaria Estadual de Meio Ambiente, 1997.

CHITOLINA, Valdirene. *Patrimônio e Memória indígena nas escolas públicas do Oeste Catarinense*. 2022. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS. Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. Museu Paraense Emílio Goeldi. *Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Belém, 1969. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/480/1/P%20Avul%20n12%201969%20Sim%20c3%b5es.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

COPÉ, S. M.; BARRETO, James Macedo; MOREIRA DA SILVA, Mariane. *12.000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul*. Catálogo da Exposição 12000 anos de História: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2013.

COSTA, Arthur Timótheo da. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. (Republicação do original de 1922).

DIAS, Adriana Schmidt; JACOBUS, André Luiz. Quão antigo é o povoamento do sul do Brasil? *Revista do CEPA*, v. 27, n. 38, p. 39-67, 2003.

FRANK, Heinrich. Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas. *Toca News*, n. 21, p. 1-10, abr. 2012. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews21.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2023.

FRANK, Heinrich. Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas. *Toca News*, n. 18, p. 1-7, set. 2011. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews18.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2023.

FRANK, Heinrich. Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas. *Toca News*, n. 28, p. 1-22, dez. 2013. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/TocaNews28.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2023.

GALHARDO, Danilo Alexandre; ZAGO, Juliana Aparecida Rocha Luz; PASSOS, Thiago Moraes; PEREIRA, David Lugli Turtela. Modelização gráfica da Pré-História do Rio Grande do Sul: os sítios arqueológicos ameríndios, culturas e temporalidades. *Revista Franco-brasileira de Geografia*, n. 36, 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/13918>>. Acesso em: 6 set. 2020.

GARCIA, Anderson Marques. Arqueologia Pré-Colonial: tipos de artefatos líticos e seus modos de produção. In: SEMANA NACIONAL DE MUSEUS DA UNIFAL-MG, 7, 2015. *Anais...* Alfenas, MG: UNIFAL, 2015. p. 1-12.

HOELTZ, Sirlei Elaine. *Artesãos e artefatos pré-históricos do vale do rio Pardo*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1996.

JACOBUS, André Luiz; ROSA, André Osório. Antigos habitantes do quadrante patruhense e os animais. *Revista Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo, n. 70, p. 241-254, 2013. Disponível em: <<https://www.anchietano.unisinus.br/publicacoes/antropologia/volumes/070/009%20-%20Jacobus%20e%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

KERN, Arno Alvarez. *Antecedentes indígenas*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

KERN, Arno Alvarez; JACOBUS, André Luiz. *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KOLLING, Lieli Coelho. *Abrigos subterrâneos e vestígios da história antiga em Novo Barreiro/RS*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2020.

KOLLING, Lieli Coelho. Vestígios Arqueológicos no Norte do Rio Grande do Sul. *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 157-176, 2021. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/12975>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

KOLLING, Sandro Luís. *Novo Barreiro: povoamento à emancipação*. 2008. Monografia (Graduação em História) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2008.

LOPES, Renato Pereira; FRANK, Heinrich Theodor; BUCHMANN, Francisco Sekiguchi de Carvalho; CARON, Felipe. Megaichnus igen. nov.: Giant Paleoburrows Attributed to Extinct Cenozoic Mammals from South America, *Ichnos - An International Journal for Plant and Animal Traces*, v. 24, n. 2, p. 133-145, 2017. DOI: 10.1080/10420940.2016.1223654.

LOPES, Renato Pereira; FRANK, Heinrich Theodor; BUCHMANN, Francisco Sekiguchi de Carvalho; CARON, Felipe . Megaichnus igen. nov.: Giant Paleoburrows Attributed to Extinct Cenozoic Mammals from South America. *Ichnos - An international journal for plant and animal traces*, v. 24, p. 1-13, 2016.

MILLER, Eurico Theofilo. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil ocidental. *Estudios Atacameños*, n. 8, p. 39-64, 1987.

MUSEU DA UFRGS. *As três ondas migratórias no RS: A história da ocupação do Rio Grande do Sul pode ser contada através de três grandes ondas migratórias*. 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/museu/as-tres-ondas-no-rs/>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MUSEU OLÍVIO OTTO. 2023. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=251903700055933&set=a.251903683389268>>. Acesso em: 14 set. 2023.

MUSEU OLÍVIO OTTO. Site do museu Olívio Otto de Carazinho. 2023. Disponível em: <<https://www.museuoliviootto.com.br/>>.

NEVES, Eduardo Goes. Uma rede de fios milenares: um esboço da história antiga do Rio Negro. *Baré: povo do rio*. Tradução. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 43-58. . Acesso em: 20 maio 2024.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872 – 2000. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 218-269, dez./fev. 1999-2000.

OKUMURA, Maria Mercedes Martinez; ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello. Desconstruindo o que nunca foi construído: pontas bifaciais ‘Umbu’ do Sul e Sudeste do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 20, p. 77-82, 2015.

OLIVEIRA, Mario da Silva. *Novo Barreiro e sua história*. Novo Barreiro: Gráfica Barreiro, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRAGA. 2017. Disponível em: <<https://www.braga.rs.gov.br/site/conteudos/1321-historia-do-municipio>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

PROJETO PALEOTOCAS. 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/index.htm>>. Acesso em: 5 set. 2023.

PROJETO PALEOTOCAS. 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/Boletim.htm>>. Acesso em: 5 set. 2023.

PROUS, André. *Pré-História Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz; HENTSCHKE, Oscar. Método para classificação de pontas-de-projétil e algumas aplicações práticas. *Revista do CEPA*, v. 3, n. 3, 1976 Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa/article/view/12344>>. Acesso em: 15 set. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. *Dados Gerais das Bacias Hidrográficas*. 2023. Disponível em: <<https://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura. *Bacia Hidrográfica do Rio da Várzea*. 2023. Disponível em: <<https://sema.rs.gov.br/u100-bh-varzea>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Org.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. *Pré-História do Rio Grande do Sul*. Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas 1991.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Ítala Irene Basile. Os primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio (Ed.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. Documentos 5. São Leopoldo: IAP, 2006. p. 65-100. Disponível em: <<https://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SOARES, Mozart Pereira. *Santo Antônio da Palmeira: apontamentos para a história de Palmeira das Missões, comemorativos do Primeiro Centenário de sua Emancipação Política*. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2004.

SOUSA, João Carlos Moreno de. *Tecnologia de Ponta a Ponta: Em busca de mudanças culturais durante o Holoceno em indústrias líticas do Sudeste e Sul do Brasil*. 2019. 445 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VERONEZE, Ellen. *A Ocupação do Planalto Central Brasileiro: o Nordeste do Mato Grosso do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; FRANK, Heinrich Theodor. *A problemática das galerias subterrâneas na arqueologia do sul do Brasil*. Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional. Passo Fundo: PPGF/UPF, 2013.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; FRANK, Heinrich Theodor. *The people of the paleoburrows assigned to pleistocene megafauna in southern Brazil*. In: FRANCO, Augusto Belan; BEWZIUK, Ewa; SZYKULSKI, Józef; WANOT, Jakub. *The latest results of American Studies*. Tambo, Boletín de Arqueología nº 4. Arequipa/Wrocław, 2019.

VICROSKI, Fabricio José Nazzari. *O Alto Jacuí na Pré-História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras*. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

## FONTES

Acervo arqueológico do Museu Histórico Municipal de Chapada

Acervo arqueológico do Museu Olívio Otto

Acervo pessoal da Dirce Maria Balestrin

Acervo pessoal da Eloisa Brancher

Acervo pessoal da Lurdes Terezinha Schreiner

Acervo pessoal do Camilo Massing

Acervo pessoal do João José Klein

Acervo pessoal do Sandro Luís Kolling

Boletins Informativos TocaNews do Projeto Paleotoca

Entrevista feita por Silvana Santos de Moura com o senhor Olívio Otto em 1990

Fichas de registro do Museu Olívio Otto

Projeto Museológico do Museu Olívio Otto

Termos de doação do Museu Olívio Otto



**APÊNDICE A - Quadro com a relação dos municípios com ocorrências de paleotocas  
noticiadas pelo Boletim TocaNews**

<b>Número, data e responsável pelo boletim Toca News</b>	<b>Título do boletim</b>	<b>Municípios com ocorrências divulgados através do boletim</b>
Número 8 Dezembro de 2009 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas na Região Metropolitana de Porto Alegre	Estância Velha- RS Sapiranga- RS Novo Hamburgo- RS Campo Bom- RS Soledade- RS Agudo- RS Santa Maria do Herval- RS
Número 9 Fevereiro de 2010 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas na Região Metropolitana de Porto Alegre	Riozinho- RS Estância Velha- RS Nova Hartz- RS Nova Santa Rita- RS Novo Hamburgo- RS
Número 10 Abril de 2010 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas na Região Metropolitana de Porto Alegre	Lindolfo Collor- RS Novo Hamburgo- RS São José do Hortêncio- RS Estância Velha- RS Campo Bom- RS Novo Hamburgo- RS (Lomba Grande)
Número 11 Junho de 2010 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas no estado do Rio Grande do Sul	Nova Santa Rita- RS Maratá- RS Ivoti- RS Morro Grande- SC Porto União- SC Boqueirão do Leão- RS Bom Retiro do Sul- RS
Número 12 Setembro de 2010 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas no estado do Rio Grande do Sul	Abunã- RO Ribeirão Pires- SP Castelhanos- CE Porto Alegre- RS Viamão- RS Ivoti- RS Montenegro- RS
Número 13 Novembro de 2010 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas de Paleotocas no estado do Rio Grande do Sul	São Leopoldo- RS
Número 14 Janeiro de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	São Joaquim-SC Lindolfo Collor- RS Lajeado- RS Ivoti- RS Boqueirão do Leão- RS Gravataí- RS
Número 15 Março de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Barão de Cotegipe- RS Balbina- AM Ivoti- RS Novo Hamburgo- RS São José do Ouro- RS Boqueirão do Leão- RS
Número 16 Maio de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Casca- RS Campina da Lagoa- PR Urubici- SC





Número 17 Julho de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Casca- RS
Número 18 Setembro de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	
Número 19 Novembro de 2011 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	São José do Ouro- RS Urubici- SC Gravataí- RS
Número 20 Fevereiro de 2012 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Palmital- PR Quedas do Iguaçu- PR Teixeira Soares- PR Tamarana- PR Mallet- PR
Número 21 Abril de 2012 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Timbé do Sul- SC
Número 22 Junho de 2012 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Santa Cruz do Sul- RS
Número 23 Setembro de 2012 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Vale Real- RS
Número 24 Dezembro de 2012 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Vale Real- RS
Número 25 Março de 2013 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	São Sebastião do Caí- RS Dom Pedro de Alcântara- RS
Número 26 Junho de 2013 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	
Número 27 Setembro de 2013 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Sertão de Araripe- Pernambuco São Lourenço do Sul- RS Grão Pará- SC Tapes- RS Minas Gerais
Número 28 Dezembro de 2013 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Erechim- RS
Número 29 Março de 2014 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Cambará do Sul- RS Entre Guaíba- RS e Camaquã- RS Honduras Huarochiri- Peru Rivera- Uruguai Tabaí- RS Lajeado- RS Taquara- RS Entre Guaíba- RS e Rolante- RS
Número 30 Junho de 2014 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Entre Extrema e Vista Alegre do Abunã, em Rondônia. Bom Retiro do Sul- RS Porto Alegre- RS
Número 31 Setembro de 2014 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Entre Bom Retiro do Sul- RS e Estrela- RS Bom Retiro do Sul- RS Fazenda Vilanova- RS Tabaí- RS Entre Guaíba- RS e Tapes- RS Porto Alegre- RS





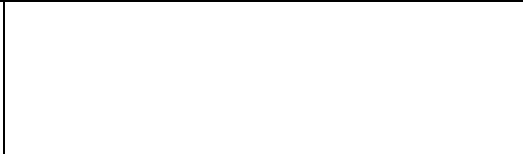
		Barra do Ribeiro- RS Maratá- RS
Número 32 Dezembro de 2014 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Próximo a Barra do Ribeiro- RS Pinhalzinho- SC Guaíba- RS Novo Hamburgo- RS Lindóia do Sul- SC Cambará do Sul- RS
Número 33 Março de 2015 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Pelotas- RS Xaxim- SC Ivoti- RS
Número 34 Maio de 2015 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	
Número 35 Agosto de 2015 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Vista Alegre do Abunã- RO Paverama- RS Montenegro- RS Guaíba- RS Novo Hamburgo- RS
Número 36 Dezembro de 2015 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	
Número 37 Março de 2016 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Timbé do Sul- SC Cristal- RS Caxias do Sul- RS Guaíba- RS São Francisco de Paula- RS Porto Alegre- RS
Número 38 Julho de 2016 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Erechim- RS Viamão- RS Guaíba- RS Nova Santa Rita- RS
Número 39 Outubro de 2016 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	
Número 40 Janeiro de 2017 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Estância Velha- RS Rondônia
Número 41 Abril de 2017 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Relvado- RS Ivoti- RS Cotiporã- RS
Número 42 Julho de 2017 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Timbé do Sul- SC Flores da Cunha- RS Santa Cecília- SC Nova Petrópolis- RS São José dos Ausentes- RS Barão- RS
Número 43 Dezembro de 2017 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Taquara- RS Gramado- RS São José do Hortêncio- RS a São Sebastião do Caí- RS Ibirubá- RS Tupanciretã- RS Bom Princípio- RS Alto Feliz- RS
Número 44 Março de 2018 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Taquara- RS Estância Velha- RS Caxias do Sul- RS Entre Bom Princípio- RS e Montenegro- RS






Número 45 Dezembro de 2018 Prof. Heinrich Frank	Boletim Informativo das Pesquisas do Projeto Paleotocas	Alto Feliz- RS Farroupilha- RS Gramado- RS
---	--	--





Elaboração: Lieli Kolling. Dados extraídos de: <<https://www.ufrgs.br/paleotocas/Boletim.htm>>.

**APÊNDICE B - Quadro síntese de artefatos arqueológicos da região em estudo,  
pertencentes ao acervo do Museu Olívio Otto**





<b>n. inventário:</b> 143 <b>n. registro:</b> 13.627 <b>n. seção:</b> Et 339	<b>Descrição:</b> Mão de pilão indígena	
	<b>Procedência:</b> Colônia Xadrez/Carazinho	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação Doador Elias de Marche	
	<b>Data de entrega:</b> 13/12/2002	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Comp:</b> 31 <b>Diâmetro:</b> 19 <b>Peso:</b> 2.000gr	
<b>n. inventário:</b> 146 <b>n. registro:</b> 4.914 <b>n. seção:</b> Et 68	<b>Descrição:</b> Machadinho indígena, feito de pedra	
	<b>Procedência:</b> Carazinho	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação Doador: Barão A. L. Holderbaum	
	<b>Data de entrega:</b> 18/11/1985	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 2 <b>Larg:</b> 5 <b>Comp:</b> 13 <b>Peso:</b> 250gr	
<b>n. inventário:</b> 160 <b>n. registro:</b> 4.940 <b>n. seção:</b> Et 94	<b>Descrição:</b> Machado de pedra indígena, usado para caçar, confeccionado em basalto.	
	<b>Procedência:</b> Região do Braga	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Não consta	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 22 <b>Larg:</b> 16,5 <b>Prof.:</b> 4,1 <b>Peso:</b> 2.100gr	
<b>n. inventário:</b> 181 <b>n. registro:</b> 14.395 <b>n. seção:</b> Et 342	<b>Descrição:</b> Fragmento de um vaso, feito de barro, artesanal. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, Distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 13 <b>Larg:</b> 18 <b>Comp:</b> 3,5 <b>Peso:</b> 400gr	
<b>n. inventário:</b> 189 <b>n. registro:</b>	<b>Descrição:</b> Boleadeira entrelada. (Usada pelos guaranis, especialmente para a caça de animais de pequeno porte).	
	<b>Procedência:</b> Região do Braga/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	




<p>4.942</p> <p><b>n. seção</b> Et 98</p>	<p><b>Data de entrega:</b> Não consta</p> <p><b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 6 <b>Larg:</b> 8 <b>Prof.:</b> 7 <b>Peso:</b> 100gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 191</p> <p><b>n. registro</b> 4.948</p> <p><b>n. seção</b> Et 102</p>	<p><b>Descrição:</b> Percutor de pedra.</p> <p><b>Procedência:</b> Região do Braga/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Não consta</p> <p><b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 2 <b>Larg:</b> 11 <b>Prof.:</b> 6 <b>Peso:</b> 200gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 223</p> <p><b>n. registro</b> 4.980</p> <p><b>n. seção</b> Et 134</p>	<p><b>Descrição:</b> Boleador indígena. Obs. Peça encontrada em sítio arqueológico existente (desativado) nas terras de propriedade do senhor Klaus- professor Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município Carazinho- Colônia Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> 1976</p> <p><b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 7 <b>Larg:</b> 7 <b>Comp:</b> 6 <b>Peso:</b> 300gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 236</p> <p><b>n. registro</b> 4.959</p> <p><b>n. seção</b> Et 113</p>	<p><b>Descrição:</b> Itaizás, objeto de pedra indígena.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho- Colônia Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> 28/04/1976</p> <p><b>Medidas (cm):</b> <b>Alt:</b> 4 <b>Larg:</b> 18 <b>Prof.:</b> 6 <b>Peso:</b> 400gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 238</p>	<p><b>Descrição:</b> Machadinho indígena, confeccionado em pedra. Encontrado nas terras do Sr. Afonso Alcides Loff</p>	





n. registro 4.913	<b>Procedência:</b> Passo Fundo	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> 29/09/1982	
n. seção Et 67	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 8 Larg: 6 Prof: 3 Peso: 150gr	
n. inventário: 246	<b>Descrição:</b> Alisador feito de pedra.	
	<b>Procedência:</b> Região do Braga/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Não consta	
n. registro 4.944	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 8 Larg: 6 Prof.: 3 Peso: 50gr	
n. seção Et 98		
n. inventário: 252	<b>Descrição:</b> Pedra grande.	
	<b>Procedência:</b> Carazinho	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação Doador: Barão A. L. Holderbaum	
	<b>Data de entrega:</b> 18/11/1985	
n. registro .862	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 10 Circ: 37 Comp: 2,5	
n. seção Et 16	<b>Peso:</b> 11.500gr	
n. inventário: 261	<b>Descrição:</b> Utensilio usado no cotidiano indígena, para os seus afazeres, mão de pilão, feito de pedra	
	<b>Procedência:</b> Região de Braga/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Não consta	
n. registro 4.937	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 22 Larg: 8 Prof: 6 Peso: 600gr	
n. seção Et 91		
n. inventário: 262	<b>Descrição:</b> Utensilio usado no cotidiano indígena, para os seus afazeres, mão de pilão, de pedra	
	<b>Procedência:</b> Região do Braga/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Não consta	
n. registro 4.939	<b>Medidas (cm):</b>	
n. seção		




Et 93	<b>Alt: 28 Larg: 7 Comp: 5 Peso: 1.3000gr</b>	
<b>n. inventário:</b> 263	<b>Descrição:</b> Mão de pilão, feito de pedra.	
<b>n. registro</b> ? (6684 ta na cedil)	<b>Procedência:</b> Município Carazinho-Colônia Xadrez/RS	
<b>n. seção</b> Et135	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação Doador: Vergílio Giacomelli	
	<b>Data de entrega:</b> 14/09/1988	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt: 40 Diâmetro: 21 Peso: 2.150gr</b>	
<b>n. inventário:</b> 284	<b>Descrição:</b> Artefato indígena biface. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente (desativado) nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro	
<b>n. registro</b> 18.968	<b>Procedência:</b> Município Carazinho-Colônia Xadrez/RS	
<b>n. seção</b> Et 396	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt: 1 Larg: 3 Comp: 3,5 Peso: 14,6gr</b>	
<b>n. inventário:</b> 285	<b>Descrição:</b> Objeto artesanal indígena de uso desconhecido, inclassificável, feito de pedra. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
<b>n. registro</b> 18.978	<b>Procedência:</b> Município Carazinho-Colônia Xadrez/RS	
<b>n. seção</b> Et 406	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt: 2,5 Larg: 4,5 Comp: 4 Peso: 427gr</b>	
<b>n. inventário:</b> 286	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha côncava confeccionada em basalto vermelho. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
<b>n. registro</b> 18.967	<b>Procedência:</b> Município Carazinho-Colônia Xadrez/RS	
<b>n. seção</b> Et 395	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> <b>Alt: 0,2 Larg: 1 Comp: 2,5 Peso: 7gr</b>	











<p><b>n. inventário:</b> 287</p> <p><b>n. registro</b> 18.964</p> <p><b>n. seção</b> Et 392</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada e serrilhada confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg: 1,5 Comp: 1,2 Peso: 9gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 288</p> <p><b>n. registro</b> 18.960</p> <p><b>n. seção</b> Et 388</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Comp: 3 Peso: 2,1gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 289</p> <p><b>n. registro</b> 18.959</p> <p><b>n. seção</b> Et 387</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 3 Peso: 2,2gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 290</p> <p><b>n. registro</b> 18.961</p> <p><b>n. seção</b> Et 389</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena, confeccionado em basalto.</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Comp: 2,5 Peso: 1gr</p>	
	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena</p>	






<p><b>n. inventário:</b> 291</p> <p><b>n. registro</b> 18.958</p> <p><b>n. seção</b> Et 386</p>	<p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,8 Comp: 3,5 Peso: 5,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 292</p> <p><b>n. registro</b> 18.966</p> <p><b>n. seção</b> Et 394</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 3,2 Peso: 3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 294</p> <p><b>n. registro</b> 18.963</p> <p><b>n. seção</b> Et 391</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1 Comp: 2 Peso: 4gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 295</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta, confeccionada em basalto vermelho.</p>	


<p><b>n. registro</b> 18.940</p> <p><b>n. seção</b> Et 368</p>	<p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2,5 Comp: 4,5 Peso: 7gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 296</p> <p><b>n. registro</b> 18.942</p> <p><b>n. seção</b> Et 370</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 4,5 Peso: 7,1gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 297</p> <p><b>n. registro</b> 18.951</p> <p><b>n. seção</b> Et 379</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg: 2,5 Comp: 5,5 Peso: 4,4gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 298</p> <p><b>n. registro</b> 18.941</p> <p><b>n. seção</b> Et 369</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1 Larg: 2,5 Comp: 6 Peso: 12gr</p>	

<p><b>n. inventário:</b> 299</p> <p><b>n. registro</b> 18.962</p> <p><b>n. seção</b> Et 390</p>	<p><b>Descrição:</b> Lasca de artefato indígena/ Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho. Obs.: peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p>	
	<p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p>	
	<p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p>	
	<p><b>Data de entrega:</b> 1972</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 300</p> <p><b>n. registro</b> 18.939</p> <p><b>n. seção</b> Et 367</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, sem forma definida- confeccionada em basalto/Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro</p>	
	<p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p>	
	<p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p>	
	<p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 301</p> <p><b>n. registro</b> 18.952</p> <p><b>n. seção</b> Et 380</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p>	
	<p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p>	
	<p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p>	
	<p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 302</p> <p><b>n. registro</b></p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr.</p>	





<p>18.944</p> <p><b>n. seção</b> Et 372</p>	<p>Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,2 Larg: 2 Comp: 4,5 Peso: 5,2gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 303</p> <p><b>n. registro</b> 18.954</p> <p><b>n. seção</b> Et 382</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,7 Comp: 1,7 Peso: 2,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 304</p> <p><b>n. registro</b> 18.947</p> <p><b>n. seção</b> Et 375</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Comp: 3,5 Peso: 4,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 305</p> <p><b>n. registro</b> 18.953</p> <p><b>n. seção</b> Et 381</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Comp: 2 Peso: 17gr</p>	





<p><b>n. inventário:</b> 306</p> <p><b>n. registro</b> 18.943</p> <p><b>n. seção</b> Et 371</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1 Larg: 2,2 Comp: 4 Peso: 8,5gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 307</p> <p><b>n. registro</b> 18.948</p> <p><b>n. seção</b> Et 376</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg: 1,7 Comp: 3,7 Peso: 4,4gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 308</p> <p><b>n. registro</b> 18.945</p> <p><b>n. seção</b> Et 373</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg: 1,5 Comp: 4 Peso: 5gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 309</p> <p><b>n. registro</b> 18.946</p> <p><b>n. seção</b> Et 374</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta- confeccionada em basalto vermelho.</p> <p>Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 3,5 Peso: 5,4gr</p>	




<b>n. inventário:</b> 310  <b>n. registro</b> 18.983  <b>n. seção</b> Et 411	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, feito em basalto vermelho	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,2 Com: 2,5 Peso: 1,9gr	
<b>n. inventário:</b> 311  <b>n. registro</b> 18.984  <b>n. seção</b> Et 412	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada. Obs.: Peças encontradas em sítio arqueológico- Sr. Pedro Augusto Mentz	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Com: 2,5 Peso: 1,6gr	
<b>n. inventário:</b> 312  <b>n. registro</b> 18.981  <b>n. seção</b> Et 409	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, confeccionada em basalto vermelho	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,8 Com: 3 Peso: 2,6gr	
<b>n. inventário:</b> 313  <b>n. registro</b> 18.988  <b>n. seção</b> Et 416	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, confeccionado em quartzo	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,2 Com: 2,5 Peso: 1,1gr	
<b>n. inventário:</b> 314  <b>n. registro</b> 18.986  <b>n. seção</b> 414	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, feito em basalto vermelho	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Com: 2 Peso: 1,9gr	





<b>n. inventário:</b> 315  <b>n. registro</b> 18.985  <b>n. seção</b> Et 413	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, confeccionada em basalto vermelho	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 316  <b>n. registro</b> 18.982  <b>n. seção</b> Et 410	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, feito em basalto vermelho	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 317  <b>n. registro</b> 18.987  <b>n. seção</b> Et 415	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha bifurcada, serrilhada, confeccionado em basalto vermelho.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 318  <b>n. registro</b> 18.917  <b>n. seção</b> Et 345	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 319  <b>n. registro</b> 18.918  <b>n. seção</b> Et 346	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada, serrilhada, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,2 Com: 2 Peso: 1,1gr	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,5 Comp: 2 Peso: 1,9gr	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,2 Com: 2 Peso: 1gr	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1,2 Com: 1,7 Peso: 1,2gr	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1 Com: 1,5 Peso: 6gr	










<p><b>n. inventário:</b> 320</p> <p><b>n. registro</b> 18.916</p> <p><b>n. seção</b> Et 344</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada, de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 4,5 Com: 6,5 Peso: 29,1gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 321</p> <p><b>n. registro</b> 18.919</p> <p><b>n. seção</b> Et 347</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 1 Com: 2,5 Peso: 9gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 322</p> <p><b>n. registro</b> 18.915</p> <p><b>n. seção</b> Et 343</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, bifurcada, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 4,5 Com: 7,5 Peso: 21,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 323</p> <p><b>n. registro</b> 18.989</p> <p><b>n. seção</b> Et 417</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa reta- confeccionada com basalto. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 3,5 Peso: 4,3gr</p>	





<p><b>n. inventário:</b> 324</p> <p><b>n. registro</b> 18.938</p> <p><b>n. seção</b> Et 366</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, confeccionada em basalto. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1,7 Comp: 3,5 Peso: 3,5gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 326</p> <p><b>n. registro</b> 18.932</p> <p><b>n. seção</b> Et 360</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, reta-confeccionada em basalto. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg:2 Comp: 3,5 Peso: 4,2gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 328</p> <p><b>n. registro</b> 18.934</p> <p><b>n. seção</b> Et 362</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta reta sem forma, côncava (base do pendúnculo)</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1,5 Comp: 3 Peso: 2,7gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 329</p> <p><b>n. registro</b> 18.936</p> <p><b>n. seção</b> Et 364</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, de forma reta, confeccionada em basalto. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 3,5 Peso: 3,6gr</p>	





<b>n. inventário:</b> 331  <b>n. registro</b> 18.930  <b>n. seção</b> Et 358	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, sem forma definida, confeccionada em calcedônia. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 3,2 Peso: 4,3gr	
<b>n. inventário:</b> 332  <b>n. registro</b> 18.937  <b>n. seção</b> Et 365	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, de forma reta, confeccionada em basalto. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg:1,5 Comp: 3,5 Peso: 3,6gr	
<b>n. inventário:</b> 333  <b>n. registro</b> 18.933  <b>n. seção</b> Et 361	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, reta-confeccionada em basalto Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1,5 Comp: 3,5 Peso: 2,7gr	
<b>n. inventário:</b> 334  <b>n. registro</b> 18.980  <b>n. seção</b> Et 408	<b>Descrição:</b> Raspador indígena	<p>Não localizada</p>
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 2 Peso: 3,7gr	

<b>n. inventário:</b> 335  <b>n. registro</b> 18.969  <b>n. seção</b> Et 397	<b>Descrição:</b> Artefato indígena biface. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 2 Larg: 5 Comp: 2 Peso: 6,5gr	
<b>n. inventário:</b> 336  <b>n. registro</b> 18.974  <b>n. seção</b> Et 402	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 3 Peso: 8,3gr	
<b>n. inventário:</b> 337  <b>n. registro</b> 18.975  <b>n. seção</b> Et 403	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 1,2 Larg:2 Comp: 3 Peso: 5,8gr	
<b>n. inventário:</b> 338  <b>n. registro</b> 18.970  <b>n. seção</b> Et 398	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1,5 Comp: 4 Peso: 2,8gr	




<b>n. inventário:</b> 339  <b>n. registro</b> 18.973  <b>n. seção</b> Et 401	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979 <b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 3,5 Peso: 4,2gr	
<b>n. inventário:</b> 340  <b>n. registro</b> 18.976  <b>n. seção</b> Et 404	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979 <b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1,5 Comp: 3,5 Peso: 2,6gr	
<b>n. inventário:</b> 341  <b>n. registro</b> 18.971  <b>n. seção</b> Et 399	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979 <b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:1 Comp: 2 Peso: 1,9gr	
<b>n. inventário:</b> 342  <b>n. registro</b> 18.977  <b>n. seção</b> Et 405	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979 <b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg:2 Comp: 3 Peso: 2,6gr	



<b>n. inventário:</b> 343  <b>n. registro</b> 18.972  <b>n. seção</b> Et 400	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 1,5 Comp: 2,5 Peso: 2,6gr	
<b>n. inventário:</b> 344  <b>n. registro</b> 18.979  <b>n. seção</b> Et 407	<b>Descrição:</b> Faca indígena- verificar peça	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt 0,7 Larg 4 Comp: 5 Peso: 28,6gr	
<b>n. inventário:</b> 345  <b>n. registro</b> 18.956  <b>n. seção</b> Et 384	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
	<b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 2 Comp: 4 Peso: 5,5gr	
<b>n. inventário:</b> 346	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	

<p><b>n. registro</b> 18.957</p> <p><b>n. seção</b> Et 385</p>	<p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 1,7 Comp: 1,7 Peso: 2,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 347</p> <p><b>n. registro</b> 18.955</p> <p><b>n. seção</b> Et 383</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 3 Comp: 3 Peso: 5,6gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 348</p> <p><b>n. registro</b> 18.920</p> <p><b>n. seção</b> Et 348</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, reta côncava, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 3 Comp: 5 Peso: 13gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 349</p> <p><b>n. registro</b> 18.927</p> <p><b>n. seção</b> Et 355</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa, reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 2 Comp: 6 Peso: 11,9gr</p>	

<p><b>n. inventário:</b> 350</p> <p><b>n. registro</b> 18.924</p> <p><b>n. seção</b> Et 352</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava convexa reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 1,2 Larg 2 Comp: 4 Peso: 4gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 351</p> <p><b>n. registro</b> 18.923</p> <p><b>n. seção</b> Et 351</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 2 Comp: 3 Peso: 9,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 352</p> <p><b>n. registro</b> 18.925</p> <p><b>n. seção</b> Et 353</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, convexa reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 2 Comp: 4 Peso: 7,8gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 353</p> <p><b>n. registro</b> 18.929</p> <p><b>n. seção</b> Et 357</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, reta-confeccionada em sárdio vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 2 Comp: 2,5 Peso: 2,8gr</p>	



<p><b>n. inventário:</b> 355</p> <p><b>n. registro</b> 18.926</p> <p><b>n. seção</b> Et 354</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 1,3 Comp: 3 Peso: 2,1gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 356</p> <p><b>n. registro</b> 18.928</p> <p><b>n. seção</b> Et 356</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava, reta-confeccionada em calcadônia. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do senhor Klaus- Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt 0,5 Larg 1,5 Comp: 3,5 Peso: 2,1gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 357</p> <p><b>n. registro</b> 18.935</p> <p><b>n. seção</b> Et 363</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, de forma reta, confeccionada em basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 3 Comp: 8 Peso: 15,3gr</p>	
<p><b>n. inventário:</b> 358</p> <p><b>n. registro</b> 18.922</p> <p><b>n. seção</b> Et 350</p>	<p><b>Descrição:</b> Ponta de flecha, côncava convexa reta de basalto vermelho. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.</p> <p><b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS</p> <p><b>Tipo de ingresso:</b> Doação</p> <p><b>Data de entrega:</b> Ano de 1979</p> <p><b>Medidas (cm):</b> Alt: 0,5 Larg: 2 Comp: 3 Peso: 6gr</p>	<p>Não localizada</p>

<b>n. inventário:</b> 359  <b>n. registro</b> 18.965  <b>n. seção</b> Et 393	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha- lasca de artefato indígena. Obs.: Peça encontrada em sítio arqueológico existente nas terras de propriedade do Sr. Klaus, Professor responsável Pedro Augusto Mentz Ribeiro.	Não localizada
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 432  <b>n. registro</b> 24.324  <b>n. seção</b> Et 432	<b>Descrição:</b> Ponta de flecha reta, sem forma definida- confeccionada em basalto vermelho	Não localizada
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 443  <b>n. registro</b> 24.335  <b>n. seção</b> Et 443	<b>Descrição:</b> Mão de pilão, de pedra.	
	<b>Procedência:</b> Município de Carazinho, distrito de Xadrez/RS	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Ano de 1979	
<b>n. inventário:</b> 445  <b>n. registro</b> 24.404  <b>n. seção</b> Et 445	<b>Descrição:</b> Urna funerária indígena	
	<b>Procedência:</b> Carazinho	
	<b>Tipo de ingresso:</b> Doação	
	<b>Data de entrega:</b> Não consta	
<b>n. seção</b> Et 445	<b>Medidas (cm):</b> Alt: 60 Diâmetro: 220 Peso: 17.500gr	

Elaboração: Lielí Kolling.